

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Impressa na Livraria Editora de

LEITE RIBEIRO & MAURILLO

3--RUA SANTO ANTONIO--3

Redacção: — Rua 7 de Setembro, 97 — 2.º andar

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil.....	um anno	7\$000
União Postal.....	" "	10\$000
Para o Brasil.....	6 mezes	4\$000

SUMMARIO

Pobres e remediados.....	H. T.
Os Estados e o ensino primario.....	—
Estatística escolar.....	Mario A. Freire
José Verissimo.....	R. N. Lindsay
Incidentes.....	X. Z.
Pela instrucção do povo.....	Antonio S. Cabral
Divagando.....	Malva
A instrucção nos Estados (Topicos da Mensagem do Presidente do Estado de Minas).....	—
Um memoravel periodo historico da educação nacional.....	F. Cabrita
O sentido do Atlantico na educação portugueza.....	João de Barros

A Escola Primaria.....	—
Cartas serranas.....	Maria Stella
Rigor delicado.....	Lavinia Gusmão
O avental.....	Amelia Rosa Ferreira
Calculo mental.....	A. M.
A Familia e a Patria (Palestra).....	M. L. de Araujo Lima
Através das Revistas:	

Não está prestando attenção!

O ensino da leitura

A taboada de multiplicar

} Helena

Respostas e informações.....

LIÇÕES E EXERCICIOS

POBRES E REMEDIADOS

O Sr. Dr. Frota Pessoa, em um artigo em que se exalçam os valores do seu estylo, volta, no ultimo numero da Escola Primaria a defender a ideia, por elle proprio dita "Ideia condemnada", da Municipalidade excluir das suas escolas primarias todas as creanças cujos paes estejam em condições de retribuir o ensino, ou, pelo menos, fazel-as pagar uma pequena taxa; reservando o ensino publico gratuito sómente para os absolutamente pobres, os incapazes de qualquer esforço pecuniario, a "ralé", como os denomina, de certo sem intenção peyorativa, o talentoso escriptor, parte relevante da Instrucção Municipal no Rio de Janeiro. E a razão apresentada para essa exclusão, que o Sr. Dr. Frota Pessoa acredita não ser feita por simples e erroneo preconceito democratico, é a de que ha uma consideravel massa de analphabetos pobres a que a Municipalidade não dá ensino porque a capacidade das suas escolas está esgotada com a invasão dos que podem pagar, e a capacidade financeira da Prefeitura igualmente para a criação de novas.

Ha, de começo, um evidente exaggero neste ultimo assérto; exaggero, não ignorancia, que seria injuria a quem, ao lado de cultura real, tem os elementos que o seu cargo faculta. A capacidade das escolas não está esgotada, como não está igualmente a da Municipalidade para a expansão do ensino. A massa de analphabetos que não recebem instrucção tem outras origens e outras causas, que devem ser procuradas fóra da concorrência dos melhor providos de recursos. Ella deriva de causas sociaes: do atrazo, da desordem e do egoismo de paes que não enviam os filhos á escola porque não vêem necessidade disto, porque descuam do presente e do futuro da fami-

lia e porque se valem do trabalho dos filhos em casa ou no serviço remunerado alheio; da miseria, que não permite a obtenção do calçado e da roupa para a frequencia escolar. E contra estes factores de nada serviria a exclusão dos que podem pagar, a não ser deixar um vasio que não seria preenchido por ninguem. Este é o lado material e irrecusavel da questão.

Ha ainda um outro aspecto que o autor da "Ideia condemnada" é o primeiro a considerar difficultoso: o criterio para a exclusão dos que podem pagar. Tirando uma pequena porcentagem de paes evidentemente com recursos, ficaria a grande massa dos pseudo-remediados, cuja apparencia nem sempre corresponde a meios effectivos e que teriam de retirar do ensino os muitos filhos com que são commumente doados pela sorte. Teriamos um novo problema ás avessas, simplesmente. Nada mais.

Mas, em principio, não podemos, apesar de tudo e sobre tudo, separar pobres, remediados e ricos na instrucção popular. Em face da unidade de ensino, da unidade de educação, que deve ser o escopo, que é o dever de todo o paiz que zela pela sua propria unidade, esse fraccionamento é um erro incontestavel, é, de facto, uma ideia condemnada. Mais ainda o é, neste momento de nivelamento social, a distincção pelo criterio das posses que o regimen estabeleceria, humilhando com a propria protecção e estygmatisando com o direito privativo que lhe daria—essa "vermina" de que falla o sr. Frota Pessoa e que não é mais do que a multidão dos brasileiros desafortunados dentro da mesma nacionalidade.

H. T.

Causas independentes do nosso esforço têm retardado a publicação da ESCOLA PRIMARIA. Assim, no interesse de regularisá-la, vê-se obrigada ainda a sua direcção a dar de uma só vez os números correspondentes a Junho e Julho. O desenvolvimento dado a este fascículo corrige, de certo modo, este facto, necessario para pôr em dia a revista.

I -- IDÉAS E FACTOS

Os estados e o ensino primario

As mensagens dos governos estadoaes aos respectivos Congressos publicadas no decurso de Junho a Agosto evidenciam quanto, felizmente, o problema da diffusão do ensino primario está sendo, nos Estados, uma preocupação dos poderes publicos, cujas manifestações a respeito já sahem do dominio theorico da necessidade, ha muito conhecida, dessa diffusão para entrar no terreno pratico do modo de realisá-la. Minas, S. Paulo, Santa Catharina tratam successivamente do assumpto, cuidando-o cada qual de accôrdo com a feição que assume em cada um, em face das necessidades e das difficuldades.

O governo paulista realça estas difficuldades, no ponto de vista financeiro; accentúa que em um orçamento de despeza de 107.408.785\$236 réis, «a maior de todos os Estados da Federação», as dotações para o ensino primario, «não incluindo as despezas de construcção de grupos e escolas», sobem a rs. 18.983:734\$; e declara que para dar a instrucção devida ás 247.000 creanças que não a recebem seria preciso gastar mais 19 mil contos, dispendio considerando impossivel diante dos outros compromissos da administração. Premido entre a urgencia do ensino e os estorvos financeiros, o presidente Washington Luiz entrega ás luzes do Congresso a solução do caso; opina, entretanto, que o ensino profissional não deve pesar sobre o Estado: «O ensino profissional secundario e superior, diz a mensagem, é util e até mesmo necessario; porém, não é elle gratuito, pela nossa Constituição. Deve elle, pois, ter remuneração, embora modica, para que não tome no orçamento espaço do primario, de obrigação irrecusavel».

Santa Catharina tem um duplo problema na questão do seu ensino primario: o do analfabetismo em si mesmo e o da nacionalização de grande parte do ensino, absorvido pelas escolas germanicas dos grandes nucleos de população allemã. A mensagem do seu governador registra com prazer o que tem sido feito em ambos os combates, com os pequenos recursos, tambem onerados de outros compromissos, do Estado do Sul. O dispendio com a instrucção, que era de 578:000\$ em 1915, subiu em 1919 a . . .

1.081:000\$, ou seja um augmento de 109 %; e o governador Hercilio Luz pode dizer, na mensagem, não sem justa vaidade, accentuando a divergencia entre a orientação catharinense e a de outros Estados: «Entendo que não é nesse titulo que se devem fazer córtes nem restricções». Em 1919 foram creadas 113 escolas novas, subindo a matricula a 20,292 alumnos, com um acrescimo de 4.090 sobre a do anno anterior, e attingindo a de 1920 corrente até Maio, a . . . 22.126. No dominio da nacionalização, fez fechar as escolas que funcionavam irregularmente, contra as exigencias do novo ensino, substituindo-as por outras legalmente organisadas, ao tempo que impunha ás escolas estrangeiras particulares a obrigatoriedade do ensino do Portuguez e da Historia e Geographia brasileiras. Assim, das 147 escolas particulares do Estado, 49 são consideradas estrangeiras, mas com aquella obrigatoriedade. Neste ponto, o Estado tem gradativamente progredido; e facil é de verificar, sabendo-se que em 1906, só em Blumenau, havia 108 escolas particulares, das quaes duas davam o ensino em portuguez, tres mantinham aulas nesta lingua e em allemão, 64 ministravam noções do vernaculo, e 39 não ensinavam uma só palavra delle. Para intensificar este duplo combate, o Sr. Hercilio Luz acha necessario o auxilio pecuniario da União e nesse sentido o deputado Celso Bayma apresentou um projecto ao Congresso.

A mensagem do governo de Minas tratada aqui por ultimo, é a primeira pela data. Deve-se dizer que se destaca igualmente pelo modo por que encara e ataca a questão. O Sr. Arthur Bernardes não se limita a expor o que ha feito, mas suggere ao Congresso as soluções que se lhe afiguram mais pertinentes ao soccorro immediato de que carece o desenvolvimento da instrucção popular no seu Estado. Como em outras circumscipções da Republica, o problema da expansão do ensino popular tem em Minas a difficultar-lhe a prompta solução o caso financeiro. Para attender á enorme população em idade escolar, e aos mesmos adultos que o nosso descaso tem deixado presa do analfabetismo, é mister hoje, apezar do já feito, um esforço pecuniario que aos governos regionaes se torna penoso e que o Sr. Washington Luiz accentuou bem no que toca a S. Paulo.

Minas dispense já com o ensino primario uma somma ponderavel. Mas as difficuldades para o Estado não lhe advêm sómente do numero de escolas a espalhar pelo extenso territorio; mas da necessidade de tornar aproveitavel, com mestres capazes e trabalhadores, o ensino em dadas localidades distantes e desconfortadas, aonde a remuneração do Estado nem sempre attrae professores idoneos. Para resolver este escolho, suggere o Sr. Arthur Bernardes o emprego da acção conjuncta do Estado e do municipio, mantendo aquelle o padrão uniforme dos vencimentos do magisterio, mas acrescentando este ao do professor de determinados escolas do seu territorio uma gratificação extraordinaria, que tornaria mais compensado o sacrificio e mais attrahente a cathedra pouco desejada. E', como se vê, nos varios aspectos, uma excellente solução.

O governo mineiro não se cinge, porém, na questão do ensino popular, ao caso da sua expansão, mas se preocupa com o do seu alcance. Assim, é dos que pensam que ensinar o povo não é dar sómente a capacidade de ler e escrever, mas sim aparelhal-o para a vida e tornal-o um seguro factor do progresso e da independencia economica do paiz, fornecendo-lhe os elementos necessarios do ensino profissional, nos seus aspectos manufactureiro, agricola e mercantil; consoantemente, serão dados nos grupos escolares, adoptado um criterio de preferencia conforme a zona, cursos d'esse ensino. Deste modo, Minas prosegue ininterruptamente a obra de melhoramento e expansão do ensino popular, que, iniciada na primeira gestão do Dr. Delphim Moreira — secretario de Estado —, propellida fortemente no governo João Pinheiro pelo Sr. Carvalho Britto e continuada ainda pelo Dr. Delphim Moreira, nas suas novas e successivas gestões, como secretario do Interior no governo Bueno Brandão e presidente do Estado, tem a servil-a agora a forte e lucida vontade dos Srs. Arthur Bernardes e Affonso Penna Junior.

Os topicos que publicamos dessa mensagem neste numero illustram bastante, no que diz ao desenvolvimento do numero de classes e da matricula e frequencia, este aspecto do ensino estadual no Brasil.

Estatística escolar

Ao inspector escolar, de accôrdo com o art. 126 do vigente decreto n. 981, de 2 de Setembro de 1914, cabe «organizar a estatística da população escolar do seu districto» (letra f).

Vagamente preceitúa o art. 16 da mesma lei que o numero de escolas primarias terá por base, tanto quanto possivel, a estatística infantil, devendo corresponder uma escola a cada grupo de sessenta crianças.

Será essa estatística infantil aquella mesma estatística da população escolar de que trata o art. 126?

Não temos elementos para saber como os actuaes inspectores têm entendido e estão cumprindo aquelle dispositivo.

Quem conhece as difficuldades que ha na organização de trabalhos de estatística sabe que, precisamente, uma das primeiras condições de éxito é a definição clara, a caracterização perfeita do phenomeno a ser observado ou dos elementos a serem collectados. Ora, no caso, não se sabe bem o que a lei manda apurar como população escolar, isto é, qual a unidade estatística de semelhante collecta.

Para accentuar a razão das duvidas formuladas a proposito daquelle vago conceito, não é preciso enumerar todos os quesitos que podem ser incluidos em qualquer inquerito sobre determinada parcella da população ou relativamente a certos grupos de individuos.

Trata-se porventura da população inscripta nas escolas de cada districto, o que é mais cabivel, dada a esphera de acção das referidas autoridades, ou — o que seria (mais desejavel, — da população do Districto Federal realmente em idade propria para matricula nas escolas?

Na primeira hypothese, o trabalho dos inspectores seria talvez uma redundancia, á vista da apuração feita obrigatoriamente nas duas secções que, pela actual disposição dos serviços municipaes, devem registrar a matricula indicada nos boletins escolares.

Na segunda hypothese, não se comprehende como possam os vinte e poucos inspectores escolares organizar tão importante censo. Isso mesmo ainda seria difficultado pela falta de limitação dos districtos escolares.

Accresce que a operação teria de ser realzada exactamente no correr do anno lectivo, pois, apenas esse ponto esclarece a lei: a estatística da população escolar, diz o art. 164, será feita, annualmente, em Setembro.

Avulta a necessidade de definir, para fins estatísticos, o que se deve entender por população escolar, si encaradas as duvidas, que dessa falta naturalmente haveriam de decorrer, sob o ponto de vista da condição essencial de uniformidade em tal ordem de trabalhos.

Como indicação de grande interesse, não se discute, por suas innegaveis vantagens,

o conhecimento exacto do numero de matriculados, como, o que é ainda de maior significação, do numero de alumnos que realmente frequentam as escolas. Conhecidos esses dois indices e principalmente o ultimo, a curiosidade, o interesse natural busca logo o confronto expressivo com o total de individuos em condições legaes de serem admittidos á escola.

Cabe nesse ponto, pela grande eloquencia de semelhante operação, lastimar que si, entre nós, fosse possível obter, annualmente como quer a lei, aquelles dois indices, ainda assim ficaria incompleto o estudo pela deficiência de dados do ensino particular.

A estatística do ensino privado é hoje, no Districto, um dos inqueritos de mais difficil observação, por parte da Municipalidade, depois que desapareceu da lei a faculdade da Directoria Geral de Instrução intervir nos estabelecimentos particulares de ensino — para fins de estatística, de moralidade e de hygiene, como prescreviam os primeiros regulamentos e leis republicanas sobre o assumpto.

A difficuldade augmentou com a disposição do dec. n. 838, de 1911, omittida na reforma do dec. n. 981 de 1914, pela qual se permittia a quem se achasse no livre gozo de seus direitos civis, abrir escola, independente de qualquer intervenção official (art. 3.º).

Não insistiremos na embaraçosa questão de assignalar rigorosamente os racionaes e mais acceitaveis limites de idade para o que, sob esse aspecto, se deveria entender por população escolar: neste municipio, bons ou máos, justos ou exagerados, hoje os temos afinal firmados, no maximo e minimo prescriptos no art. 6.º § 3.º do dec. n. 1.730, de 5 de Janeiro de 1916.

A leitura desse dispositivo, na parte em que não permite sejam nas escolas nocturnas admittidos alumnos *de menos de 13 annos*, nos fez voltar ao art. 16 do dec. n. 981 de 1914. Por este, o numero das escolas nocturnas será igualmente determinado pela Estatística, que indicará os pontos em que mais densa for a população analphabeta maior de 14 annos...

Não queremos dizer que a estatística a que se refere esse art. 16, seja ainda a mesma vaga *Estatística da população escolar* que annualmente em Setembro devem apresentar os inspectores escolares...

E' curioso notar a redacção do citado art. 126 quando diz que ao inspector escolar incumbe *organizar* a estatística da população escolar do seu districto, si comparada á do § 17 do art. 27 da lei organica, onde tambem se dispõe que ao Prefeito compete — *organizar* a estatística municipal em todos os seus ramos.

Com a disposição actual, assim tão cuidadosamente prescripta em leis, não deve ser por falta de estatísticas que tanto ainda se falla na necessidade de reorganizar o ensino primario.

MARIO A. FREIRE

José Verissimo

O Dr. José Verissimo, que a morte roubou tão cedo ao nosso convívio, não foi uma dessas individualidades vulgares, que desaparecem do scenario dos vivos para se afundarem no oceano eterno do esquecimento.

Tambem não foi um desses talentos fugazes, que brilham no firmamento das letras e das sciencias como um simples meteoro.

Foi um astro de certa grandeza, que deixou gravada a trajetória brilhante que percorrerá desde que surgiu no horizonte até que sumiu-se no occaso da existência literaria.

Teve por berço natalicio a Colonia Militar de Obidos, na Provincia do Pará no anno de 1857 e como progenitores o Dr. Verissimo de Mattos e D. Flora de Mattos.

Iniciou seus estudos primarios com a tenra idade de 7 annos na cidade de Manáos, indo completal-os no Seminario em 1868.

No anno seguinte chegou ao Rio de Janeiro para fazer preparatorios, primeiramente no Collegio Victorio e depois no Internato do Collegio Pedro 2º.

Terminados esses, matriculou-se na antiga Escola Central; adoeceu, teve de voltar ao Pará, donde, por ordem de seu pae, foi á Europa fazer uma estação de aguas medicinaes.

Foi nessa occasião que se revelou a sua tendencia literaria, fazendo-se respeitado no Congresso Literario de Lisboa, defendendo o seu estremo Brasil e principalmente os primorosos literatos de sua Patria, que eram vilipendiados pela calúnia grosseira dos congressistas lisbonenses.

De volta de sua terra natal, fundou em Belem o Collegio Americano, onde pela primeira vez se introduziram os methodos pedagogicos de Fröbel e de Pestalozzi.

Em 1889 volta á Europa, commissionado, para tomar parte no Congresso de Anthropologia Pre-historica, reunido em Paris.

O que foi o Dr. José Verissimo nesse memoravel Congresso de notabilidades mundiaes, dil-o seu memoravel trabalho — «O Homent Pre-historico da Ilha de Marajó».

Em 1891 volta ao Rio de Janeiro, onde exerceu, durante largo periodo de tempo, a direcção do Collegio de Pedro 2º.

Annos depois dirigiu a Escola Normal, onde era tambem professor.

Porém não é como administrador, embora correcto e zeloso, que José Verissimo faz jús á nossa benemerencia.

Porque todo o seu pendor era para a imprensa, pelo jornalismo; todo seu gosto, sua dedicação era pelas letras.

E' portanto como publicista que a Posteridade o tem de julgar.

E seus juizes são os seus trabalhos por elle publicados, que fornecem um grande espolio literario, que a Patria reconhecida carinhosamente recolhe ao Pantheon de seus Immortaes.

Como publicista, appareceu elle aos 17 annos na arena da imprensa, publicando apreciados artigos sobre instrucção publica e depois dous livros; a *Biographia de Littré* e as *Primeiras Paginas*.

Era membro do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, da Sociedade de Ethnologia e Anthropologia de Florença.

Fundou e dirigiu a *Revista Brasileira* e fazia parte da Academia de Letras do Brasil.

Escreveu a *Historia da Literatura Brasileira* e por fim o trabalho didatico — *Historia Geral e da Civilisação*.

*

Embora já se tenham passado alguns annos, parece-me estar vendo-o; a simplicidade de seus modos, a sinceridade de suas opiniões, os traços de sua physionomia sizuda, mas sempre expansiva, tinham um certo que de communicativo.

Character independente, espirito lucido e cultivado, sempre teve a felicidade da familia e a grandeza de sua Patria como dous idolos que elle venerava no sanctuario de seu coração com a maxima amizade e dedicação.

Ao depor a penna, seja este meu pequeno tributo de gratidão á memoria do Sr. José Verissimo um ramo de saudades em sua lapide funerea.

Rio, 31 de Julho de 1920.

R. N. LINDSAY.

Incidentes...

Dois incidentes de «*sport*» occorridos ultimamente e que, debatidos largamente embora, não tiveram para muita gente senão o valor restricto á victoria de um campeão, vem demonstrar quanto a escola primaria precisa intensificar o seu mister, tão importante quanto o de polir intelligencias, de educar civicamente o character e o sentimento das gerações que passam por ella.

Um movimento de rivalidade, uma irritação qualquer por motivo de uma taça disputada levou os dirigentes do *sport*, em um dos mais cultos Estados, a impedir que elementos valorosos do seu circulo, necessarios á formação do grupo que ia defender em terra alheia as cores brasileiras, tomassem parte na organização que era, no momento, a portadora do nome nacional; e não o fez impensadamente, mas accentuando bem, — e pondo o caso particular da região acima do interesse, senão de honra, ao menos de amor proprio nosso — que «os brasileiros» seriam derrotados sem elles. Em outro Estado, nesse mesmo prelio desportivo, uma aggremação de jogadores julgou-se sem dever algum de ligação com a terra a que pertencia e pretendeu filiar-se a um centro de outro paiz, paiz de fronteira e de raça diversa.

Houve clamor contra os dois factos; mas é preciso dizer que o clamor limitou-se ao circulo dos que se apaixonam pelas cousas de *sport*. Ninguem, fóra d'elle, viu nesses dois incidentes um afrouxamento do character nacional, uma lassidão do sentimento colectivo, tão forte e intenso que leva os homens á guerra e á morte pela honra de uma bandeira, e que ahí não tivera sequer a força de fazer pensar em que a honra da bandeira e o zelo da nacionalidade não estão apenas nos campos e nas lutas em que se mata e morre.

Ha talvez menos razão do que parece no ataque feito aos individuos que tomaram aquellas attitudes. Estes são uma consequencia do meio e da epoca, o expoente de uma crise de que nem elles proprios se apercebem talvez. Trabalhado por causas diversas, o orgulho patrio desintegra-se no orgulho de região, quando não se fracciona no de sociedade e de grupo. Ha mesmo os casos em que o individuo considera-se profundamente brasileiro, desaggregando-se da collectividade, desdenhando do interesse geral, sobrepondo nome e valor proprios ao nome do paiz, mettendo a patria dentro de si e do circulo em que se move. E' um desvio de visão, por falhas internas ou condições do exterior.

Só se estreitam os sentimentos collectivos na vida collectiva; e o momento actual dissocia, pelo egoismo, figuras e paixões.

E' á escola que está dado o grande papel de corrigir nas gerações novas, por uma intensa educação civica, esse desvio de visão e essa lassitude da cohesão nacional, de que incidentes, como o apello, ainda ha pouco, ao separatismo como remedio economico, são simples e avisadores symptomas.

O mal é maior do que parece; é preciso não descuidar do remedio.

Pela instrução do povo

O analfabetismo no Brasil... Que bello thema para discursos brilhantes, para conferencias floreadas, para digressões eloquentes em plataformas politicas quando se approximam eleições, para a apresentação de nomes que desejam sahir da obscuridade e galgar ás posições elevadas, onde a vida é facil, comoda e rendosa! Mas, passados os momentos de entusiasmo, calados os echos dos ultimos applausos, conseguidos os fins almeçados, tudo recae em silencio; nem uma iniciativa pratica, nem uma ideia duradoura a pró da obra meritoria! Palavras, palavras, só palavras que se perdem no ar. Entretanto, si ha no Brasil problema que se deva encarar com a maior seriedade é esse da organização do ensino primario.

De norte a sul, desde o litoral até os mais remotos sertões do interior, o Brasil reclama urgentemente um remedio efficaz que ponha termo a esse mal terrivel que lhe vai corroendo o organismo, ankylosando-o, impedindo-o de se por ao lado das outras nações adiantadas, neste tempo em que a lucta pela vida se torna cada vez mais augustosa, em que os problemas sociaes surgem com aspecto ameaçador, que obriga os homens de responsabilidade a olhar o futuro, cheios de apprehensões e cuidados.

Os povos são como as crianças. Si não tiverem uma educação e instrução convenientes, si não tiverem o espirito esclarecido pelo saber, estarão sujeitos a soffrer os peiores influxos; si os deixarem entregues aos proprios instinctos, ficarão aptos a commetterem os maiores desmandos, cujas consequencias terão de soffrer por longo tempo, maldizendo áquelles que não cuidaram em tempo do seu saneamento moral e aperfeiçoamento intellectual. E é quasi neste estado que se acha o Brasil.

Paiz novo, possuidor de vasto sólo, riquissimo de materias primas de toda a natureza, possuidor de grande variedade de climas, com um litoral immenso por onde poderão se escoar facilmente os mil productos de industria dos homens, elle acórda agora e dá os primeiros passos na senda do progresso; mas, aturdido pela ignorancia, tibatubêa, sem saber que faça de tanta riqueza que se acha á mão e que necessita de trabalho intelligente para ter valor. Falta-lhe a iniciativa, o entusiasmo, a confiança em si mesmo, o que só pela instrução poderá adquirir. E, sem coragem, comprehendendo (porque é intelligente) a extensão da obra a fazer, recae na indolencia, apavora-se, reconhecendo sua ignorancia e temendo hombrar com os outros paizes.

Que devem tentar, então, aquelles que têm a responsabilidade do governo? Fazer o que quasi se não tem feito até aqui: cuidar seriamente da instrução do povo, a começar pelo ensino primario, que é a base indispensavel a todo progresso humano. E' certo que em alguns estados, notadamente nos de S. Paulo e Minas, Rio Grande do Sul e Districto Federal, alguma cousa já se vai fazendo em beneficio do ensino popular; mas o que ha não basta, porque, mesmo nessas circumscrições da republica, a porcentagem de analfabetos é ainda vergonhosa para um paiz civilizado.

E' urgente, é inadiavel a criação do ministerio da instrução publica; não da instrução superior com programmas espalhados de academias e universidades, mas da instrução primaria, secundaria e profissional, da instrução commercial, industrial e, principalmente, agricola, porque é do nosso sólo abençoado, deste sólo uberrimo e fecundo, que se estende por milhares de kilometros quadrados, convenientemente cuidado e corrigido em seus defeitos, que nos ha de vir a independencia economica, a riqueza, e, portanto, a felicidade, e o respeito das óutras nações.

Estabeleça-se esse departamento da publica administração, incumbindo sómente de cuidar do progresso intellectual do povo brasileiro e onde, melhorando o que existe, uniformizando methodos e programmas, creando milhares de novos estabelecimentos de ensino, resolvendo as muitas questões que ainda estão por solucionar, trabalhem, inspirados do mais santo patriotismo e entusiasmo, os vultos mais eminentes de nosso paiz, como o têm feito, em paizes mais adiantados que o nosso, verdadeiros homens de sciencia.

Appellemos para os cidadãos illustres desta terra. Que elles se interessem pela causa do ensino publico, que desçam ás classes infantis, que visitem as escolas primarias, que indaguem dos methodos e processos a empregar, que aconselhem, que inspirem com as luzes de seu saber e que, principalmente, trabalhem pela difusão do ensino primario e agricola e terão feito obra digna.

Cuidemos menos de politica e ensinemos a ler a esses milhões de patricios que vivem mergulhados na ignorancia, empolgados pela rotina, victimas de superstições e prejuizos, atrasados, no tempo, de cem ou mais annos, usando processos já de ha muito condemnados e, por isso mesmo, produzindo penosamente um trabalho muitas vezes inferior ao que deveriam produzir.

Poucos são os homens de grande prestigio que se têm importado com a instrução publica em nossa terra. E desses, alguns que a principio a ella se devotaram, empolgados depois pela politica, tornaram-se-lhe indifferentes.

Imagine-se um Ruy Barbosa ministro da instrução publica. Com o alto saber e competencia que todos lhe reconhecem, com a admiravel capacidade de trabalho que possui, com o entusiasmo, o amor que sabe dar ás empresas a que se dedica, quanto teria lucrado o progresso intellectual do povo! E, de que esse homem illustre a principio vivamente prezou as questões pedagogicas, existem provas na admiravel reforma de instrução publica por elle elaborada, mas não executada pelo governo, e nessa utilissima e notavel traducção e adaptação da obra de Calkins — «Lições de cousas» — que, publicada ha mais de trinta annos é ainda hoje manuseada com carinho e proveito por muitos professores conscienciosos.

Na França, na Allemanha, na Austria, na Belgica, nos Estados Unidos, são os homens de mais responsabilidade que se preocupam com o ensino do povo; são elles que, sentindo bem o valor da obra em que se empenham, tratam carinhosamente de tudo quanto diz respeito á educação e instrução.

A época, na nossa terra, é de iniciativas brilhantes. Approxima-se a commemoração de nossa independencia politica e é preciso que alguma cousa se faça no sentido do melhoramento intellectual do Brasil.

A empresa é grandiosa e vale que os homens illustres se lhe ponham á frente, empenhando saber, boa vontade, entusiasmo, abnegação, como já o fizeram em outras campanhas que ficaram memoraveis na nossa historia.

Alliem-se sinceramente os governos dos estados e o federal com o firme desejo de fazer obra proveitosa e não lhes faltará o apoio dos particulares, sempre promptos a auxiliar os governos em seus nobres tentamens.

Que valerão formosas avenidas, monumentos admiraveis, obras sumptuosas, toda essa grandeza material, si o povo é de ignorantes, não tem o preparo sufficiente para comprehender todo esse luxo que lhe offerecem? Vistam de sedas e custosas rendas uma roceira analfabeta, enfeitem-n'a de custosas joias e colloquem-n'a em brilhante salão de baile, frequentado por gente fina e civilisada. Que papel fará?

Quem escreve estas linhas, ha 24 annos preocupado com as questões que dizem respeito ao ensino publico, tem assistido com tristeza ao desamor com que em geral é tratada a instrução do povo neste paiz. E é devido a isso que as estatisticas accusam a vergonhosa cifra de 80% de analfabetos na população do Brasil.

E' preciso, porém, que tal estado de cousas se modifique.

E' preciso que a luz sacrosanta do saber, penetrando nesses milhões de almas que exis-

tem no Brasil, escravas do peior dos captivos — a ignorancia — vá, n'uma redempção gloriosa, levantar energias, despertar iniciativas, inspirar commettimentos, promover, enfim, a grandeza, o progresso, o desenvolvimento desta grandiosa terra do Cruzeiro!

Julho — 920.

ANTONIO S. CABRAL

Divagando

Aguardam o bond duas professoras.

Uma é esbelta, clara, de olhar vivo a irradiar alegria; a outra é alta, morena, de olhos pretos, inexpressivos, amortecidos pela tristeza que transparece em toda sua pessoa.

Conversam. Diz a primeira: — «E' isso, F; dormiste um pouco mais do que devias.

Estão feitas as transferencias para as escolas vagas na zona urbana. Si tivesses cuidado disso, como fizemos nós outras, estarias a esta hora em logar mais commodo, livre das caminhadas a que te obriga a escola que te deram. Mas não desanimes: em breve novas vagas se darão, de professoras que se jubilam, e então poderás ser transferida».

A outra abanou a cabeça triste, desconsoladamente e replicou: — «Enganas-te, M., quando dizes que me descuidei. Desde muito tempo, filha, procuro obter uma transferencia, mas... Queres saber uma cousa? Falta-me o principal: um bom padrinho. Farta de saber debes estar que, nesta terra, sem «pistolão» pouco ou quasi nada se consegue. Além disso, garantiram-me que essas escolas não seriam preenchidas, que se pretendia acabar com o regimen dos turnos com duas escolas distinctas, que não se fariam novas nomeações enquanto existissem escolas, no mesmo predio, sob a direcção de duas professoras.

Eis o que me affirmaram e eu acreditei».

Chega um bond e ambas nelle tomam logar.

Imito-as, sentando-me num dos bancos de trás. Continuam ellas a conversar enquanto eu, longe demais para ouvil-as agora, concentro-me em meus pensamentos e medito em quanto ouvira...

O pistolão! Quando desaparecerá essa praga que nos persegue e mata o estimulo, o amor ao trabalho, o entusiasmo tão necessarios no professorado?

Quando se organizará um quadro comparativo das competencias verificadas, do verdadeiro merito dos professores primarios, dos adjunctos principalmente?

Tudo se faz pelos deveres do professor, nada pelos seus direitos.

Distincta collega organisou um dia umas tabellas que determinavam mathematicamente o merecimento de cada qual.

Essa idéa foi impugnada por muitos e... rejeitada.

Embora má, si quizerem, era uma idéa que deveria ser examinada, melhorada, corrigida. Nada disso se deu: repeliu-se a iniciativa e nada se fez, nem bom, nem mau.

E cada qual se reserva o direito de fallar contra o pistolão, embora utilizando-o sempre que pode. Pois é o unico meio de se fazerem abrir certas portas...

A culpa dessa omissão não pode ser atirada aos Directores de Instrucção, muitos dos quaes se mostram animados de grande espirito de justiça.

Mas que serve de base ao trabalho das commissões julgadoras do merecimento de professoras? Informações nem sempre verdadeiras umas, obedecendo outras a criterios diversos, embora expressas com sinceridade.

Lamento os membros dessas commissões. Pobres creaturas! Que de noites mal dormidas, agitadas, não deveis passar durante o tempo em que procuraes desvendar o mysterio desse abysmo repleto dos papeis das certidões!

O desanimo vae invadindo todo nosso professorado primario.

Ha queixas, lamentações, mas nada se tenta fazer para melhorar a situação. Espera-se tudo dos governantes, a tudo nos sujeitamos resignada, desalentadamente.

Não é preciso ir ao interior do Brasil buscar o especimen typico de nossos compatriotas: elle está bem perto, é estender o braço e pegar uma professora. (Digo professora, porque os professores vão conseguindo do Conselho suas leis particulares).

Esta senhora que aqui vai no bond, lamenta-se de não ter um «pistolão», mas não exige que se lhe reconheçam os direitos adquiridos, não sabe nem tem para quem recorrer das preterições e arbitrariedades que vem soffrendo. Resigna-se á sorte: soffre e faz soffrer o ensino e as pobres criancinhas.

Mas não! engano meu!

Ella disse que se resignara porque lhe afiançaram que não ficariam duas professoras na mesma escola, em turnos.

Oh! outra idéa boa que vejo assim morrer! Tambem eu me embalei na esperança de ver um dia substituidas por escolas grandes, escolas de verdade, dignas da capital do Brasil, todas essas escolinhas de bobagem, com meia dúzia de alumnos, a se ligarem umas ás outras pela proximidade de local, a se apartarem umas das outras pelas rivalidades de mestres e alumnos.

E eu applaudi a fusão de escolas... e sorriu-me a esperança de ver em breves tempos cada grupo de duas escolas fundir-se numa só, com uma só directora, não preenchidas as

vagas que se fossem dando. E antevi e gosei a felicidade das creanças, risonhas e felizes, a espalhar sua alegria em predios amplos, nos «grupos escolares» enfim construidos, recebendo, com a luz do sol e a pureza do ar, os elementos de bem equilibrada educação physica, moral e intellectual.

Esperança vã! Ephemera illusão!

Continuaremos a ter «menage a deux», os turnos, ou voltaremos ás escolas antigas, umas defronte das outras?

Ninguém responde, porque ninguém sabe o que vai ser o dia de amanhã.

MALVA.

A instrucção nos Estados

Topicos da mensagem do presidente do Estado de Minas Geraes ao Congresso do Estado em 15-6-920

«Instrucção — A educação popular que, em quadras normaes, deve constituir um campo de eleição para a actividade de todo governo consciente, tornou-se, agora, o problema vital, o maximo problema da nacionalidade.

Num momento em que, de todos os cantos da terra, a angustia economica tange a humanidade para o immenso celleiro do Brasil, á procura dos materiaes de reparação e de riqueza, é preciso — custe o que custar — que façamos desaparecer o lamentavel, o vergonhoso contraste entre a opulencia, as pompas, a grandeza do territorio e a miseria, a pequenez, a desconsolada fraqueza do homem que o habita.

Cumpre, a todo transe, fazer do brasileiro um homem digno da sua grande patria, capaz de fundir no seu passado, de integrar no seu sentimento, de assimilar na sua raça a volumosa corrente estrangeira que vai chegar, em vez de ser por esta absorvido e eliminado, como um servo da gleba em que nasceu.

A pedra angular dessa immensa e generosa construcção patriotica ha de ser o combate sem treguas e por todos os meios á ignominia do analfabetismo, causa primaria de nossa innegavel depressão social.

Emquanto a nação contiver em seu seio um numero inconfessavel de analfabetos, estará cancerada nas fontes de vida, irremediavelmente perdida na concorrência com os outros povos, incapaz de surtos progressistas, chumbada aos preconceitos e á rotina pelo peso morto do obscurantismo de seus filhos.

O horror de tal certeza cada dia me confirma mais fundamente na convicção de que todas as forças vivas do paiz devem actuar accordes e sem vacillações na tarefa de alto patriotismo da educação do povo.

As energias dos individuos, dos poderes municipaes e dos estadoes, sob a acção coordenadora da União, devem volver, a uma, para esse nobre esforço, em que pese a quaesquer leis que não sejam a suprema lei da salvação publica.

O Estado de Minas Geraes não tem, é certo, fugido a tão grande dever e, graças ao esclarecido civismo de seus dirigentes, se tem mantido na linha de vanguarda entre as unidades da Federação que melhor cuidam da instrucção elementar.

Basta lembrar que, ha dez annos, funcionavam no Estado 27 grupos e 1.495 escolas com a matricula total de 94.089 crianças, e a frequencia media de 44 %, ao passo que em 1919 funcionaram 166 grupos, com 1.167 classes, que correspondem a outras tantas escolas, e mais 1.477 escolas isoladas, tendo sido a matricula de 164.269 crianças e a frequencia de 50 %.

Mas, o muito que se tem feito deixa-nos ver o muitissimo que ha por fazer, em quantidade e em qualidade.

O numero de nossas escolas é de flagrante insufficiencia para a extensão do Estado e a sua população escolar.

Cumpré, antes de mais nada, attender a essa falha, multiplicando, com efficiencia, as casas de educação onde quer que ellas sejam com razão reclamadas.

Preocupado com a melhoria do ensino nos centros urbanos, mediante a installação de grupos escolares, de ha muito que o Governo do Estado não usava da attribuição regulamentar de crear novas escolas fora desses centros.

E' assim que os ultimos decretos creando escolas datam de Fevereiro de 1914. De então em diante, os pedidos de escolas para os diversos pontos do Estado foram escassamente attendidos com o expediente de se transferirem as de localidades em que se creavam grupos e as de outras em que a matricula ou a frequencia baixavam além do minimo legal.

Esta providencia, porém, de vantagem discutivel, não póde mais ser tomada com effiçacia, por isso que são já rarissimas as escolas que ficam em condições de ser transferidas, em contraste com os constantes pedidos de escolas para lugares em condições de obtel-as.

Parece de elementar justiça consignar que, se preferencia póde haver, neste particular, entre as exigencias das cidades e as das povoações ruraes, deve propender para estas ultimas a balança do poder publico, uma vez que a pobreza, a ignorancia, a ausencia de solicitações estimulantes do meio tornam muito mais difficil e rara entre os homens do campo a substituição da acção official pela iniciativa individual.

Levado por todas essas cogitações e causas, qual mais razoavel e premente, vou recorrendo á faculdade, que a lei confere ao Executivo, e recomencei desde o principio deste anno a installação de novas escolas.

Tenho-o feito até agora com a maior discreção, dentro das sobras que as licenças e vacancias deixam na verba geral da instrucção publica e depois de cuidadosamente examinados os titulos de cada localidade á criação que pleiteia.

Suggiro, entretanto, á vossa sabedoria a conveniencia de se consignar annualmente no orçamento, tendo-se em vista a maior ou menor folga de recursos, uma quota destinada á indispensavel multiplicação de escolas.

O Estado attenderá assim, progressivamente e sem quebra da prudencia financeira, ao mais elementar dos deveres democraticos.

A instituição em moldes mais amplos do ensino agricola ambulante, que preconizei em meu programma, abre talvez a oportunidade para iniciarmos, como tanto convém, nas escolas districtaes e ruraes o ensino rudimentar de agricultura pratica.

Os mestres de cultura levarão, nas excursões destinadas ao beneficio directo dos lavradores, a incumbencia accessoria de examinar, entre as escolas districtaes e ruraes, quaes as que, tendo-se em vista as dimensões do immovel, as condições do solo e da gente e as aptidões do professor, mereçam ser dotadas de pequenos campos de instrucção.

Vindos de paizes em que isto é de pratica corrente, poderão elles organizar o plano desse ensino agrario elementar, prestar assistencia technica aos professores, fiscalizar o funcionamento e os resultados praticos da instituição.

Sabido como a nossa gente acolhe bem e assimila depressa as idéas realmente proveitosas, é de esperar que o exemplo das primeiras escolas desse typo estimule a vocação e a iniciativa de outros professores, entretendo-se, pelo menos, na infancia dos campos o salutar amor pelas cousas da terra.

Escolas e Grupos — Existem no Estado 1.655 escolas singulares, assim classificadas: urbanas, 277; districtaes, 911; ruraes, 454; coloniaes, 13.

Para o sexo masculino, 505; para o feminino, 359; mixtas, 791.

Estão providas 1.492, sendo: urbanas, 259; districtaes, 827; ruraes, 393; coloniaes, 133.

Existem tambem 111 lugares de adjuntos a diversas escolas, assim classificados: urbanos, 53; districtaes, 54; ruraes, 4.

Estão providos: urbanos, 50; districtaes, 40; ruraes, 2. Vagos, 19.

Dos 219 grupos escolares creados estão installados e funcionando regularmente 166, com 1.167 classes, sendo 8 situados na Capi-

tal, 126 em cidades e villas e 32 em districtos.

Muitos delles funcionam em dous turnos, fazendo, assim, em muitos casos, o serviço normal de dous grupos.

Dos 178 municipios mineiros, 126 possuem grupo na séde, 29 têm-n'o apenas creado e 26 não o têm ainda.

Installaram-se, no correr do anno passado, os novos grupos de S. João Baptista das Cachoeiras, Palma, S. Gothardo e S. Geraldo e, no começo deste, os de Turvo e Abre Campo, estando prestes a installar-se os de S. Domingos do Prata e Abaeté.

Foi restaurado o ensino nos grupos de S. Manoel, Pequy, Itayutaba, Arassuahy e Santa Quiteria, que o tinham temporariamente suspenso.

Escolas infantis — As escolas infantis «Bueno Brandão» e «Delfim Moreira», da Capital, funcionaram com regularidade e apreciavel frequencia.

Movimento escolar — No 1º semestre de 1919 funcionaram no Estado 127 grupos urbanos, 30 districtaes, 232 escolas urbanas, 823 districtaes, 374 ruraes e 26 nocturnas.

A matricula nesses estabelecimentos de ensino foi de 144.467 alumnos; a frequencia de 74.210 e a porcentagem de frequencia sobre a matricula de 51,36.

No 2º semestre funcionaram 131 grupos urbanos, 31 districtaes, 234 escolas urbanas; 215 districtaes, 401 ruraes e 27 nocturnas.

A matricula foi de 164.269 alumnos; a frequencia, de 81.238, e a porcentagem da frequencia sobre a matricula, de 49,45.

Nos exames realizados no mez de Novembro foram approvados: no 1º anno, 21.157 alumnos; no 2º, 13.159; no 3º, 7.464 e no 4º, 3.974.

Ensino municipal e particular — Funcionaram, em 1919, 508 escolas municipaes e 701 particulares. Nas primeiras estiveram matriculados 22.878 alumnos e nas segundas, 20.737.

Não são dados completos, pois muitos municipios deixaram de prestar á Secretaria do Interior informações sobre as escolas creadas pelas respectivas Camaras e sobre as mantidas pelo esforço dos particulares.

Em 1908 — segundo o relatório do Dr. Carvalho de Brito, um benemerito do ensino — as escolas municipaes eram em numero de 668 e distribuíram ensino a 17.337 crianças.

Recordo esses algarismos para que as administrações locais, verdadeiramente dignas de seus postos, entrem a reparar a lamentavel estagnação da actividade educativa, a pedra de toque de um governo popular.

Sem uma constante, intensa e variada colaboração dos municipios, o rendimento util

da acção do Estado no ensino primario ficará grandemente lesado, pela falta de fiscalização interessada e pelos attrictos de natureza local.

Solicito, por isto, com grande instancia, o concurso dos poderes publicos municipaes para esse ramo da administração.

Ha zonas do Estado em que, pelo elevado custo da existencia, ou pelo desconforto decorrente das distancias ou da rudeza do meio, as cadeiras do ensino primario permanecem vagas e não atraem concurrentes idoneos.

O Estado, adstricto a uma lei geral para todo o seu vasto territorio, remunera seus professores com vencimentos fixados segundo media razoavel, mas bem pôde ser que, em um ou outro caso, não compensem elles ao funcionario os sacrificios impostos a estes pelas condições economicas ou sociaes do meio.

Toca ás localidades em que intervenhantae factores de diferenciação, o restabelecerem o equilibrio, concorrendo pecuniariamente para a manutenção das escolas estadoaes.

O municipio não teria, ahí, boas escolas proprias, sem um grande encargo financeiro; o Estado não pôde tel-as pela insufficiencia dos seus vencimentos, que obedecem a um criterio geral, e não regional. A subvenção municipal, conjugando economicamente os esforços das duas administrações, faria cessar a impressionante vacancia de escolas estadoaes em zonas de vida cara ou sem commodidades.

Cursos complementares — Com o fim de ampliar e integrar o ensino primario, o Regulamento Geral da Instrucção instituiu, em moldes praticos, os cursos complementares, que serão, segundo as zonas, industriaes ou agricolas, terão a duração de dous annos e funcionarão como accessorios dos grupos escolares e debaixo da mesma direcção destes.

Nenhum se installou, porém, até o presente, devido talvez á necessidade de aparelhamento especial e difficuldade de se encontrar o professorado tecnico que se requer.

Penso, entretanto, que se poderia ensaiar junto a uns poucos grupos um curso mais rapido e singelo de educação mercantil, comprehendendo a technica e a redacção commerciaes, estudo da lingua franceza, arithmetica commercial de feitio inteiramente pratico, escripturação de commercio, tachygraphia e dactylographia.

Este 5º anno complementar abriria aos alumnos do curso primario o caminho a um grande numero de profissões e ser-lhes-hia de grande auxilio em todos os campos de sua actividade.

Caixas escolares — A instituição das Caixas Escolares continua a prestar serviços auxiliando aos alumnos desprotegidos, sendo

assim um dos meios mais efficientes no incremento da frequencia escolar.

Existem creadas, junto aos grupos, 140 caixas escolares, que tiveram, em 1919, o seguinte movimento, constante dos balancetes enviados á Secretaria do Interior:

Renda, 43:521\$851, contra 34:845\$900, em 1918. Despeza 32:521\$771, contra 27:547\$700, no mesmo anno de 1918.

Vê-se que o excesso da receita de um para outro anno, foi de 8:675\$951 e das despezas de 4:706\$071.

Assistencia dentaria escolar — Fundada em 1914, vem funcionando regularmente desde 1915 a Assistencia Dentaria Escolar «Francisco Valladares», annexada aos grupos escolares centraes de Juiz de Fora.

Instituida por iniciativa de particulares, tem prestado bons serviços aos alumnos daquelles estabelecimentos, como se vê dos seguintes dados estatísticos:

Consultas, 3.331; Curativos, 15.829; extracções, 1.511; obturações diversas, 2.884; polimentos, 2.884; ablação de tartaro, 111; limpezas bucaes, 170.

Esses trabalhos, se feitos em gabinete particular, importariam em 46:766\$500, o qual dá bem a medida do beneficio dessa utilissima instituição.

No grupo escolas de Lavras, que se acha a cargo de um provector e devotado educador, installou-se este anno identico serviço e no de Tres Corações do Rio Verde fundou-se outro por iniciativa dos cirurgiões dentistas J. Garcia da Fonseca e Lucrecio Moreira Magalhães.

Na Capital, o Hospital de S. Geraldo, recentemente fundado junto á Faculdade de Medicina e sob a direcção dos acatados professores Drs. Renato Machado e Linneu Silva, se propõe fazer a clinica gratuita de olhos, ouvidos, nariz e garganta para a infancia pobre das escolas.

No grupo escolar Barão do Rio Branco funciona normalmente e com resultados um serviço de assistencia medica e será, dentro em pouco, montado, a expensas da Caixa Escolar Estevão Pinto, um excellent gabinete dentario para o tratamento systematico das mil crianças dessa importante casa de educação.

Deixo consignados estes nobres exemplos da iniciativa individual para que os imitem outros centros escolares de Minas e para que o Congresso examine e decida até que ponto o Estado deva e possa despertar e proteger a intervenção particular no indispensavel serviço de assistencia escolar.

Premios pecuniarios — O premio de 100\$ por alumno que inicia e conclue o curso primario em escola particular, instituido pelo art.

398 do Regulamento do Ensino, tem sido pleiteado por muito poucos educadores particulares, devido, talvez, ao louvavel rigor com que se apura o direito ao mesmo.

Obtiveram-n'o, no anno passado, as professoras DD. Francisca Tameirão e Maria Josephina de Araujo Valle, por terem dado promptos um e tres alumnos, respectivamente.

Predios e material para as escolas — Ficaram concluidos os predios dos grupos escolares de Abre Campo, Pirapóra, Rezende Costa, S. Domingos do Prata, Santa Quiteria e Santa Rita do Sapucahy.

Nessas construcções, dispendeu o Estado 379:438\$084.

Ficaram, tambem, concluidas as adaptações dos predios destinados aos grupos da cidade do Turvo e districto de S. Geraldo, municipio do Rio Branco.

Estiveram em construcção, durante o anno, os predios para grupos escolares de Abaeté, Dôres do Indayá, Jaguary, Leopoldina e Carmo da Matta, municipio de Oliveira.

Providenciou a Secretaria do Interior sobre a organização de projectos para a construcção dos predios destinados aos grupos de Araguary (novo edificio), Aguas Virtuosas, Caixambú, Villas Paraguassú e Paraopeba.

Durante o anno findo só foram autorizados serviços indispensaveis, de segurança e conservação de predios escolares, devido ao grande numero de compromissos assumidos pela administração passada, attingindo á importancia de réis 278:925\$399 os pagamentos effectuados por conta do credito correspondente, do orçamento da despeza do anno proximo findo.

Com aquisição de livros para os alumnos pobres, matriculados nos estabelecimentos de ensino primario do Estado, e giz, para uso dos professores, e com o fornecimento de material de expediente e hygiene necessario aos grupos escolares e de moveis a grupos e escolas isoladas, dispendeu a Secretaria do Interior, durante o anno passado, a importancia de réis 139:468\$830.

Uma já longa experiencia tem demonstrado que os creditos orçamentarios para «Fornecimento de Livros e Mobiliario Escolar» e «Construcções de Predios Escolares» não correspondem ás necessidades reaes do serviço, ainda quando feito em proporções modestas, senão deficientes: de onde o recurso constante a creditos extraordinarios, muitas vezes superiores á verba consignada, com grave prejuizo da execução orçamentaria.

E' assim que as dotações de taes verbas, nos dous ultimos triennios, têm sido sempre de 100:000\$ e 200:000\$000, respectivamente, ao passo que a despeza realizada foi a seguinte:

Material escolar — Em 1914, 171:128\$492; em 1915, 183:436\$068; em 1916, 94:419\$710; em 1917, 136:700\$320; em 1918, 189:382\$922; em 1919, 139:468\$830.

Construções — Em 1914, 460:821\$487; em 1915, 199:999\$861; em 1916, 265:682\$493; em 1917, 576:140\$843; em 1918, 647:302\$957; em 1919, 278:925\$599.

A média das despesas de construções escolares, incluída a de conservação dos prédios existentes, foi de 303:834\$513, no primeiro triennio, e de 500:789\$799 no segundo, ou 404:812\$206, no sexennio de 1914-1919.

A média da despesa de fornecimento de livros, mobiliário e material escolar foi de réis 149:658\$090, no primeiro triennio, de réis 155:187\$357, no segundo, ou 152:422\$723, no sexennio.

E' bem de ver que o numero crescente de prédios, cuja conservação incumbe ao Estado, e a elevação de preços de todas as utilidades hão de concorrer para agravar a discordancia entre as verbas votadas e o dispendio.

De nada valem essas e outras simulações orçamentarias, a não ser para induzirem em erro, com detrimento de nossos créditos administrativos, áquelles que procuram nos orçamentos o índice do zelo com que o Estado attende aos seus serviços.

O amor á sinceridade financeira, pela qual hei de me bater sempre, impõe-vos a fixação desses encargos de conformidade com as suas costumadas exigencias.

Um memoravel periodo historico da instrucção nacional

I

Em 1807 Napoleão, o famoso Bonaparte, não havia ainda attingido ao apogéo da sua grandeza como guerreiro de indomavel coragem, general de assombrosa tactica militar; não era ainda o legendario.

«...heroe de mil batalhas,
que o destino dos reis nas mãos continha;
...heroe que com a ponta do seu gladio,
no mappa, das nações traçava as raias!»

Entretanto, o seu titulo de *vencedor d'Austerlitz* já aterrorizava a quantos mal sonhavam com a sua espada ameaçadora.

Por isso, quando, por determinação sua, aguerridas hostes francezas, sob o commando do general Junot, em Novembro do referido anno de 1807, transpuzeram os Pyreneus, atravessaram a Hespanha, invadiram o terri-

torio portuguez e a 30 do mesmo mez attingiram a foz do Tejo, mal puderam lobrigar as ultimas naus da grande frota que, sulcando o Oceano, conduzia a remotas plagas acompanhada de numerosissima comitiva, toda a familia imperial reinante em Portugal.

Era chefe dessa familia e chefe da nação portugueza D. João, que governava com o titulo de Príncipe Regente, em nome de sua mãe, a rainha D. Maria I, a quem um desequilibrio mental afastára do throno.

Na sua fuga dirigira-se D. João para o Brasil, aportando na cidade de S. Salvador da Bahia, onde desembarcou a 24 de Janeiro de 1808.

Ahi encontrou o sabio José da Silva Lisboa, que, bahiano de nascimento, havia passado a sua mocidade em Portugal, estudando na então famosa e severissima Universidade de Coimbra, onde deixou tradição gloriosa do seu talento e de invejavel amor ao estudo, e onde se diplomou em direito canonico e em philosophia, aos 23 annos de idade, já sendo então, na propria Universidade, professor substituto, por concurso, de grego e hebraico.

Celebre escossez, Adão Smith, havia illustrado o seculo anterior com adiantadas theorias sobre a natureza e as causas da riqueza das nações. Das suas doutrinas era Silva Lisboa propangandista entusiasta e valoroso.

O principe regente, que já o conhecia como brasileiro de grande erudição e de elevada honorabilidade, não tardou em attender aos conselhos de tão adiantado economista. Pela carta regia de 28 de Janeiro, isto é, quatro dias depois do seu desembarque, determinou que fossem admissiveis nas alfandegas do Brasil todos e quaesquer generos, fazendas e mercadorias transportadas em navios estrangeiros das Potencias que então estavam em paz e harmonia com a corôa de Portugal.

Essa resolução, que se resume na abertura dos portos do Brasil ás nações amigas, foi uma victoria para a civilização da nossa patria, o primeiro élo da corrente que deveria conduzi-la á sua independencia politica, a primeira pedra lançada na construcção do «novo Imperio» (1) que o proprio D. João declarou vir crear, quando do Rio de Janeiro e com a data de 1º de Maio do citado anno de 1808 dirigiu áquellas nações extenso manifesto em que expunha os motivos que haviam obrigado a Côrte portugueza a passar-se para o Brasil.

Mas, detenhamo-nos; não é de factos politicos que nos queremos occupar. Este trabalho é restrictamente destinado aos factos

(1) «Não é com injurias, nem com vãs e inuteis ameaças que a côrte de Portugal levantará a sua voz do seio do NOVO IMPERIO que vae crear.»
(Do Manifesto. Apud MELLO MORAES -- *Chorographia Historica*, 1853).

da instrucção no periodo em que, aqui, no solo brasileiro, esteve D. João. Visa principalmente mostrar que seus decretos revelam carinhoso interêsse pela causa publica e a preocupação de estimular as forças vivas do paiz em beneficio do seu progresso e da sua civilização. Isto é, este trabalho visa estudar aquillo que não se estuda na «*Historia do Brasil*» ou que, pelo menos, se estuda tão perfunctoriamente, que passam despercebidos

importantissimos serviços do governo de D. João á causa da nossa cultura intellectual, quando, entretanto, bem se póde dizer que elle foi precursor dessa cultura e firmou curto, mas, memoravel, memorabilissimo, periodo historico da instrucção nacional.

(Continúa)

F. CABRITA

O sentido do Atlantico na educação portugueza

(Conferencia realisada na Bibliotheca Nacional)

Apenas para de qualquer modo mostrar o meu reconhecimento ao penhorantissimo convite dos illustres Inspectores Escolares do Districto Federal — e nunca por julgar que as minhas palavras possam conter qualquer beleza ou qualquer ensinamento — aceitei o honroso encargo de inaugurar as Conferencias Escolares d'este ano. Sinceramente — não sei como agradecer tal distincção, cujo alto valor aprecio, cujo significado excepcional me desvaneece em extremo. Só lamentamento não poder trazer aqui novas concepções, e novos pontos de vistas. A escacez de tempo, a circumstancia de estar nas vesperas da minha partida para a Europa, a natural, a irreprimível comoção de quem vae deixar uma terra e um povo que tanto ama — tudo isso me não permittiu fazer um trabalho novo. Vós me desculpareis, por certo, atendendo a que não quiz deixar de aceder á uma carinhosa e lisongeira insistencia. De resto, eu não tinha outra maneira de agradecer aos dirigentes e aos professores do Districto Federal, a recepção extraordinariamente amavel que me fizeram nas suas Escolas. Parece um paradoxo — mas é verdade: — venho agradecer-vos, abençoando-vos durante uma hora!... Mas — para que n'essa hora haja ao menos uns minutos que vos pertençam, deixae-me dizer rapidamente o meu encanto e a minha admiração por tudo quanto vi e observei nas vossas escolas. Tenho visitado, na minha vida, muitos estabelecimentos de educação e ensino. Pois afirmo-vos aqui, sem a menor sombra de lisonja, que o espirito educativo e a orientação pedagogica que presidem á vossa obra notabilissima, são verdadeiramente dignas do mais fervoroso louvor.

Nas vossas escolas — as creanças representam realmente, aos vossos olhos o que ellas de facto são: — o Futuro da Patria. Para o vosso escrupuloso cuidado, para a vossa sciencia de educadores, para a vossa

arte de mestres, nada é demais quando se trata de crear e despertar, na consciencia da infancia, a consciencia maior da grandeza e da capacidade do vosso paiz. Com uma ternura incomparavel, com um conhecimento exacto e proficuo da alma infantil, com a posse completa de todos os meliores processos educativos, e com o sentimento profundo das necessidades patrioticas — vós deveis estar contentes da tarefa que vos impuzestes, do porvir que dia a dia argamassaes, edificaes, ergueis ao Sol magnifico da vossa magnifica terra. Para dizer estas pobres palavras de justiça, eu esqueço propositadamente o carinho da recepção que tive nas vossas escolas. Esqueço tudo quanto vos ouvi contar sobre meu Portugal — com uma ternura que, de tão grande, só podia ser expontanea. Esqueço a inesquecivel impressão que me deixa na alma o hymno do meu povo cantado por setecentas vozes infantis, e cantado com uma tal intenção e uma tal intuição que ellas pareciam de ha muito habituadas a sentir e a colher as suas notas heroicas no ambiente que respiravam. Fallo-vos apenas com a minha observação, com o meu raciocinio. E é sem exagero que vos confesso, n'uma alegria que decerto adivinhareis, o meu contentamento em saber assim, mais uma vez, que não ha destino grande que o Brasil não deva esperar — elle que é já um destino de esplendida maturação — quando os seus filhos são educados por mestres como vós, orientados por taes educadores, encaminhados para a vida com uma tal firmeza de pensamento e uma tão ardente e forte sensibilidade civica...

Uma coisa vos quero dizer ainda: — é que, depois do que vi e ouvi nas vossas escolas, se enraizou mais em mim a convicção segura (que ha tanto tempo tenho) de que o Brasil ama Portugal, ama e estima Portugal com um sincero affecto de irmão. A esse affecto eu — como portuguez

devia corresponder, com palavras brilhantes e com eloquência sugestiva... Tragos, apenas, um coração agradecido... Mais vae ser a minha palestra — em que reconheceréis certas velhas afirmações minhas (mas eu não sei mudar!) e nenhuma novidade pedagógica ou literaria... Perdoae-me, minhas senhoras e meus senhores, — pois que sem contar com a vossa generosidade eu não me teria atrevido a aceitar o vosso lisonjeiro convite... Não vos ofereço um ramo de flores inebriantes; nem rosas, nem cravos, nem lyrios... Somente um punhado deervas rasteiras — das ervas rasteiras que nascem á beira do mar do meu paiz, nos rochedos asperos e infecundos... Que ellas ao menos espalhem, n'este ambiente hospitaleiro, o seu perfume simples, mas forte, e aquella ancia de vida tenaz que as não deixa morrer, nunca mesmo curvadas pelos temporaes bravios, e resequidas pela sua luta terrível, contra a infertilidade do solo... E' pouco, mas nada mais possuo para dar-vos...

*

Venho falar-vos d'um assumpto que, sendo alheio a toda a pratica pedagogica, é, no entretanto, de fundamental interesse para a organização e desenvolvimento d'uma boa educação civica, nos paizes de extensa orla maritima, como o vosso e o meu.

E, sem duvida alguma, um assumpto demasiadamente poetico para os sabios; demasiadamente vago, talvez, para os escriptores positivos; e, certamente, pobre demais em tudo que diga respeito a melhor methodologia ou processologia do ensino. Mas — rico de sugestões e de ensinamentos, e revelador, o que talvez vos não seja indifferente — do estado actual da alma portugueza, de novo embebida, repassada, fortalecida por esse *sexto sentido* que deve ter todo o bom e leal lusitano: — o *sentido do Atlantico*. Por elle, Portugal saiu do seu pequeno casulo e abriu azas de fé e de victoria por sobre o vasto mundo. Por elle, Portugal creou sciencia, arte, uma literatura, uma architectura, — e um nome respeitado entre os mais respeitados... Por elle, Portugal se volta hoje; de toda a unanimidade da sua consciencia, de todo o sentimento do seu coração, de toda a simpatia da sua alma simples e sincera, para a grande nação sua irmã que é o Brasil, onde me traz, precisamente, mais do que a paixão das viagens, mais do que a natural curiosidade do meu espirito, mais, talvez, do que o desejo vehemente de tornar a ver amigos muito queridos e terras muito admiradas, o impulso irremovível da alma portugueza, impellido-me a conhecer-vos e amar-vos melhor

— para melhor obedecer aos dictames e aos destinos da minha Raça!

N'uma conferencia, ha poucos mezes realisada em Lisboa, em que o Dr. Silva Telles, erudito professor de Geografia na Faculdade de Letras da Universidade, retoma certas afirmativas d'outro homem illustre, Ricardo Severo, ha interessantissimas observações que nos explicam a existencia do *sentido do Atlantico*. E' preciso dizer-vos que essa conferencia tem um duplo valor: — o valor intrinseco das suas afirmações e do sua documentação; e o valor *historico* de explicar de maneira irrefutavel e nitida as razões porque Portugal não pode realizar o seu destino futuro para os lados da Hespanha, mas, sim, para o lado do mar. N'ella se vê explicada, com effeito, — e é com alegria que o verifiquei — a, por assim dizer, automatica independencia dos dois paizes ibericos, n'um momento em que, precisamente, varios politicos e tratadistas hespanhóes parecem crer o contrario. Vejamos como.

Assim, na 10.^a conclusão do seu estudo, o Dr. Silva Telles diz: *foi principalmente da autonomia geografica de Portugal que surgiu a Patria Portuguesa*. Como, reparae bem, estamos longe das teorias do grande Oliveira Martins! O acto de vontade, a que ele exclusivamente attribuia a formação politica do paiz, vê-se agora — e o Dr. Silva Telles irrefutavelmente o demonstra — que não foi só condicionado pela existencia de certos caracteres da raça, pela expansão de um grupo ethnico devidamente caracterizado, mas ainda pela propria situação geografica de Portugal. D'esta maneira se explica, a uma luz nova, a permanente irreductibilidade entre as duas nações vizinhas, que uma outra conclusão da conferencia mais acentua; *a conformação geral de Portugal é excentrica, voltada para o Oceano, emquanto a da Hespanha é concentrica e continental*. Toda a razão das nossas descobertas e conquistas, pode encontrar-se nesta frase simples.

Portugal, disse o Dr. Silva Telles, *é um edificio com as suas janelas abertas para a maior estrada do mundo, o Atlantico*. Foi o Atlantico a estrada da nossa gloria, da nossa riqueza, da nossa civilização. Nenhuma razão appareceu ainda, até hoje, para que elle não o continue ser — não há da gloria épica e da aventura maritima; mas da expansão do nosso genio e das ineluctaveis necessidades do nosso progresso.

Nenhuma razão — pode, certamente, apparecer, negando esta profunda orientação da alma portugueza. Talvez porque eu seja poeta, acredito sempre nos Poetas, maximos condensadores do potencial da raça. A's vezes, mesmo, até acredito em mim... Ora, simul-

tanea como a actual renascença literaria que se observa em Portugal, encontra-se a resurreição do nosso *sentido do Atlantico*. Nos poetas, principalmente, o facto é de facil verificação. Desde os livros de Affonso Lopes Vieira aos poemas de Mario Beirão, desde as líricas de Augusto Gil ás poesias filosoficas de Teixeira de Pascoaes, e ao lyrismo epico de Jayme Cortezão, o amor do Mar ergue-se e canta a cada instante, estreitamente ligado ao amor da Patria.

Como simples demonstração do que afirmo, peço-vos licença para ler uns versos meus, evitando assim recitar mal versos alheios, dignos de melhor sorte. Chamam-se elles:

O PASSADO

A voz do Mar é como um grande bater
[d'asas...
O velho pôrto dorme. E entre o silencio
[fundo

As ondas, ao morrer no limiar das casas,
Trazem na espuma leve o desejo do mundo.
Leve espuma!... Suspira assim que beija
[a terra.

E' menos do que pó. Desfaz-se pelo ar.
Mas não sei que perfume a flôr da espuma
[encerra

Que perfuma d'anseio a vastidão do Mar!...
Oh! como eu sinto aqui o seu encanto
[amargo

O seu encanto incerto, em que a distancia
[chora,
Com paisagens surgindo entre a névoa do
[largo,

Com saudades do Sol e maciezas da aurora!
Diz-me gritos do longe o cicio da espuma...
E sob a noite negra eu recomponho e vejo,
Scenários de beleza, ilhas verdes na bruma,
Regiões que eu nunca vi, céus claros que
[desejo...

E enquanto as ondas vem morrer junto das
[casas
O velho pôrto — só, no silencio profundo,
Lento e lento desperta ao grande bater
[d'asas

Do Mar que traz consigo o desejo do mundo!
Desperta... E já relembra o seu Passado
[morto.

No cais, rumorejando, a faina recomeça.
Caravelas e naus partem do alegre pôrto
Onde o vento é mais doce e a vida uma
[promessa.

Ha multidões cantando. Ha risos de energia.
Ha gestos de ambição em corpos de coragem.
E no seio das mães, a arfar de nostalgia,
E' maior do que a dor o orgulho da viagem!
A frota aparelhou abrindo as velas todas...
Adeus!... Adeus!... Gageiro, olha bem on-

[de vais!
O dia é todo Sol, como um dia de bôdas...

E ha nos olhos da gente ardencias nupciais
Para o Mar a sorrir de espumas virginais...

Depois a volta, a volta em plena e viva
[glória
Olhos pasmos de ver maravilhas e abismos,
O sabor doloroso e moço da vitória,
E uma Pátria a nascer de supremos herois-

[mos!...
No cais — um desrolar de riquezas ignotas,
A colmeia feliz do trabalho e do amor,
E mais velas ao vento, e mais naus, e mais

[frotas
Prestes a desbravar mais rumos de esplendor!
[dor!

Assim o velho pôrto acorda — e scisma.
[Assim
Lembra a glória distante, a alegria passada.
E a saudade que o punge enovela-se a mim
E, onda que se desfaz, é cinza, é morte, é

[nada...
Doe mais do que uma queixa esta recordação...
[ção...

Faz-nos mal evocar a fôrça ou a beleza
Quando, ao ressuscitá-la, o nosso coração
Sabe que tudo acaba em névoas de incerteza...
Por isso eu interrogo a noite misteriosa
Como quem interroga a verdade futura:

Da Terra vem subindo uma agonia ansiosa,
Do céu desce uma paz de engano ou de
[amargura...

Nem um murmúrio agita o silencio profundo!
Nem uma luz de vida este silencio vela!
Sob a treva, maior, são ruinas as casas,
Junto ao cais não palpita a amarra d'uma

[vela.
Mas, teimosa, a fluir como o lume entre as
[brasas,
Alada como a fé e o desejo do mundo,
Insistente e febril de secreto fervor,

— A voz do Mar é toda um grande bater
[d'asas
Entre a noite a buscar novos sóis de fulgor!

Este é o canto de esperança incerta... Mas outra esperança maior nasceu em nós, com o despertar da alma nacional. Ricardo Severo, de que ha pouco falei, portuguez eminente, fundador da «Portugalia» — revista de estudos scientificos sobre as origens portuguezas — deu-nos, ha muitos anos já, os primeiros ensinamentos para o fortalecimento da nossa fé patriotica. N'essa publicação excellente, fez-se a psychologia do nosso povo, explicou-se a sua genealogia, determinaram-se os seus caracteres fundamentais, e documentou-se a razão de ser da

nossa existencia independente. Acabo de saber, ha pouco, que o eminente erudito chegou a conclusões completas sobre esses motivos da nossa autonomia e da nossa formação como povo livre: — pode ter-se a certeza de que Portugal, mesmo antes de se chamar assim e de se constituir em reino, já possuía uma fisionomia propria e nunca se misturara ou confundira com as populações varias da Hespanha varia... O movimento creado pelo erudito escriptor alastrou na consciencia da nação. Em 1911, n'uma conferencia realisada em S. Paulo, no salão do douto Instituto Historico e Geografico, Ricardo Severo afirmava, depois de ter largamente estudado a *Lusitania*:

— «Deste conjuncto de observações, estudos e hypotheses, resulta como epilogo, não obstante uma aureola nebulosa que a sciencia mal dissipa, um paiz, a *Lusitania*, um povo, o *Lusitano*, cujas condições mesológicas e etnicas, muito embora a sua complexidade, lhe garantem autonomia dentro do classico mundo europeu». «Dentro d'esse paiz d'hoje, *continua o conferente*, localisado como ao tempo do geografo Strabão, está o nucleo d'uma nacionalidade moderna, a *Portuguesa*, proveniente d'esse anterior composto ibero-ligure; apesar das suas diminutas proporções, resiste e reconstitue-se sob os grandes cataclismos historicos que assolam o paiz, e lucha heroicamente pela sua independencia, ocupando algumas paginas da humanidade com as suas epopeias de immorredora e universal gloria...»

Estas palavras, ditas em 1912, resumiam e definiam o *estado d'alma* do povo portuguez, que precisamente recomeçava a possuir n'essa época a consciencia da sua *civilização occidental*. Consciencia, ou instinto, se quizerem, de tal modo importante e real em nós — que só para o *ocidente*, pode dizer-se, e só — pelo *ocidente*, realisámos uma verdadeira obra de expansão — perdidas rapidamente, como foram, os esforços, os trabalhos, as luctas que travámos no delirio da miragem oriental. Como as montanhas descendo para o mar; com os caminhos todos desembocando, nunca do lado da Hespanha, sempre do lado do Oceano; com a contemplação permanente do Sol que, subindo ao céu, se sumia por detraz dos vastos horizontes da agua, florindo em scenarios de prodigio, abrindo novas perspectivas á imaginação e á curiosidade do homem como não havia de nascer nos velhos lusitanos o *sentido do Atlantico*? Tanto nasceu — que por elle triumpharam os portuguezes d'outras éras. Hoje mesmo, se nos sentimos mais patrioticamente portuguezes, logo se afirma e se ergue em nós, forte e imperioso, o sentido do Atlantico... E' que se prova, como recentemente me disse e

demonstrou tambem Ricardo Severo, que os portuguezes primitivos foram de principio grandes navegadores, grandes curiosos de aventuras, grandes conhecedores do mar. Antes dos fenicios, antes dos gregos. Assim, essa parte da educação d'um povo, aliaz importantissima, que vem do meio natural e das circunstancias sociaes e — sinceramente o penso — dentro da qual é necessario moldar todo e qualquer sistema educativo e aplicar n'um paiz para que elle dê resultado, e crie e oriente os futuros cidadãos, — veí-nos para nós, portuguezes, do mar que banhava as nossas costas e nos atraía a imaginação, a ambição e o sonho.

Permiti que eu vos faça um pequeno resumo da influencia do mar na vida social do meu paiz.

Por elle explicarei o valor do sentido do Atlantico:

Diz-se, ás vezes, que a atracção do Mar e das riquezas occultas em terras distantes nos afastou um pouco do cuidado e do amanho da Terra Natal. Mas esse facto deve-se sobretudo á falta de governantes que fossem administradores, que, sem desprezarem as novas conquistas, não esquecessem a velha terra dos seus avós. Um tivemos, de mais a mais, que foi assim: D. Diniz. Chamam-lhe o Lavrador. Mas não foi elle tambem quem primeiro se occupou da navegação marítima? Foi. E não seria no reinado dele que se plantou o pinhal de Leiria com o fim de fornecer madeira para as construções navaes? De certo. Pela navegação e commercio respectivo muita gente enriqueceu nessa época e, ao mesmo tempo que a navegação se desenvolvia, a agricultura progredia. Porque não se conservou este estado de coisas? Porque os reis deixaram de ser bons governantes. Porque desde a morte de D. João II todos se hipnotizaram com as expedições á India. E o povo, que não tinha, que não podia ter a noção exacta dessas coisas, era levado um pouco pela imprevidencia dos reis. Mas comprehendia tanto, ainda que obscuramente, a sua situação, que o maior interprete da alma nacional — Camões — aquelle que soube cantar a nossa epopeia marítima, lá poz nos «*Luziadas*» a figura veneranda do Velho do Restelo, clamando contra o desvairamento da aventura, e cuja voz não é senão a voz da Terra Portuguesa chorando pelos seus filhos que a semeavam, que a plantavam e que partiam sem saudade...

Não tivemos, pois, governantes á altura da nossa situação excepcional naquelle tempo. Se os tivéssemos tido ninguem jamais esqueria que o Mar foi sempre para nós uma escola de energia, sendo tambem, porque o foi e é, uma escola de solidariedade e uma escola de patriotismo. Escola de patriotismo,

porque a ausencia da Patria ensina a amál-a. Da solidariedade, porque uniu os homens numa aspiração commum, em que o esforço de cada um era preciso a todos. E foi ainda uma Escola de Energia? Sem duvida! De energia moral, de energia intelectual e de energia fisica.

De energia fisica todos sabemos porque. Ela a foi para todos aquelles que navegaram e que souberam arriscar a sua vida sem hesitação, sem medo, sem desfalecimento. Num clima doce como o nosso, entre uma natureza meiga e calma, só os trabalhos do Mar, desde que o paiz descansou das antigas lutas contra os infieis, na sua rudeza e na sua força, podiam dar ao corpo o alento sufficiente para resistir ás grandes provações. O Mar ensinou o perigo e deu, ao mesmo tempo, a coragem e a ousadia de vencel-o. Avigorou os musculos, tonificou o sangue; deu aos olhos a penetração funda de quem perscruta horisontes, e aos arcaboços a amplitude desfogada de quem respira o vento do largo. Tirou das côrtes reais, onde, depois das lutas com os mouros, os fidalgos adormeciam de preguiça e de languidez, a aristocracia melhor do paiz. E fazendo de um povo, que sempre fora intrepido e destemido, um povo de audaciosos e de aventureiros, perpetuou, atravez mesmo da decadencia que se acentuava no nosso organismo social, as qualidades viris da raça, o seu amor da luta, o seu admiravel instinto de vida criadora e fecunda! Mas, evidentemente, senhores, esta energia fisica é produtora da energia moral. Quem resiste ás provações físicas mais dolorosas aprende tambem a fortalecer a sua alma contra os desfalecimentos e as duvidas. Cria a certeza e a confiança no esforço proprio — e a certeza e a confiança no esforço proprio são qualidades moaes, são os esteios mais solidos do character, a garantia mais segura da individualidade e da personalidade. Nem só por esse motivo, no entanto, o Mar foi para os portuguezes uma escola de energia moral: foi-o tambem porque habituou a nossa gente a contar só consigo, a perder um pouco deste sentimentalismo excessivo que é quasi um defeito nosso (podendo, aliás, ser só uma grande qualidade); e porque nos teve continuamente erguidos, exaltados, entusiasmados pela realisação e para a realisação de uma tarefa enorme, que parecia super- ás nossas forças. Essa attitude — a attitude de querer sempre dominar as forças contrarias ao nosso desejo — é a mais alta, a mais difficil, a mais nobre attitude do homem: é a attitude do heroi. E por isso o nosso povo pode ser chamado um povo de herois, sem que parecesse exagero nem mentira retorica esta designação tão justa,

de que tantos ineptos se tem rido... Dir-me-hão, talvez, Portugal foi sempre um povo de heroismo — sobretudo estudando a nossa verdadeira historia, que é, com excepções conhecidas, mais a historia dos nossos dirigidos, que a dos nossos dirigentes; e desde a fundação da monarquia, desde a sua formação em pais independente, foi só o heroismo dos seus filhos que o defendeu, que o manteve e que o impôs ante a permanente ambição dos vizinhos reinos hespanhóes. Com efeito, assim é. No entanto, é preciso estabelecer uma differença entre o heroismo de quem não quer deixar de perder o canto da terra em que nasceu, ou de quem pretende aumenta-lo para sua melhor comodidade — e é este o característico das lutas memoraveis da primeira dinastia portugueza — e o heroismo de quem se lança á conquista de paizes desconhecidos, por um mar que a todos assustava, onde as lendas erguiam, em cada onda, um sorvedouro de vidas e um abismo de tormentas.

Ambos são grandes, sem duvida. Ambos são exemplos supremos de vida intensa e desprezo pela morte. E, dos dois, talvez o primeiro se possa dizer mais util e mais indispensavel. O segundo, porém, é evidentemente maior: porque pressupõe não sómente a coragem e a resistencia físicas, mas a coragem moral, a coragem do espirito que vence o terror do desconhecido; da alma que domina o panico do ignorado, e que prefere a inquietação do risco e da aventura á existencia calma de quem não sabe sonhar e de quem não quer ambicionar!

Realmente foi uma profunda inquietação aquela que o desejo e a contemplação do oceano despertou na alma portugueza, como desperta em todas as almas... Uma inquietação que, como vimos já, teve fecundissimas consequencias para a energia fisica e para a energia moral da raça e que fez mais ainda — porque orientou, se não excitou, a sua energia intelectual. Até ás descobertas e conquistas, com efeito, que sciencia tínhamos nós? Uma sciencia puramente escolastica, a sciencia das nossas universidades, igual, aliás, ás das outras universidades estrangeiras. Era uma sciencia de cór, alheada inteiramente do estudo da natureza. No meio das formas familiares, que de pequeno se habituára a ver, parece que o homem não se sentia atraído pelo seu estudo.

Quando, porém, se viu lançado entre um mundo novo de coisas e de seres, a impressão foi tão forte que deu numa revelação prodigiosa. E dessa revelação — nascida do seu espanto e da sua curiosidade — é que proveio a sciencia, a sciencia tal como hoje a entendemos e praticamos.

Das viagens pelo mar nos veio o predomínio definitivo, que tivemos na formação

desse vasto e profundo movimento europeu que se chamou a Renascença; e para o confirmar, basta dizer que as matemáticas só se destacaram num corpo de doutrinas independentes depois que as observações astronómicas, feitas por causa das navegações, o permitiram; que as sciencias naturaes tiveram em Portugal alguns dos mais illustres cultores, como Garcia da Horta, que das suas viagens trouxe tantas noções novas e tantos conhecimentos imprevisos. E tudo isto, sem contar ainda com os novos conhecimentos geograficos, sem contar ainda com o caracter, o impulso dado á nossa literatura desse tempo, caracter e impulso que nos «Luziadas» encontraram a sua formula mais perfeita, a sua mais completa encarnação.

Parece, porém, que só historicamente poderemos justificar a benefica influencia do Mar na alma e na vida portugueza. Não é assim, no entanto. E, se eu insisti nesse ponto, se eu quis demonstrar que só nos tinham vindo vantagens e bens das descobertas e das navegações, foi apenas para combater — repito-o mais uma vez — o preconceito que certos espiritos dubios, hesitantes, ou talvez filosoficos de mais, tem espelhado: o preconceito que a decadencia portugueza foi derivada da riqueza que os navios traziam, de regiões extranhas, e, por conseguinte, da ambição que nos levára a descobri-las. Mas, ainda mesmo para quem a tal respeito conserva algumas duvidas, não pôde haver decerto duvidas sobre o valor do Mar como factor importantissimo de nossa civilização. Esta veio-nos, na verdade, pelo Mar; veio nos barcos que aportaram aos nossos portos, trasendo os negociantes que vinham de muito longe negociar com a nossa gente, veio-nos do norte e do sul, do Oriente e do Ocidente, pelas nossas naus. Até a civilização francesa, que tão grandemente influuiu e influirá sobre nós, nos veio pelo oceano fóra.

A Hespanha só nos tem servido de isolador.

Foi pelo Mar que nós deslumbrámos o mundo — realisando uma epopeia formidavel. Foi pelo Mar que fundámos um paiz de prodigio e grandeza nas prais do Brasil, um paiz que é hoje nosso irmão mais querido, licção e exemplo de energia e de civilização.

Foi pelo Mar que nos vieram sempre os amigos. Será pelo Mar que realisaremos a aproximação com o Brasil — onde o mesmo sentimento da Terra e do Mar palpita e freme e vence n'um povo afim, n'um povo de gêmea sensibilidade e de coração fraterno. Vós tendes, com efeito, aqui — como nós em Portugal — o *sentido do Atlantico*. Eu o li nos vossos olhos, eu o aprendi nos

vossos livros, eu o adivinho na decisão do vossa gesto, na certeza da vossa fé, no ardor com que edificaes, sobre este sólo opulento, uma vida de força multipla e de vigoroso esplendor.

Como todas as Patrias fortes, o Brasil e Portugal abrem dois caminhos á sua vitalidade creadora: — o caminho da Terra e o caminho do Mar, um consequencia do outro, um floração do outro, um, que é trabalho fecundo, outro que é fecundo e permanente e continuado enriquecimento, e glorificação e renovação. O mesmo sangue pulsa nas nossas veias. Temos os mesmos avós conquistadores e navegadores. De vós ou de mim — qual tem uma herança mais directa, na raça, do nosso Infante D. Henrique e dos seus successores heroicos?

Mais dizei-me: — não o ouvis, em vós, esse *sentido do Atlantico*, marulhar, bater, contra as paredes do vosso corpo, como a voz do oceano n'um luzeo inquieto de ter conhecido todos os mares? Não o sentis, guiando a vossa intelligencia, esclarecendo o vosso espirito, iluminando os vossos actos, desencadeando a vossa energia; projectando as vossas almas para o caminho do oceano Atlantico, pois que, como se disse já de Portugal, o immenso e glorioso Brasil tem todas as suas janellas abertas para essa maior estrada do mundo? Ella é nossa, com efeito — de brasileiros e portuguezes — por direito de tradição; por direito de conquista, e sel-o-á mais ainda porque nós hoje queremos que ella seja bem nossa, sorrindo de lado a lado com as cores amigas das suas bandeiras, povoado de Sul a Norte dos seus navios, e casando assim ao murmurio ou ao grito das ondas a suavissima harmonia da sua lingua eterna — e sempre dominadora!

E' assim que o Mar aparece como factor da educação patriotica e civica...

Se m'o permitis, eu atrever-me-hei a dizer-vos, n'um pequeno poema, as sugestões que o mar pode trazer á alma da creança portugueza. Trata-se, com efeito, de sugestões. Mas qual é o educador que negará o valor d'ellas, n'uma época em que a propria installação da escola, pela sua decoração e arranjo, constitue já um processo de sugestão, para a educação artistica, para a disciplina mental do alumno, para a sua hygiene fisica e moral?

Isto, sem falar na sugestão da palavra do mestre, na sugestão, ainda maior de seu carinho, da sua ternura e dos varios e tão conhecidos processos e methodos de educação dos sentidos, em que a mesma suggestão é um factor valiosissimo. Poderemos dizer que ella estabelece, ao lado da decoração material indispensavel em toda a escola que se prese, uma como que decoração de ordem moral, uma successão de perspectivas interiores, e

de horisontes d'alma, atrahindo e orientando a atividade infantil, que é todo ambiente em que vive a sensibilidade da creança. Eis os versos de que vos falei:

I

Sobre a praia branca, pôrto de bonança,
Dansa a ronda alegre das crianças, dansa...

Dansa á luz da lua, dansa em frente ao Mar,
Dansa como as ondas antes de quebrar.

Ora se ergue e alteia, num fluir de espuma,
Ora volta e foge, leve como a bruma!

— Bruma de alvorada que desponta, incerta,
Bruma d'ouro e rosas que ao luar desperta...

— Bruma que é tão clara, que resplende em
[luz,
Dos cabelos soltos aos pézitos nus!...

Luz que rodopia, num clarão que passa,
Ronda luminosa, refulgindo graça!

Ronda quási fluida, fluida como a bruma,
Que fugindo corre, que fugindo espuma...

E que no silencio grave do luar
Dansa como as ondas no profundo mar...

Dansa como as ondas, dansa e não descansa,
Sobre a praia clara, pôrto de bonança!...

II

Vêde a ronda alegre: — como foge e passa,
Palpitando em onda, desmaiando em graça!

Passa — e vai cantando... Canta de alegria..
E o luar parece que adivinha o dia!...

Só a cotovia canta assim, decerto
Quando o riso claro da manhã vem perto...

Oh! canções de infancia!... Já nem sei di-
[zê-las!

— Para o Sol longinquo são canções de es-
[trêlas!

São canções ingénuas, como a vida em flôr,
São canções eternas, como o sonho e a dor!

São canções frementes de ambição singela
Pelo mundo novo que o Porvir revela!

E ha tanta ansiedade nesse canto puro
Pela aurora oculto, pelo Sol futuro,

Tal desejo inquieto do que vai nascer,
Tanta prece, tanta!... para emfim viver,

Que, neste mistério do luar silente,
Junto ao mar tranquilo, sob o céu clemente,

Cuido ver a praia do lendário oceano
D'onde parte e embarca todo o sonho hu-
[mano...

E passando nela — ronda comovida —
[Toda a infancia, toda! celebrando a vida!...

III

Sim! A vida toda — luz que vai nascer —
Toda a grande vida que há para viver!...

— Terras na distancia, portos e paisagens,
— Lutas e combates, épicas miragens!

— Glória de quem vence, riso de quem ama,
Palpitar de beijos, corações de chama!

— Desespêro e febre da energia ansiosa
Que no esforço apenas resplandece e goza!

— E não sei que sêde d'outros céus ignotos,
E de mundos vastos, e de sóis remotos!...

Ah! como eu te lembro, canto heroico e forte,
Canto em que o desejo se ergue além da
[Morte!

Todos te cantámos, com ingénua graça,
Canto que alvoreces no florir da raça...

Canto em que palpita, num gorgeio puro,
A ambição inquieta d'um maior futuro!

— Eis que o Mar, ao longe, se cobriu de
[velas...

Canto ingénuo e puro, que porvir revelas?

Quantos barcos vogam? Quanta vida anseia,
Nessa ronda leve que o luar clareia?

— Tantos são os barcos, tantas são as vidas...
Vão lançar-se ás ondas, vidas insofridas!

Vão lançar-se ás ondas, vão cortar a espuma,
Para o Sol que rompe d'entre a incerta bru-
[ma...

IV

Praia, praia branca no fulgor do luar,
Quem te não conhece, praia irmã do Mar?...

Quem te não não conhece, tu que ao luar
[sorris,

Praia, clara praia que és o meu Pais?

Sobre a tua areia, gloriosamente,
A memória acorda da epopeia ardente...

Nem as vagas levam o seu fundo rastro,
Nem a espuma apaga sua sombra d'astro!

— E por isso a ronda, junto ao mar pro-
[fundo,
Canta assim um canto de encantar um mundo!

Canta ao Sol futuro, que só tu revelas,
O' Porvir distante, que impeliste as velas...

Que impelliste as velas, junto á praia arfando
Para um sonho novo que as está chamando!...

— Mas enquanto as velas ficam junto á
[praia,
Mas enquanto a lua sonha e não desmaia,

Ronda, ronda eterna que és a infancia alada,
Dansa, dança e canta, ronda abençoada!

Dansa sôbre a praia, pôrto de bonança,

Dansa, e rodopia, dança envôlta em luz
Dos cabelos soltos aos pézitos nus!...

Dansa mais depressa, dança em frente ao
[Mar,
Dansa como as ondas antes de quebrar...

Meus senhores,, sobre essa praia que distante se chama Portugal, ha de certo n'esta hora muitas creanças dansando, cantando, rindo... Mas ha, sobretudo, uma mocidade que espera, confiada, no Futuro — os olhos voltados para o Mar, o coração batendo de fé illimitada, o sangue pulsando n'um affluxo novo de certeza e de victoria. Ella já foi educada no ambiente de patriotismo são e de crença purissima que é a base e a essencia da moderna pedagogia portugueza. Ha dez annos, com effeito, que a Republica vem creando e mantendo esse ambiente de nobre exaltação civica — reavivando na sensibilidade dos adolescentes o prestigio das tradições, a consciencia do valor do paiz, e a noção d'uma missão colectiva para que todos devem trabalhar. E', como disse um escriptor, uma maré-cheia de força e de fé, sobre uma praia fertil, onde os laranjais, os milheirões, os pomares, e os jardins descem até ao litoral, entrelaçando o verde fixo das vegetações com o verde vario do mar... D'essa maré-cheia — podeis estar certos d'isso — uma onda maior do que as outras ondas, uma onda empolada de paixão, florida de espuma carinhosa, perfumada de simpatia ardente, — destaca-se das outras e, pelo Atlantico abaixo, vem espraiar-se no vosso litoral, vem abraçar o Brasil com o riso fresco do seu longo desenrolar... E' uma onda d'almas, uma vaga de corações — das almas e dos corações dos jovens da minha terra. Reparae: — é quente como um *gulf-stream* de sóes radiosos! Eu que trouxe dos estudantes da mi-

nha terra, o grato, o doce encargo de dizer aos seus camaradas brasileiros a admiração e o respeito que os moços portuguezes lhes merecem — e tão justamente! — eu sinto que essa mensagem de carinho encontra aqui uma das praias sonhadas para livremente desfaldar a sua sinceridade. E não vos parece, senhoras e senhores, que seja este o momento de vos falar um pouco de intercambio escolar entre os dois paizes? Intercambio escolar — quero dizer: — visita de mestres e alunos d'um e d'outro paiz aos respectivos centros de ensino; conhecimento de methodos e processos usados por um e pelo outro povo; troca de publicações academicas e de livros academicos, — n'uma palavra, troca de tudo quanto espiritalmente possa estabelecer e manter afinidades moraes e mentaes entre a juventude das duas nações, respeitando n'uma e n'outra a sua fé patriótica e o seu nobre orgulho civico. Pois quando a França e a Italia, ou a França e a Suissa, ainda ha pouco li á respeito, procuram crear esse intercambio entre os seus escolares — com um criterio de aproximação mental, util não só para o bom entendimento entre as duas nações, como ainda para o desenvolvimento e prestigio da sciencia — o Brasil e Portugal não de conservar-se isolados, usando do mesmo instrumento de propagação de ideias, que é a sua lingua? Mas — ainda que nenhum laço existisse entre os nossos dois povos além d'este — só elle bastaria para justificar todas as tentativas de entendimento espirital que se fizesssem. Para que se aproveite da gloria d'uma nação ou d'um individuo a outra nação ou outro individuo? De modo nenhum. Mas para que mutuamente se conheçam, se admirem e se estimulem, nobremente, amigamente, fraternalmente. Nem outra coisa, de resto, poderia acontecer — vós o sabeis todos tão bem como eu, vós o desejais todos tanto — mas nunca mais — do que eu... Seria irrisorio pensar o contrario. Mas — ha mais. De ver ensinar as vossas professoras, eu comprehendí — lembrando as boas professoras do meu paiz — que a alma feminina é, aqui e lá, tocada da mais linda graça, da mais candida suavidade, da mais encantadora doçura que jamais, em toda a parte do mundo, possuiram almas de mulher. Comprehendi que a sensibilidade era a mesma — leve e profunda, ao mesmo tempo, capaz de ensinar, pelo exemplo e pela palavra, todos os heroismos, todos os carinhos, todas as exaltações desinteressadas. E, se é a mulher que cria e plasma o homem — que o embala no berço, que na adolescencia o guia, que na lucta quotidiana o anima, o encoraja e o reconforta contra toda a maldade da vida —; se é a mulher que lhe educa o sentimento e lhe ensina a beleza,

e lhe traz estímulo, e lhe acorda o coração — como não confiar em que o Brasil e Portugal sejam dois irmãos bem amados, presos por esse laço indestructivel da sensibilidade feminina, e ambos sentindo e vivendo da mesma forma o amor de Mãe, o amor de Noiva, o amor de Esposa, o amor de Filha? Mas essa sensibilidade que paira em torno das vossas creanças, é ella que a alimenta; é ella que a sustenta, e a orienta e a conduz. Só ella. Eu que ouvi adejar em volta de mim as suas azas de bondade e de carinho — eu que adivinhei, aliás, eu que verifiquei o rythmo impetuoso, mas sereno, da sua palpação — eu não me engano quando afirmo que, com vosco, as novas gerações brasileiras não de amar Portugal. Não é um amor perdido... A mocidade portugueza, a intelligencia portugueza, o coração portuguez ama o Brasil. E é reconfortante saber que esse amor é pago em amor, que esse affecto é pago em affecto, e que uma estreita comunhão de ideias (a guerra o demonstrou) as liga e confunde, n'uma estreita e ardente solidariedade.

Solidariedade que nem sequer teria nascido se o *sentido do Atlantico* — realidade poetica, se quizerem, mas realidade certa e efectiva — não existisse, na consciencia mais intima d'ambos os povos fraternos. Eu mesmo vim tambem trazido por esse mesmo impulso de simpatia e de lyrismo communicativo. Vim para vos admirar, para vos saudar, para vos louvar... E, n'esta hora, que é já a hora da minha despedida, deixae, deixae que vos diga com que profunda melancolia me separo de vós e da vossa terra. Inexprimivel, indizivel melancolia — Eu, a sinto com os olhos razos de agua — eu a soffro com o coração pulsando, e arfando, e soluçando, como se quizesse fugir do peito e não vos abandonar jamais! E pudesse o meu pranto ser a espuma das vagas morrendo nas vossas praias! Então, continuamente, insistentemente, sob este céu maravilhoso do Rio de Janeiro, quando, no crepusculo radioso, as miriades de lampadas se acendem e se debruçam sobre o extase da agua azul, — então essa espuma fremente da minha alma, batendo contra a vossa terra amada, essa espuma que é o grito de pureza da minha candida afeição pelo Brasil, cantaria, imorredoiamente, todo o meu amor,

toda a minha amizade, toda a minha admiração, todo o meu carinho, toda a minha ternura. E, sobretudo, em rythmos que se alargariam sobre o abraço ardente da areia doirada, ella cantaria a minha saudade — a saudade que é a saudade do Poeta e do Homem, a saudade em que vivem todas as saudades, palpitante, soffrega, vehemente; saudade da alma e do sangue, saudade do espirito e dos olhos, saudade violenta e exasperada — e tão viva, que não sei realmente se parto, ou se fico entre vós, com todos os enthusiasmos da minha fé, com todas as forças do meu sonho, com toda a minha ansiedade de Beleza, de Alegria e de Harmonia. Saudade profunda e doce, que eu desejaria dizer em verso — saudade desordenada e fremente, que eu não saberia moldar em Arte. Saudade que vos deixo aqui, nas ultimas palavras que pronuncio em publico antes da minha partida, não já como uma flor modesta entre as flores victoriosas dos vossos jardins de encanto; mas apenas como um halito sussurrante, em que de continuo se exhale e vibre — ah! como eu a sinto fugir do meu coração para os vossos corações! — a minha paixão lusitana pelo vosso grande Brasil...

JOÃO DE BARROS.

1920 — 6 — 10

A Escola Primaria

Temos a satisfação de communicar aos nossos leitores que *A Escola Primaria* conta desde este numero, na secção de «Licções e exercicios», com a collaboração effectiva da illustre professora D. Olympia de Couto, figura paradigmatica no ensino primario, e das distinctas docentes D. D. Isabel Mendes, Zelia Bonifacio, Maria Eugenia A. Costa, Maria Reis Campos e Judith Gitahy de Alencastro, collaboração que, esperamos, se estenderá ainda a outras secções da revista, juntando uma nova e valiosa parcella á somma de precioso trabalho que têm dado a estas paginas tantas operosas competencias que não podem ser esquecidas.

A's collaboradoras que hoje apresentamos virão breve outras juntar-se egualmente, fazendo da *Escola Primaria* o que ella pretende ser — o expoente mental do nosso magisterio de primeiro grau.

Livraria Drummond

Livros escolares, de direito, medicina, engenharia, litteratura.

Revistas. — Mappas. — Material escolar

Aos Snrs. professores concedem-se os descontos da praxe

96 — RUA DO OUVIDOR — 96

TELEPH. NORTE 5667

CAIXA POSTAL 785

End. Tel. LIVROMOND

RIO DE JANEIRO

II -- A ESCOLA

CARTAS SERRANAS

XI

Minha boa Amiga:

Quando dahi parti, naquella fulgurante tarde de verão, trazia a doce lembrança da cordialidade dos amigos, a que se juntava a alegria sofrega de rever a nossa casa clara e fresca, adornada de cheirosas trepadeiras, as nossas flores e as nossas arvores, sobre as quaes o sol esplende sem causticar, e em cujo meio se sente toda a majestade da criação.

O trem poz-se em movimento e todo o meu ser palpitou, antegozando a belleza da viagem, com os deslumbrantes panoramas e a delicia do ar perfumado da montanha. Mas esta ainda estava longe. Atravessamos a baixada, supportavel apenas por anteceder a serra e fazer-nos, pelo contraste, mais estimar aquella.

Cerrei os olhos e comecei a recordar a minha curta estadia na Capital.

Revi então a gentil Amiga na Escola, deante dos alumnos attentos e venturosos; a distincta cathedratica, modesta e competente, incansavel nos meios e segura dos resultados. E sorri, contente, ao pensamento confortador de que temos professoras que querem e podem desempenhar-se bem da sua difficil tarefa; e considerei felizes as crianças de hoje, tão bem dirigidas pelos methodos da pedagogia moderna. Por associação de idéas, pensei nas educadoras, nas que se fizeram na experiencia e souberam tirar uma lição de cada facto, um ensinamento ou uma corrigenda de cada caso, nas que sabem *ver e aprendem sempre e melhoram sempre*, incansaveis nos propositos, medindo bem a sua responsabilidade, não immediata apenas, mas futura e duradoura. E conclui, mentalmente, que essas, antigas mas não rotineiras nem retrogradadas, devem ser guia e modelo das que vêm depois, das que trazem, muitas vezes, mais exames e menos sabedoria, mais desejo de apparecer e menos amor ao trabalho.

Força é que a professora effectue esse typo ideal da educadora, da firmadora de personalidades, que se impõe, não só por solida cultura, excellencia de methodos e segurança de doutrina, mas tambem, e principalmente, como modelo de virtude e austeridade de principios, na condemnação, pelo exemplo, das vestes improprias, artificios e ademanes tão communs em nosso meio, até mesmo na familia, e que não podem, positivamente, offerecer garantia á educação moral de que necessitam as crianças.

Felizmente o nosso magisterio está bem á altura de sua nobre função, formado, quasi todo, por intelligencias fortes e persis-tencias valorosas, amantes do estudo e confiantes nos processos.

Nesse meio, porém, encontram-se ainda as que, por bisonhas, não podem bem desobrigar-se da tarefa, por lhe não haverem medido a extensão e por julgarem-n'a facil e breve no que ella tem de pesada e trabalhosa.

Refiro-me ás noveis professoras, que não comprehenderam o fim da escola e têm como escopo principal instruir os alumnos nas materias do programma pelo processo mais rapido, sem attender á complexidade da sua missão.

E' por isso que, no meio da ansia de aperfeiçoamento que agita todo o professorado, se deparam ainda elementos dissonantes, quasi sempre constituídos ou pelas que procuraram na profissão apenas a garantia de subsistencia, ou pelas que não tiveram ainda a lição da experiencia, valiosa sempre e sempre imprescindivel.

Aqui te exponho um pequenino facto que de sobejo vem justificar as minhas restricções.

Dias antes do meu regresso á casa, numa tarde bellissima de sol e calor, dispuz-me a visitar uma velha amiga que mora em bairro afastado. Para aproveitar a longa viagem de bonde levei commigo o precioso livro de Jules Payot *Aos professores e ás professoras*, traducção de Emilia de Souza Costa, cuja leitura encetara na vespera e que intensamente me empolgava a attenção. E fui esperar o electrico sob a fronde protectora de uma arvore que assentava fronteira á fachada de uma escola.

Ouvi então uma voz, argentina e fresca, que explicava: — *As palavras que designam os seres são os substan...*

E os alumnos respondiam: — *tivos.*

— *Os vocabulos que exprimem qualidade são os adje...*

E os alumnos, em côro: *tivos.*

E a lição continuava do mesmo modo, concluindo as crianças as palavras começadas pela mestra, sem trabalho algum de attenção.

Mas vinha o vehiculo e, tomando-o, considerava eu no dispendio inutil de forças daquella professora, que não podia tirar bom resultado do seu trabalho, quando, abrindo o livro, deparou-se-me sob os olhos sorprendidos (pag. 66 *in fine* e 67) o seguinte trecho:

«Accrescentemos aos contras da irritabilidade do mestre, a tendencia das professoras e dos professores demasiadamente apressados a intervir. Si o alumno hesita, respon-

dem elles ás suas proprias perguntas; comecem as palavras da resposta.

O espectáculo é, por vezes, comico: «esta força des...» e o alumno: «apparece»; «estes corpos não têm as mesmas propri...» e toda a classe responde: «edades»!

Este ridiculo methodo está muito espalhado. Em vez de fazerem esforços, certas de que o professor não terá paciencia de esperar o «bom successo» e de ajudal-o, como deve ser, as crianças tomam o habito de esperar: o professor que trabalhe só e ellas pensam noutra coisa; deixam-se embalar por essa preguiça tão suave e saem da aula sem ter sido excitadas a fazer esforços. Resultado: o professor fatigou-se duplamente, mas pré-gou no deserto».

Não era eu só, velha impertinente, que condemnava taes processos; era a autoridade de Jules Payot que estigmatizava os máos methodos. Si o lessem as professoras, o ensino lucraria; e eu teria o tacito agradecimento das que, como eu, houvessem de encontrar prazer espirital ao perlustrar tão ponderadas paginas.

Mendes, 1920.

Saúdosa e amiga,

MARIA STELLA.

RIGOR DELICADO

A maneira pela qual devemos tratar o alumno é, sem duvida, uma das tarefas mais difficeis da escola primaria.

A' primeira vista, parece que uma grande energia deve reger todos os nossos actos, que mesmo um sério rigor devemos empregar no tratamento para com as inexperientes crianças que estão sob o nosso dominio.

Entretanto, si reflectirmos um pouco, veremos que essa opinião é devéras erronea, podendo trazer, como resultado, consequencias bem perigosas e difficeis de combatermos.

O professor, em geral e principalmente o primario, necessita ser rigoroso, mas de um rigor delicado, brando, como si partisse de um pae affectuoso que se interessa pelo futuro do filho querido.

O discipulo deve contemplar no mestre, não um cerbéro, um superior inexoravel que pela menor falta é capaz de infligir o mais severo castigo. Elle precisa olhal-o como um ente amigo que desempenha a inestimavel

missão de guial-o no começo dos estudos, empregando todos os esforços para que elle vença, rapidamente, o inicio de sua vida intellectual.

E como poderemos obter isso?

Como adquirir desses cerebros, ainda tão pouco esclarecidos, essa grande certeza na nossa boa vontade, essa confiança illimitada no interesse que elles nos despertam?

Creio que só conseguiremos esse resultado sendo delicados, mas muito delicados para com os nossos pequeninos.

Não sejamos, nunca, exagerados nos nossos castigos, pois isso nos dará uma feição desagradavel, excitando no alumno uma certa antipathia pelo mestre, o que é muito máo.

Empreguemos o maximo zelo na execução das nossas sentenças: a pena uma vez prometida, não deve ser perdoada e, assim, não emittamos as impossiveis de serem cumpridas.

A nossa magnanimidade, na maioria dos casos, longe de produzir, na criança, gratidão, augmentando a amizade que já nos dedicava, ao contrario, estimula-lhe uma certa descrença pelas nossas ordens, levando-a até a julgar-nos *tolos*, como commumente diz.

Toda essa inclemencia, porém, deve ser adocicada com uma grande dose de carinho, de brandura, capaz de attenuar qualquer manifestação de ira que possa surgir.

E' preciso que, nos momentos de impaciencia, tenhamos muito cuidado com a linguagem, evitando, por completo, o emprego de qualquer termo que, de leve, possa melindrar a criança, ferindo o seu amor proprio.

Além disso, na phrase vulgar: *o exemplo deve partir de cima*. Si sómente sabemos reprehender, pronunciando palavras pouco cortezes, expressões pouco uzadas pelos que se prezam de ser bem educados, que fará essa pobre creaturinha que nos ouve e que nos considera como um exemplo de superioridade, procurando, em tudo, imitar-nos?

Demais, esse rigor indelicado atemoriza a criança, faz com que ella, ao emvez de se sentir por nós attrahida, tenha medo de nossa presença, um verdadeiro terror de nosso convivio e comece a nos evitar, quando entre o alumno e o mestre deve haver uma grande e muito respeitosa intimidade.

Tenhamos, pois, paciencia e empreguemos todos os esforços para manter a maior e mais doce disciplina na classe, aconselhando os nossos pequeninos, citando-lhes bons exemplos, exaltando-lhes as menores provas de rectidão de character, manifestando sempre muita dedicação, para que elles, ao deixarem a nossa convivencia, partam saudosos, levando a mais alegre lembrança dos dias em que estiveram sob a nossa direcção.

Lavinia Gusmão.

O AVENTAL

Assumpto da prova mensal de Portuguez, dado ás turmas do 4.º anno da Escola «Cesario Moita». (8.ª mixta do 8.º districto) no mez de Julho.

SUMMARIO:

Duas meninas conversam no recreio de uma escola publica sobre o uso dos aventaes. (Apresentar as duas meninas). Uma é favoravel e outra manifesta-se contraria a tal peça do vestuario. A primeira assenta as suas razões sobre a seguinte vantagem do avental uniforme: cultiva os sentimentos de economia, asseio e fraternidade. Opposições que faz a outra. (Estabelecer o dialogo). Conclusão.

MODELO:

Marina é uma menina de familia abastada, mas simples e despretenciosa; bem educada, modesta e de muito bons sentimentos.

Annita é outra menina, de familia remediada que lucha com alguma difficuldade para apparear certa decencia. Apesar disso, cheia de preconceitos e de mal entendido orgulho.

Ambas frequentam a mesma escola publica e são camaradas. No recreio, as duas conversam:

— Estou muito contente, diz Marina, mamãe está acabando o meu avental e amanhã já poderei vestil-o.

— Pois eu, responde Annita, com desdem, nunca usarei tal peça de vestuario.

— Por que?

— Mamãe não quer; diz que o avental é proprio das cozinheiras.

— Não, Annita; a tua mamãe não tem razão. Não só as cozinheiras, mas todas as pessoas que trabalham, inclusive os medicos, usam o avental. Demais, não ha nenhuma profissão desprezivel, o trabalho honra sempre. Toda dona de casa, si não é cozinheira, tem que dirigir a sua cozinha e o governo de sua casa; pensará umito bem, si o fizer de avental.

— Para que?

— Olha, mamãe acha excellente a idéa, para que economizemos os nossos vestidos. Disse-me ella hontem: «O traje é quasi sempre revelador da alma de quem o usa. Uma dona de casa deve fazer sentir que a governa, isto é, que attende, solicita, a todos os serviços, ordenando e dirigindo tudo a seu gosto e de accordo com as suas condições economicas. E não se comprehende uma senhora, entregue aos afazeres domesticos, preparada como si fosse a um passeio ou a uma festa.

Assim tambem, na escola, não se comprehende uma criança embonecada, preocupan-

do-se mais com os proprios enfeites do que com o estudo».

— Mas... replicou Annita, esse avental branco adoptado... suja-se tão depressa...

— Acho que ainda não és justa nesta observação: o panno branco, sujando-se mais depressa, é tambem o que se lava com mais facilidade, mantendo-se como novo; é leve, portanto adequado ao nosso clima, e o mais accessivel a todos. Por outro lado, obrigamos a adquirir o habito de sermos cuidadosas com a nossa roupa.

— Ora...

— Não achas que ficará bonita a escola uniformizada e não desejas concorrer para dar essa satisfação á nossa mestra?

Annita esteve silenciosa algum tempo e depois ponderou:

— O uso do avental não é obrigatorio e não o pôde ser, porque nem todas as crianças o poderiam adquirir.

— De facto, não é obrigatorio, porque a lei não cogita d'isso; no entanto, a mestra já está providenciando para que a Caixa Escolar o forneça aos alumnos reconhecidamente pobres.

— Eu só o usaria, si fosse obrigatorio.

— Pensas mal. Em breve, todos os alumnos cujos pais comprehendem os seus deveres se apresentarão com o uniforme escolar; destacar-se-ão entre todos aquelles que, por mal entendido orgulho e espirito de desordem, têm apenas má vontade em acompanhar uma medida, sob todos os pontos de vista útil; até mesmo quanto ao moral.

— Como?

— Não achas vantagem em não haver, na escola, o triste contraste das vestimentas pobres e ricas? o avental uniforme nivelaria, quasi, todas as crianças, que seriam mais felizes si não notassem entre si essa differença de fortuna. Não vês a pobre Joanninha como olha cubiçosa para o rico vestido de rendas e fitas da Margarida? Como parece triste!... Não estará brotando em seu puro coração, ainda incapaz de ter a boa noção da verdadeira e unica felicidade, o mau sentimento da inveja?

— Qual é, Marina, essa verdadeira e unica felicidade?!

— A do cumprimento do dever, a da paz da consciencia, a da bondade. E, parece-me, devemos mostrar todo o interesse em ajudar as nossas mestras para que se torne efficaz uma medida que, procurando igualar as crianças na escola, melhor cultivará os seus sentimentos de fraternidade. Assim, trabalharemos juntos para uma obra de bondade.

Annita reflectiu, calada, e depois concluiu:

— Tens razão, Marina. Hoje mesmo procurarei convencer a mamãe de que me deve fazer um avental.

Amelia Rosa Ferreira

CALCULO MENTAL

2.º ANNO

(Pelo processo de Martinière).

Aos alumnos munidos de lousas e lapis, a professora annuncia a aula de calculo mental no 2.º anno.

Uma alegria franca transparece em todos os semblantes e dessa maneira manifestam o grande prazer que esta aula lhes proporciona.

Mas, a dado signal da professora, o silencio se faz: é um momento de anciedade e de expectativa geral, durante o qual os alumnos se conservam de braços cruzados e á semelhança de pequeninos soldados que esperam a ordem de seu commandante.

A professora, então, no quadro, expõe a questão:

$$\begin{array}{r} 29 \\ + \\ 48 \quad 37 \end{array}$$

Trata-se de adicionar mentalmente 29 a 48 e 29 a 37, isto é, são dadas duas questões: uma, a da direita, será resolvida pelos alumnos collocados á direita das carteiras, enquanto a outra, a da esquerda, pertence aos alumnos sentados á esquerda das mesmas.

Conhecida a questão, todos procuram resolver-a, conservando-se em silencio; a professora, mantendo a mais rigorosa fiscalização para que os alumnos de modo algum se comuniquem ou escrevam, deixa-os calcular durante o tempo que julga necessario.

A um novo signal, as crianças tomam seus lapis e depois de, nas lousas, escreverem em caracteres bem legiveis os resultados obtidos, retomam a 1.ª posição, tendo tido o cuidado de viral-as para baixo.

Assignalada, então, no quadro a questão collocada á direita, os alumnos desse lado das carteiras levantam suas lousas e a professora pode rapida e facilmente fazer a verificação dos resultados.

Da mesma fórma procede na verificação dos resultados obtidos pelos alumnos collocados á esquerda.

Aos alumnos que não tiverem calculado bem, a professora recapitulará.

O processo acima empregado evita que a aula de calculo mental interesse sómente a um limitado numero de alumnos, geralmente os mais favorecidos de intelligencia ou de mais facilidade em calcular, enquanto os outros, desanimados por se verem vencidos em seus primeiros passos, julgam-se incapazes de qualquer resultado nessa parte da Arithmetica, que constitue uma verdadeira «gymnastica intellectual».

A. M.

A Familia e a Patria

(Palestra realisada na Escola «Nilo Peçanha» em 26 de Julho).

Tendes ouvido e pronunciado muitas vezes a palavra — Familia — mas, talvez sem alcançardes o que ella encerra de grandioso e sublime, nem apreciardes do seu valor.

A familia, meus meninos, é o meio onde nascestes, onde vos tendes desenvolvido, cercados pelas pessoas que vos são ligadas pelo sangue e por quem sentis um especial affecto.

Sabeis que a familia é constituida por pae, mãe, filhos e bem assim avós, tios e primos, que são parentes mais afastados. Mas, o que mantem realmente a familia é o affecto sincero, é o respeito reciproco, o cumprimento do dever, a solidariedade, que vem a ser a união indissolúvel, indo uns pelos outros até ao sacrificio si preciso for.

Nessa pequena aggremação todos têm o dever de trabalhar, de empregar todas as suas forças no bem estar mutuo.

Ao abrigo da familia damos o nome de lar, a cuja sombra benefica se desenvolvem as grandes virtudes, como á sombra da arvore frondosa se multiplicam as flores modestas e delicadas.

Crianças! Amae e respeitae o vosso lar; o homem pode distinguir-se em todos os ramos das sciencias, das artes, da industria, enfim, em qualquer meio de actividade, porem, tudo isso perderá o valor se elle não tiver a aureolar-lhe a frente a expressão do homem que respeita, ama e ennobrece o seu lar.

Reflecti um momento, e nos vossos cerebros, onde só se expandem por enquanto ideaes de brincos descuidados, se desenhara na imagem dulcissima do vosso lar a figura carinhosa da mamãe que do amanhecer ao anoitecer lida em casa zelando por tudo que vos pertence.

Sempre que tendes uma contrariedade, todo o vosso desejo é transpor os humbraes do vosso lar; é alli que achae lenitivo ao vosso soffrer, é o seio da familia que encerra as maiores doçuras.

Mas, não é só no lar que se desenvolve a nossa vida; enquanto somos pequeninos, não temos necessidade de nos afastarmos do lar, porem á proporção que crescemos, vamos augmentando o circulo das pessoas com quem convivemos; assim, passamos do recesso do lar a um meio mais dilatado — que é a escola, ali encontramos um grande numero de pessoas desconhecidas, professoras e crianças.

Mais tarde, já homens ou moças, passamos a relacionar-nos com um numero muito maior de pessoas e a isso chamamos sociedade.

A vida em sociedade é a vida do homem civilizado; as nossas necessidades nos obrigam a procurar os nossos semelhantes, o homem mais opulento, mais rico e poderoso necessita do concurso dos outros homens; pode ter muito ouro, mas precisa de quem lhe faça o calçado, de quem fabrique o tecido de que se veste, de quem cultive a terra e crie o gado de que se alimenta; soccorre-se do medico, quando enfermo, e assim de todos os homens.

Não devemos, pois, menosprezar seja quem for, por mais humilde que pareça a sua condição; todos são uteis desde que saibam ser honestos e cumpridores dos seus deveres na esphera da sua actividade.

Creio que podeis então comprehender como se conduz o homem da familia á sociedade; esta não é mais que a ampliação da quella.

Assim como deveis respeitar e amar aos vossos paes, compensando-os com obediencia e carinho dos immensos trabalhos a que se obrigam por vosso bem, assim como deveis estimar com todas as veras do vosso ser os vossos irmãos, os primeiros amigos que conheceis na vida, deveis tambem amar, respeitar e obedecer aos mestres, porque são elles os continuadores, ou melhor ainda, os auxiliares da tarefa que pesa sobre os hombros dos vossos paes; os collegas são outros tantos irmãos a quem deveis affecto, condescendencia e auxilio. Estendendo esses sentimentos á sociedade, deveis respeito, bondade e auxilio a todo o cidadão.

O dia em que os homens forem perfeitamente unidos, a felicidade se espalhará na terra.

Entretanto, assim como surge na floresta a herva daninha que destróe a vitalidade da arvore frondosa e bella, surgem tambem na sociedade os infelizes criminosos, que ella repudia e a justiça castiga.

Meninos! Procurai sempre trilhar o caminho do bem!

A sociedade em que vivemos, sujeitos todos ás mesmas leis, tendo os mesmos costumes, falando a mesma lingua, venerando as mesmas tradições, vem a ser a nossa *nacionalidade*, palavra que se deriva de *nação* e que significa a mesma cousa que *paiz* politicamente organizado.

Pois bem, o paiz em que nascemos, cujas leis praticamos e respeitamos, cuja lingua falamos desde os primeiros balbucios é a *patria*.

A nossa patria não é só o torrão, a terra em que nascemos, é o paiz inteiro, é todo esse conjuncto de Estados, é o céu que nos cobre, são as florestas virgens, os rios caudalosos, as praias limpidas, onde rumorejam sonoras as ondas, as cachoeiras alvinitentes que se despenham das montanhas abruptas,

toda essa região privilegiada que se chama Brasil e cuja grandeza resumbrá desde as suas entranhas cumuladas de ouro até ao canto mavioso das aves aninhadas na copa virente do arvoredo.

Só o esplendor natural do Brasil encanta e prende o estrangeiro que nos visita; portanto devemos orgulhar-nos de o termos por patria e devemos amal-o de todo o coração.

O amor patrio é um sentimento elevado que ennobrece o homem que o pratica. Este amor, por muito arraigado que seja, não pode levar-nos a insultar a patria alheia; para exigirmos que respeitem a nossa, obrigação temos de respeitar a dos outros.

Habituai-vos desde pequeninos a venerar a patria e a trabalhar por ella. Parecer-vos-á absurdo dizer-vos que podeis desde já trabalhar pela patria; entretanto, isto é uma verdade, como ides ver.

Si cada um de vós estudar bem as lições, si procurar seguir os conselhos e ajudar a vossos paes, poupando a roupa, o calçado, auxiliando a vossos irmãos menores, amparando um collega mais fraco que vós, estaes trabalhando pela patria, preparando-vos para serdes mais tarde homens de animo forte, de character puro, capazes de emprehender e cumprir as mais arduas tarefas em beneficio do paiz que recebeu os vossos primeiros passos e que um dia receberá os vossos despojos.

Um dos deveres que não devemos deixar de cumprir é cooperar para que seja feito com a maior exactidão possivel o recenseamento.

O recenseamento não tem por fim perscrutar a vida íntima de cada um, mas conhecer qual o numero de habitantes que o paiz possui e por elle calcular a sua força e avaliar o seu progresso.

Aquelles cujos paes não souberem escrever, façam as listas por si. Prestareis, assim, um serviço á patria e isso será um motivo de satisfação íntima.

Os meninos não se atemorizem com o futuro serviço militar a que serão obrigados, não o tomeis como sentença que tenhaes de cumprir, fazei-o com satisfação, precisaes adestrar-vos tambem no manejo das armas, não para provocar outros povos nem para opprimir os fracos, mas para defender a integridade da nossa terra, a honra da nossa bandeira.

Amae, pois, a vossa patria, esforçae-vos por ella e, qualquer que seja a condição social a que chegardes, tende sempre presente a divisa que:

Trabalhar pela patria é o mais sagrado dos deveres, ao qual ninguém se deve furtar

Maria Luiza Lira de Araujo Lima

Adjuncta de 3.^a classe

Através das Revistas

Não está prestando atenção!

Quantas vezes em uma só lição esta dolorosa phrase ou advertencia se esforça por fazer voltar uma atenção que vai fugindo! E quem toma a peito o aproveitamento dos seus alumnos, lamenta a sua fugacidade e, em certos momentos pergunta a si mesmo, si assim ha de ser em todas as escolas. A verdade é que meninos são meninos...

Nosso dever é justamente forçal-os a uma attenção por meio da disciplina activa e um progresso continuo. Agastar-se com as suas falhas, quando a nossa obrigação é precisamente remedial-as, semelha-se ao artifice que encontra a madeira muito resistente ou o ferro muito duro. Devemos convencer-nos que é difficil permanecer attento, mesmo para um adulto. Não succede muitas vezes, quando lemos uma obra séria, que a nossa atenção, desfallecendo, nos obriga a voltar, para reatar o fio da leitura?

Num romance de aventuras o enredo nos empolga e pouco nos cançamos, assim os meninos que escutam uma historia são todo — ouvidos; mas si lhes fallamos da administração, ou constituição, do participio passado ou do systema metrico, será mister que a nossa prelecção os encante pelo valor e enthusiasmo que lhe imprimimos.

Ahi está a verdadeira atenção, isto é, a vontade dirigindo o espirito para um só ponto, como estas pequenas lentes que concentram a luz em um fóco, sem deixar que se diffunda em todos os sentidos; não é um poder innato, docil e completo desde a infancia, mas uma conquista, uma conquista lenta e paciente.

A maioria na idade viril não a faz progredir, ás vezes, por falta de aptidão, e muitas outras por falta de uma educação sufficiente.

Em geral, o menino se deixa levar por suas impressões; não se prende senão ao que lhe agrada ou interessa; sua atenção é menos um instrumento da sua vontade que auxiliar da sua curiosidade e prazer. Aliás, quantas cousas justificam a sua fraqueza! Ora seus olhos e ouvidos são distraídos pelo visinho que brinca, por um ruido insolito, ora a suggestão de uma palavra ou de uma ideia empolga a sua imaginação. Nós mesmos, si bem attendermos, favorecemos as suas distrações. Uma má articulação, uma voz fraca fazem fugir a sua boa vontade e a monotonia de uma palavra sem expressão é para elle como um narcotico. Quando a voz é retumbante ou muito alta, sem necessidade, ha divorcio entre a palavra e o pensamento e a atenção fica prejudicada; si estamos de máo humor, a vontade foge e os espiri-

tos estacionam; si fallamos muito depressa, debalde procurarão seguir-nos; as ideias não terão tempo de se formar, as palavras nada mais fazem que ferir os ouvidos, não conseguem prender o espirito, ao contrario, celere embotam a intelligencia. As admoestações aos máos alumnos interrompem a aula, tolhem o movimento do espirito afastando-o da lição.

Ahi estão, por assim dizer, as causas externas da falta de atenção. Outras ha que se prendem mesmo ás lições.

Acompanhar o vôo do espirito alheio é cousa que rapidamente aborrece e fatiga, ao passo que tomar parte nesse movimento ao influxo de questões que provocam o estudo ou que obrigam a applicar conhecimentos já adquiridos, sustenta, interessa e excita.

Quando a materia escapa á observação, como muitas vezes acontece na instrucção civica, na historia, nas sciencias physicas e naturaes, ou, quando um defeito de adaptação a obscurece, a atenção não póde prender-se e então foge. O mesmo acontece quando o professor não está senhor do seu pensamento ou de sua linguagem, falto de saber e de cultura.

Em todas essas circumstancias recriminamos mais depressa as crianças que nós mesmos, e enxergamos falta de appetite, onde não ha sinão mesa mal servida e indigestas iguarias. Não quero dizer com isso que todas as lições simples, claras, interrompidas a proposito por perguntas apresentadas com naturalidade e calor, por um professor sympathico, sejam ouvidas por todos os alumnos, sem falha d'um ou d'outro. E' prudente ter em conta a sua fraqueza e não exigir delles o que alumnos mais velhos talvez não possam dar. Colloquemo-nos em seu lugar.

São obrigados cinco horas por dia, ou mais, a prestar atenção, ou ouvindo uma lição (muitas vezes longa) ou escrevendo um exercicio, isto é, pede-se-lhes constantemente que estejam attentos, afim de que as palavras ouvidas ou lidas se lhe transformem em ideias tão nitidas como nos nossos cerebros ou no cerebro do autor, e a tal ponto que a efficacia desse esforço appareça sem custo, quando tiverem de repetir o que ouviram.

Si elles, desde que entraram para a escola, não se exercitaram em disciplinar a sua atenção, este esforço que se lhes pede aos dez ou onze annos ultrapassa as suas forças.

Embora sejam os nossos alumnos bem dirigidos desde os primeiros annos escolares, o esforço de atenção que exigimos delles, é sempre grande; cumpre-nos, pois, secundar esse esforço na medida em que elle depende do nosso ensino e dos nossos methodos.

O ENSINO DA LEITURA

Saber ler, é saber traduzir por meio de sons os signaes que constituem os vocabulos. Cada palavra produz em nós uma impressão visual, conforme os elementos que a compõem, tamanho, forma das letras, etc.

Assim sendo, poder-se-ia distinguir umas das outras pela simples fôrma, sem as decompôr. Apresentae a um menino que ainda não sabe lêr, as palavras «chocolate», «pão»; mostrae-lh'as diversas vezes, pronunciando-as ao mesmo tempo, elle as lerá, sem hesitação, embora ignore as letras que as constituem. Reunindo a essas palavras, «gato», «canario», elle ainda fará a distincção entre os quatro termos, sem se confundir, attendendo unicamente á forma. Mas para que esse processo lhe permitta conhecer as quatrocentas palavras que constituem o vocabulario de um ignorante, ser-lhe-ia necessario uma memoria visual mui subtil e um tempo bastante longo.

Não obstante, supponhamos que, por esse meio, o menino consiga lêr as palavras ensinadas; encontrará, todavia, grande difficuldade para represental-as. Desde que sejam formadas por mais de duas letras, o seu conjuncto se torna muito complicado para ser reproduzido de cór, por quem nunca apreciou o valor de cada letra em separado. Por exemplo, a imagem da palavra «parapeito» lhe apparecerá com uma letra de haste ascendente e duas descendentes, separadas por outras dissemelhantes, da mesma altura. Como, porém, reproduzir umas e outras, de cór, obedecendo á ordem em que se acham?

Ahi está a razão por que um menino que aprende a ler por máos processos, commette numerosos erros em orthographia.

Achamos conveniente iniciar o ensino da leitura pelas vogaes. Estando bem gravadas as imagens das mesmas, mostremos á criança o valor da consoante, fazendo ver que esta serve apenas para indicar o modo por que devem ser pronunciados os sons. Ensinemos primeiro as consoantes de um só valor: v, m, n, p, b, etc., fazendo uso de palavras com que as crianças estejam bem familiarizadas.

As excepções do alphabeto só mais tarde deverão ser indicadas.

Este processo não é tão arido como parece. Experimentae e vereis com surpresa que não precisaes recorrer a artificios para despertar nas crianças o interesse, ellas por si se interessarão, experimentando o prazer de citar palavras e phrases onde appareçam os sons ensinados.

Este methodo, bem dirigido, apresenta a vantagem de cultivar a attenção do alumno, de produzir directamente a cultura da linguagem.

Mas como ensinar a leitura aos principiantes? collectiva ou individualmente?

Sendo dada em conjuncto, só os melhores alumnos se esforçam, os outros se limitam a uma repetição arida, feita sem a menor attenção. E quantas vezes ha discordancia entre o som e o signal correspondente!

Seja a sentença — Vovô viu a ave — teremos occasião de notar que certos alumnos dizem «ave», apontando para «viu». Dessa fôrma, como aprender a ler? Assim, em conjuncto, só a leitura no quadro negro apresentará vantagem; ella permittirá que o professor observe attentamente si todos os olhares estão dirigidos para a palavra indicada.

Um meio excellente de obter o progresso na classe é alliar a cada licção de leitura um exercicio de orthographia.

Tomemos a seguinte phrase — «a crina do cavallo». Digamos: em «crina», ouço cr'ina, escrevo, pois, c (ke) r'ina, etc.

Este exercicio é não só uma excellente introduccão para o ensino da orthographia, como tambem um precioso auxiliar da leitura, porque habitua a destacar as syllabas das palavras. E' por isso que os professores que ensinam simultaneamente, com certa habilidade, a leitura, a escripta e a orthographia, obtêm progressos rapidos e infalliveis.

O ensino das primeiras letras, que por um lamentavel uso confiam aos principiantes, não é tão facil como se suppõe. Exige mais do que qualquer outro, principalmente na parte relativa á leitura, um aprendizado especial, uma reflexão aturada, sem o que os processos adoptados, não sendo empregados opportunamente e com graduacão, perdem grande parte da sua effiacia.

A taboada de multiplicar

A taboada de multiplicar é uma grande cousa na vida do escolar e quem a sabe eleva-se á dignidade de grande da classe. E' que o conhecimento da famosa taboada representa, ás vezes, grandes esforços e conduz a um bello resultado, tornando-se o instrumento necessario de duas operações difficéis

A antiga escola punha a taboada nas mãos dos novos e dos velhos alumnos. Para isso não escolhia meios: era não só repetida nas licções de calculo, como cantada nas entradas e sahidas das aulas. Massenet não foi de certo quem escreveu a sua melodia, mas esta pouco importava, o essencial era que pela repetição ficassem gravadas «as palavras».

A principio faziam-se multiplicações com o auxilio de um cartão, onde a taboada vi-

nha impressa e a correcção era feita em voz alta. Algum que tivesse memoria fraca, era recolhido a um canto, onde tinha que repetir 3 vezes 1 são 3; 3 vezes 2 são 6...

Tudo isto, não obstante o ridiculo da cantilena associada á arithmetica, não era máo. Bem se comprehendia o valor da repetição e a importancia preponderante da memoria auditiva. Pouco se preocupavam com a demonstração ou com operações concretas: o fim era que ás crianças adquirissem o mais depressa possivel este conhecimento necessario, e esta fecunda tenacidade compensava a monotonia abstracta dos exercicios.

Tambem hoje os professores experimentados sabem que não basta o esforço da intelligencia para adquirir-se um conhecimento; depois de comprehender, é preciso estudar para reter, e que uma cousa é mais demorada que a outra. Principalmente em arithmetica, seria um erro desdenhar os processos usuaes da repetição mecanica; só elles forçam a memoria. Depois de se ter demonstrado como 5 vezes 7 fazem 35, 8 vezes 7 fazem 56, cumpre aos meninos guardar mentalmente o resultado, o que não é cousa muito facil. Para esse fim manda-se estudar a serie na ordem em que figura na taboada e faz-se recital-a observando essa ordem; em seguida pede-se o producto ao acaso.

Os jovens professores surprehendem-se então com o embaraço do menino e o advertem porque, para responder á pergunta 5 vezes 7, elle parte de 5 vezes 1 e segue a série até 5 x 7 — 35. Entretanto, não deve causar admiracão aquelle que assim procede, pois elle guardou uma série de numeros collocados em uma ordem constante, isto é, uma série de sons associados de maneira invariavel, sem estar ao seu alcance separal-os em partes.

Supponhamos que estamos na casa dos 4. Que o professor escreva os nove primeiros numeros e, abaixo, o multiplicador 4; que elle faça dizer, a meia voz, em uma ordem qualquer, por todos os alumnos e á medida que a sua vara aponta: 4 x 3 — 12, 4 x 2 — 8, 4 x 5 — 20, etc., e estes grupos de tres numeros associados não se succedem uns aos outros na memoria; seu visinho muda a todo instante e elles ficarão independentes da série.

Em vez de apresentar os nove primeiros numeros na ordem crescente, pôde-se tambem distribuil-os ao acaso em linha horizontal, vertical, ou mesmo circular. A variedade é um elemento de interesse. Assim, num dia daremos a estudar 4 x 2, 4 x 5, 4 x 3, 4 x 4, no dia seguinte 4 x 5, 4 x 4, 4 x 2, 4 x 3, no dia immediato uma terceira combinação, e assim por diante, até

que a primeira metade da casa dos 4 fique bem sabida. Como applicação podemos dar as multiplicações seguintes: 324 x 4, 253 x 4, 541 x 4, etc., em que os productos a achar são os que já foram estudados. Como este trabalho não deve ser feito ao acaso, deve-se permittir o uso da taboada, comtanto que ella não passe de um simples auxiliar da memoria. Procurando os productos, a criança esforça-se para retel-os. Quando o alumno tiver que estudar a segunda metade da taboada, deverá conservar a primeira, pondo-a diante dos olhos, de momento a momento. Em arithmetica, como em qualquer outra disciplina, é preciso manter o contacto com os conhecimentos adquiridos e trazel-os consigo. Este conselho serve para todos os alumnos normaes e não para uma élite sómente.

Todos têm necessidade de saber contar. Adiantar a classe em conjuncto, não deixando ninguem pelo caminho é mais vantajoso que fazer um curso rapido, fatigante, que esgota a materia em quinze dias, mas que obriga constantemente a voltar atraz para apanhar os retardatarios. Fazem-se revisões sobre revisões, sem comtudo proporcionar ao alumno o tempo necessario para a acquisição dos conhecimentos administrados. Tres mezes não são demais para o estudo da taboada de multiplicar.

Em summa, o nosso methodo se prende a alguns desses principios: contar sobretudo com a memoria auditiva, — ensinar em ordem variada os tres termos (os dous factores e o producto) que constituem os elementos da taboada; — servir-se do quadro negro para o exercicio de repetição, afim de poupar a voz e o tempo, — exigir um pequeno trabalho apoz a explicação dada, propondo operações escriptas de accordo com os elementos aprendidos, — ensinar pouco de cada vez e repetir constantemente as noções administradas em licções anteriores.

HELENA.

Respostas e informações

Ex-auxiliar do ensino — De accordo com a lei do ensino em vigor, desappareceu o logar de auxiliar do ensino, cujas funções na escola estão hoje sendo exercidas pelos substitutos de adjunctos.

Para os logares de substitutos de adjunctos primarios, diz textualmente a lei (art. 5º do Dec. 2.100 de 14 de Janeiro de 1919) serão nomeados os diplomados pela Escola Normal do Districto Federal, e, não os havendo, serão preferidos os individuos que provarem haver exercido satisfactoriamente o logar de auxiliar do ensino em virtude de concurso.

III--LIÇÕES E EXERCÍCIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

As crianças, hoje alumnos das escolas, são os cidadãos de amanhã. Difficilmente será bom cidadão quem tiver sido creado na ignorancia dos deveres civicos e no desinteresse das instituições da Patria.

Aos mestres, pois, o dever de instruir e educar seus alumnos civicamente é tanto ou mais importante que de qualquer outra forma.

A Instrução Civica deve, por isso, merecer especial cuidado do professor primario. Pela sua capital importancia, e, mais ainda, pelo facto de ser habitualmente descurada por mestres e paes. E tanto devem estudar os alumnos, como alumnas: aquelles, pela parte activa que tomarão por certo na vida politica do paiz; estas, porque, com a tendencia moderna dos povos, poderão ser chamadas em breve a essa mesma vida; e mesmo que tal não se dê, saberão melhor cumprir seus deveres, se trabalharem fóra do lar, e ainda, limitadas a elle, estarão no caso de prestar auxilio poderoso a irmãos, maridos ou filhos, aconselhando-os e incitando-os ao culto sublime da *Patria*, e á pratica das virtudes civicas.

Cumpra, a todo transe, fazer do brasileiro um homem digno da sua grande patria.....
A pedra angular dessa immensa e generosa construcção patriotica ha de ser o combate sem tragoas e por todos os meios á ignominia do analfabetismo, causa primaria de nossa innegavel depressão social.

Arthur Bernardes.

3.º ANNO

A cidade do Rio de Janeiro séde do governo federal; quem governa o Brasil, quem faz suas leis. O Presidente e o Congresso.

O Brasil, como todos os paizes, tem um grupo de individuos que o dirigem, que cuidam de todos os serviços de interesse publico, que o governam, em summa.

Como os serviços publicos são muitissimos e de diversas especies, teem de ser entregues a grande numero de pessoas, que, formando diferentes aggremações, occupam-se deste ou d'aquelle ramo de administração. Uns fazem as leis do paiz, e constituem o se chama poder legislativo; outros se incumbem de executar-as ou as fazer executar, e formam o poder executivo; e finalmente um terceiro grupo, que é o poder judiciario, trata das questões da Justiça.

Por isso o governo do Brasil está distribuido por tres poderes: executivo, legislativo e judiciario.

O Brasil está dividido em estados; estes teem cada um o seu governo, que trata dos interesses especiaes desse Estado. Ha ainda um governo geral, ou governo federal, que cuida de tudo quanto é de interesse geral, de interesse de todos os Brasileiros. Cada

estado tem, como o governo federal, os tres poderes: executivo, legislativo e judiciario.

O chefe do poder executivo federal é o Presidente da Republica, suprema autoridade do paiz. Governa auxiliado pelos ministros, cada um dos quaes tem a seu cargo um ramo da administração e tem sob suas ordens uma serie de funcionarios, para dirigirem ou executarem os differentes serviços.

Os membros do poder legislativo federal constituem o Congresso. Este consta de duas camaras: dos deputados e dos senadores, ou Senado.

O Presidente da Republica reside na cidade do Rio de Janeiro, em que vivemos. O Congresso e o Supremo Tribunal Federal tambem aqui funcionam. Diz-se por isso que a nossa grande e bella cidade é a séde do governo federal.

4.º ANNO

O Districto Federal. O Municipio Neutro. Summario — O Brasil constituido por 20 estados, o territorio do Acre e o Districto Federal.

Os estados autonomos, cada um com seu

governo proprio, independente, cuidando das suas necessidades particulares. Governo geral, que cuida do que interessa a todo o Brasil.

Estados independentes, subordinados a um poder central — regimen federativo. Brasil, republica federativa, federação. Chama-se por isso: Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Séde dos governos estaduaes: as capitaes dos estados. Séde do governo federal: Districto Federal.

O Districto Federal não deve ser aqui onde é e sim no local determinado pela Constituição e situado no planalto central, no estado de Goyaz. Deve ser uma zona immediatamente subordinada ao governo central, e independente de qualquer dos estados. Mudada a séde do governo, o territorio que é hoje Districto Federal ficará sendo um estado, como os outros, ficando a Federação com vinte e um em vez de vinte.

O actual Districto Federal, antes da Republica: séde do governo imperial — municipio neutro. Não fazia parte de nenhuma provincia, immediatamente sob as ordens do governo imperial. Da antiga denominação «muni-

pio» ás actuaes: governo municipal, conselho municipal, etc.

Organisação actual do Districto Federal: alguns serviços desempenhados pelo governo federal, outros pelo municipal.

No Districto Federal os tres poderes, como nos estados e na União.

Poder executivo: chefe o Prefeito, nomeado pelo presidente da Republica e portanto subordinado á União. Governa auxiliado pelos chefes dos diversos serviços publicos.

Poder legislativo: conselho municipal, in-

tendentes eleitos pelo povo. As leis elaboradas pelo Conselho vão á sanção do Prefeito, que as promulga ou veta; a lei vetada é submettida á approvação do Senado Federal, que acceta ou rejeita o veto. Ainda aqui o governo municipal na dependencia do federal.

Poder judiciario: tribunaes e pretorias, especiaes, mas cujos funcionarios são nomeados pelo governo federal.

M. R. Campos

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

As lições de historia, na escola primaria, serão dadas em forma de palestra, em linguagem desataviada.

Aproveitando o mestre a natural curiosidade da criança, provocando-a mesmo, dará aos alumnos os primeiros conhecimentos dessa disciplina, conjunctamente com indicações geographicas bem determinadas.

O conhecimento dos factos mais importantes da historia da Patria e da historia da Humanidade deve acompanhar a criança em sua vida futura, razão por que esse ensino deve ser ministrado de modo que se não apague jamais de sua memoria a lembrança daquillo que lhe pode servir de incentivo.

Mappas, plantas geographicas, photographias de logares, de homens e de cousas, gravuras varias, constituem material indispensavel ao bom exito desse ensino, si não quer o mestre transformal-o em simples papaguear de trechos mais ou menos bem escriptos, porém sempre mal comprehendidos, não assimilados pelas crianças.

A cada logar apontado no mappa, a cada gravura ou photographia apresentada, deve corresponder, nos cerebros infantis, a recordação dos factos historicos nelle desenvolados das scenas occorridas e presenciadas em determinada epoca, em determinado logar.

Só desse modo se fixarão indelevelmente noções uteis que se tornarão solidos alicerces de conhecimentos ulteriores.

2.º ANNO

Logar onde nasceu a criança. Brasil e brasileiros — Patriotismo.

Começará o mestre perguntando: — Você sempre morou neste logar, F.?

A resposta negativa ou affirmativa servirá de pretexto para indagações referentes ao logar preferido para residencia.

Dirão uns que preferem o logar onde residem actualmente; alguns darão preferencia a outros pontos, por mais bonitos, porque ahí nasceram, etc.

Não se esqueça o mestre de elogiar os que mostram preferencias pelo logar onde

nasceram, onde passaram grande parte da infancia, porque revelam um decidido amor á terra onde tiveram os primeiros carinhos e amizades, os primeiros folguedos.

E, aos que se acham fartos de residirem sempre no mesmo logar, enfatiados da solidão que os cerca, mostrará que, transportados para o seio das ruas de grande transito, de bellos palacetes, deslumbrantes lojas, se sentirão deslocados, mal dispostos, e acabarão por desejar voltar ao logar em que se habituaram a viver.

Perguntará si ha muita differença na vida de uma pessoa que, de Laranjeiras muda para Botafogo, do Andarahy para Villa Izabel; e mostrará como as relações de amizade podem ser mantidas pela facilidade dos meios de transporte, como irá encontrar outras pessoas que a comprehenderão perfeitamente, porque fallam a mesma lingua. E as crianças serão assim levadas á conclusão de que habitamos o mesmo logar, a cidade do Rio de Janeiro. Fallará em outras cidades conhecidas das crianças: Nictheroy, Barra Mansa, Petropolis, mostrando crianças que ahí nasceram e que não se mostram differentes das outras, na lingua que fallam, nos costumes.

Mostrar que as pessoas nascidas nesses logares encontram aqui poucas differenças nos seus habitos antigos, razão por que amam o logar onde nasceram. Levará as crianças a comprehenderem que todas nasceram no mesmo paiz, que são brasileiras.

Conversará em seguida sobre as bellezas naturaes deste ou daquelle logar preferido: o mar, as montanhas, as plantações, os rios.

Dirá que o Brasil é a terra, o paiz onde nos sentimos sempre bem porque em todo elle se falla a mesma lingua, os costumes do povo são mais ou menos os mesmos, as regalias são iguaes para todos, porque todo o Brasil é governado pelas mesmas leis, pelo mesmo homem, o Presidente da Republica, que é actualmente o Dr. Epitacio Pessoa.

Terminará elogiando as crianças, pois todas mostram ter grande amor á terra em que nasceram; dirá então que esse amor se

chama Patriotismo e affirmará que todos os brasileiros têm o dever de amar muito e servir com dedicação a Patria, o Brasil, que é a mais bella e a melhor terra do mundo, não tendo porém o direito de offender e desprezar a quem não é natural daqui, mas vem procurar trabalho em nossa terra, contribuindo para seu progresso, sua grandeza.

3.º ANNO

A cidade do Rio de Janeiro, sede do Governo Federal. Quem governa o Brasil, quem faz suas leis. O Presidente e o Congresso.

Procurando reavivar noções já adquiridas em classes anteriores, indagará o mestre em que terra nasceu a criança, fallará sobre os brasileiros e o Brasil, e dirá que a cidade mais importante do Brasil é a do Rio de Janeiro (mostrando-a no mappa).

Fallará na belleza, na importancia commercial e industrial dessa cidade e de outras como: Santos, S. Paulo, etc. Dirá então que no Rio de Janeiro se fixou a residencia do Presidente da Republica. Recordará que é o Presidente quem governa o Brasil, fazendo notar que esse governo não é dictado pela vontade pessoal do Presidente; elle apenas faz executar as leis, toma o compromisso de assim proceder.

Dizer o que é uma lei, ordens geraes e escriptas, dadas por auctoridades competentes. A lei na escola. Obediencia devida ás leis, que são sempre feitas attendendo ao bem publico, ao progresso do paiz.

O Presidente faz executar as leis feitas pelo Congresso, que se desdobra em Senado (constituído pelos senadores) e Camara dos Deputados. Os Senadores e Deputados são escolhidos pelo povo, em eleição.

Fallará o professor no voto, explicará como se faz uma eleição:

Dirá que os mais votados são os representantes do povo e a elles cabe o dever de fazer leis boas e justas para governar o paiz.

Firmará bem a noção de lei, feita pelo Congresso e executada pelo Presidente da Republica, chamando a attenção das crianças para estes dois poderes da nação: o que faz a lei — legislativo e o que executa a lei — executivo. Dirá que o Congresso se reúne todos os annos na cidade do Rio de Janeiro, onde se acha o Presidente da Republica, razão por que é essa cidade a Capital do Brasil, isto é, a sede do Governo da Republica.

As crianças pensarão talvez que, cada anno fazendo-se novas leis, o paiz é governado ora de um modo, ora de outro, sempre a soffrer reformas. O mestre esclarecerá a criança, fallando que são muito perniciosas ao progresso de uma nação essas mudanças constantes e radicaes das leis; dirá que tal não se

dá no Brasil, porque as principaes questões do governo do paiz são resolvidas de accordo com uma lei geral, feita logo no começo da Republica, lei que tem de ser obedecida por todos — a Constituição.

Dirá que essa lei foi feita pelo primeiro Congresso republicano, a Constituinte; que foi assignada e jurada por todos os membros dos poderes executivo e legislativo de então, no dia 24 de Fevereiro de 1891. Ensinará aos alumnos que nessa Lei estão estabelecidos todos os direitos, todos os deveres dos cidadãos brasileiros, governantes e governados. Fallará no espirito liberal dessa lei e mostrará a razão da commemoração da data:

4.º ANNO

Districto Federal. Municipio neutro. Cidade do Rio de Janeiro, 20 de Janeiro — 20 de Setembro.

Começará o mestre mostrando photographias (ou gravuras) de alguns pontos do Rio de Janeiro: o Pão de Assucar, a praia Vermelha, Botafogo, praia de Sta. Luzia, a bahia, as ilhas. Pedirá ás crianças, ou fará, descripções desses pontos, mostrando-os no mappa, insistindo na determinação exacta daquelles onde se desenrolaram os factos mais importantes da historia da fundação da cidade: o Pão de Assucar, a ilha de Villegaignon, o morro do Castello, as praias.

Contará em linguagem singela que esses logares, cobertos de selvas outrora, eram povoados de selvagens, os Tamoyos; que em 1555, um francez, Nicolau Durand de Villegaignon, protestante, protegido por outro protestante, o chefe calvinista almirante Coligny, veio commandando uma expedição á bahia do Rio de Janeiro, tambem conhecida naquelle tempo por bahia de Santa Luzia, e aqui se estabeleceu, fundando uma colonia franceza destinada a servir de refugio aos protestantes, muito perseguidos em França. Diga que os francezes se estabeleceram em uma ilha em frente á praia de Sta. Luzia, e nella levantaram o forte de Coligny, mostrando no mappa essa ilha e as praias fronteiras: Sta. Luzia, Lapa.

Falle nas relações de amizade dos francezes com os selvagens, nas plantações que faziam nos terrenos junto ás praias: era a invasão estrangeira, era o estabelecimento dos francezes em territorio que pertencia aos portuguezes. Diga que o Governador Geral, Mem de Sá, tentou expulsar os estrangeiros. Em vão: elles fogem, se occultam, protegidos pelos selvagens, e voltam a occupar as primitivas posições, e recebem novos reforços. No anno de 1565, Estacio de Sá, foi enviado ao Rio de Janeiro, mas trouxe poucos soldados e não poudé atacar os francezes em combate decisivo. Junto ao Pão de Assu-

GEOGRAPHIA

(Noções para o 5.º anno)

Ideia geral a respeito da Asia, Africa e Oceania

ASIA

Constitue a Asia a mais oriental das divisões do Antigo Continente.

E' a maior das partes do globo, contando 42,000,000 kilometros quad., isto é, 1/3 da superficie total das terras do nosso planeta.

E' limitada: ao N. pelo oceano Glacial Arctico; a Leste, pelo oceano Pacifico e Mar da China; ao S., pelo oceano Indico e a O. pelos Montes Uraes, rio Ural, mar Caspio, monte Caucaso e mares — Negro, de Marmara, Archipelago e Mediterraneo.

A fórma do continente asiatico é a de um trapezio, em suas linhas principaes.

A costa septentrional é pouco recortada, em relação á meridional e á oriental, cujos recortes são innumerous.

Quanto ao aspecto, offerece contrastes absolutos: ás planicies immensas e baixas da Siberia, estereis, geladas, contrapõem-se as uberrimas regiões da India, Indo-China e China e em opposição ás depressões do Mar Morto, Mar Caspio e lago Ural erguem-se os alterosos cimos do Himalaya (Habitação das neves, em sanskritto), com a maxima altitude terrestre (8,840 m.) no Everest ou Guarisankar.

Encontram-se na Asia todos os climas, desde as abrazadoras regiões do meio-dia, até as planicies glaciaes da Siberia.

Regiões principaes

Russia Asiatica, abrangendo a Siberia, Turquia Asiatica, India Britannica, Indo-China Franceza, Arabia, — possessões principaes —; Republica Chinezca, cap. Pekin, Imperio do Japão, cap. Tokio, Reino da Persia, cap. Teheran, Balutchistan, Reino de Sião, Malaca — regiões independentes.

Commercio — Produções — Vias de comunicação

E' consideravel o commercio asiatico. Faz-se principalmente com a Inglaterra, a França, a Hollanda, a Russia e os Estados Unidos da America do Norte.

Sobresahem pela preponderancia commercial na Asia — as Indias Inglezas, o Japão, a China, quer pela exportação, quer pela importação.

Importam productos manufacturados e exportam: ouro, prata, platina, graphite (Siberia) cobre e enxofre (Japão) diamantes e pedras preciosas (India Ingleza) arroz, chá, algodão, sedas, substancias corantes (Chi-

car, onde desembarcará, levantou algumas cabanas para sua gente e dois annos aguardou reforços que afinal lhe foram trazidos por seu tio — Mem de Sá. Descreva o combate encarniçado, feroz, que se travou, no dia 20 de Janeiro de 1567, entre selvagens, francezes e portuguezes, lucta de pagãos, protestantes e catholicos. Victoria destes, maculada por atrocidades desnecessarias, entristecida pela morte de Estacio, em combate na ilha do Governador.

Aproveitando a lição dada, fallará o professor sobre a odiosidade da intolerancia religiosa.

Fará as crianças apontarem no mappa o caminho percorrido pelos portuguezes, passando pelas diversas praias, até se encontrarem com os francezes, na praia chamada hoje do Flamengo. Fallará depois na fundação de uma cidade no morro de S. Januario, hoje Castello, ponto alto, conveniente para a defesa da nova cidade, porque ficava dominando o mar e a matta, os dois inimigos: o estrangeiro e o selvagem. Nome dado a essa cidade, em lembrança da victoria alcançada no dia 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, santo que ficou sendo o padroeiro da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Commemoração justa desse data, que marca a epoca da fundação de nossa cidade; feriado do dia 20 de Janeiro e exposição da imagem de S. Sebastião, na Prefeitura.

Contará aos alumnos que esta cidade, constituida primitivamente de umas choupanas que serviram de casa do governador, Salvador Correia de Sá, e de outras auctoridades, casa dos jesuitas, collegio desses padres, foi progredindo rapidamente, espalhendo-se as casas pela collina abaixo, praias e planicies circumjacentes, até se tornar a importante cidade que hoje é.

Pedindo aos alumnos nomes de bairros, arrabaldes, suburbios da cidade, fará notar que ficam todos esses pontos no Districto Federal, pequeno pedaço do Brasil, governado pelo Prefeito, que é nomeado pelo Presidente da Republica, accentuando que o Presidente não influe no governo do Districto, onde prevalece a orientação do Prefeito.

Fallará que a Constituição de 24 de Fevereiro garantiu a autonomia do Districto Federal, que tem um governo proprio: Prefeito e Conselho Municipal, e se rege por uma lei propria, a Lei Organica do Districto Federal, promulgada no dia 20 de Setembro de 1892, razão pelas qual festejamos e temos feriado o dia 20 de Setembro.

Terminará informando ás crianças que o Districto Federal já se chamou Municipio neutro, no tempo da monarchia, e que recebeu esse nome na occasião de ser desmembrado do Estado do Rio de Janeiro, do qual foi parte integrante até 1834.

na, Japão, Indias) especiarias (India Inglesa) café, incenso, gomma (Arabia) fumo (Turquia) porcellanas, bronzes, marfins, papel (Japão, China e India) tapetes, armas (Turquia e Persia).

D'entre os mais notaveis portos commerciaes, destacam-se Yokoama e Osaka, no Japão; Changhai e Cantão, na China; Victoria, na Malaca Inglesa; Rangun, Calcuttá, Madras, Bombaim, na India Inglesa; Smyrna e Beyruth, na Turquia Asiatica.

As vias maritimas de Suez e oceano Pacifico põem em comunicação com a Europa os portos asiaticos. Possui estradas de rodagem, da Siberia para a China e da Turquia Asiatica e Persia para as Indias, — assim como linhas ferreas, estações radiographicas, telegrapho, cabo submarino, sendo constantemente navegaveis os rios — Amor, Hoanghó, Ganges, Euphrates e outros.

Sua população absoluta — 850.000.000 de habitantes — é a maior do globo, no qual occupa tambem o 1.º lugar pela grandeza da superficie e população relativa — 19 hab. por km.²

Na Asia tiveram origem todas as religiões humanas, sendo a civilização chinesa e indiana antiquissima.

AFRICA

Situada ao S. da Europa e ao SO. da Asia, está a Africa separada desta ultima parte do mundo pelo canal de Suez.

Limita o continente africano, ao N., o estreito de Gibraltar e Mar Mediterraneo, que o separam da Europa; a O., o oceano Atlantico; ao S., os oceanos Indico e Atlantico; a L. o oceano Indico, Mar Vermelho e canal de Suez, que o separam da Asia.

E' portanto todo cercado pelo mar. Sua superficie é de 30.000.000 de km.². Apresenta a Africa a fórma de um triangulo, ou melhor — assemelha-se ao perfil de uma cabeça de cavallo, cujo focinho estivesse voltado para o S.

Offerece grandes contrastes de aridez e fertilidade e, si nesse continente deparamos regiões inhospitas, como a do Sahara (o maior deserto do globo), vemos tambem fertilissimas zonas, como o valle do Nilo.

Quanto aos terrenos centraes, é a Africa pouco conhecida ainda.

Regiões principaes

Egypto, cap. Cairo, sob o protectorado inglez; Tripolitania, colonia italiana; Tunisia, sob o protectorado da França; Marrocos, sob a protecção da França e Hespanha; Argelia, possessão franceza; o Sahara; a Senegambia pertencente á França e Inglaterra; a Guiné Superior, a Guiné Inferior, a

Africa Oriental Inglesa, o Somal, a Erythraea, a Nubia, a Abyssinia, o Sudan e a ilha de Madagascar.

Commercio—Produções—Vias de comunicação

Cortada na parte mediana pelo Equador e apresentando climas abrazadores, offerece a Africa todos os productos da flóra e fauna tropicaes, em valiosos exemplares: pachydermes enormes, aves aquaticas, crocodilos, avestruzes, etc. No littoral da Barbaria abunda o coral.

Entre os productos exportados podemos mencionar: o trigo, o milho, o arroz, o algodão, uvas, tamaras, côcos (Egypto); penas de avestruz, marfim, gommás, borracha, azeite de palma (Sudão); amendoim, gommás, borracha, pelles, plumas, ouro (Senegal); gado lanigero, tamaras, fructas, marfim, tapetes, armas (Marrocos); sal, tamaras, ouro em pó, plumas (Sahara); café, trigo, myrrha (Abyssinia).

O commercio é importante, excedendo no Egypto a exportação á importação.

Innumeras são as estradas de ferro que põem em comunicação as regiões africanas. Assim a argeliana, a tunisiana, a inglesa e a da Guiné. Ha muitos rios navegaveis e enormes *caravanas*, em que o camello e o dromedario são utilizados para transporte de mercadorias.

A população absoluta, em sua quasi totalidade negra, ascende a 130.000.000 de hab — A população relativa é de 4 1/2 habitantes por km.².

OCEANIA

Collocada a O. da America e a S. E. da Asia, a Oceania comprehende infinito numero de ilhas, em sua maioria pouco importantes. Muitas se acham no oceano Pacifico, que banha a região oriental do Novissimo Continente. O Indico banha o S. e o O., encerrando tambem algumas ilhas.

O continente australiano, de littoral pouco desenvolvido, ostenta praias admiraveis e, a oriente, um dos mais lindos portos do mundo — Sydney —; é baixo, sem cursos d'agua, pois o unico rio digno de menção é o Murray.

Localidades ha, de bellissimos panoramas, que encantam a vista do mais exigente observador — As ilhas, muitas madreporicas, apresentam tambem agradaveis perspectivas.

A superficie da Oceania é de 9.000.000 km.², sua população absoluta é de 43.000.000 de habitantes e a relativa — 4 por km.².

Regiões principaes

A Oceania divide-se em 3 partes: Malasia, Melanésia ou Australasia e Polynesia.

A Malasia ou archipelago indiano, sita ao N.O., tem como ilhas principaes: o archipelago da Sonda (sobresahindo Sumatra e Java), a ilha Bornéo, as Molucas e as Philippinas (destacando-se Luçon e Mindaná);

a Melanésia abrange a Australia ou Nova Hollanda, a Tasmania, a Nova Guiné ou Papua e os archipelagos proximos, entre os quaes avultam as ilhas da Nova Caledonia; a Polynésia encerra os archipelagos de Magalhães, o grupo da Nova Zelandia, as ilhas Marshall, as Sandwich e outros.

Essas terras estão divididas entre a Inglaterra, Estados Unidos, França e Hollanda.

Commercio—Produções—Vias de comunicação

Devido á colonização inglesa, a Australia, cujos naturaes constituíam uma das popu-

lações mais rudes do globo, tem se desenvolvido bastante, apresentando uma das zonas industriaes mais uteis do mundo.

Sua agricultura, industria pastoril, exploração de minas, têm tomado grande vulto, sendo o seu commercio florescente.

Os principaes productos de exportação são: lã e carne de carneiro congelada, ouro, prata, cobre, estanho, cereaes, gado, couros, pelles, algodão, fumo, assucar, madeiras, uvas, vinhos.

Os portos mais importantes são: Sydney e Melbourne (Australia), Manilha (Philippinas), Batavia (Java), Brisbane, Porto Adelaide.

Possue 28.000 km. de caminhos de ferro e alguns rios navegaveis (Murray, Darling).

O mar é a grande via commercial. Serviços regulares de paquetes ligam á Europa os principaes portos commerciaes.

Judith Gitahy de Alencastro

LINGUA MATERNA

1.º ANNO

I — LEITURA E RECITAÇÃO

Caricias do sol.

A casa é, sim, pequenina,
Entre flores, tão bonita!
Na janella uma cortina
Ligeira, feita de chita.

Lá dentro, em berço catita
De rendas, todo mimoso,
Já sorri a pequenita
Da mamã lirio formoso.

Sobe o sol lá no horizonte;
Aquece ninhos e ramos,
Beija o rio, beija a fonte,
Faz cantar os gaturanos.

E um raio doirado e quente
Que já abriu uma bonina,
Entra a janella e, ridente,
Vae brincar com a pequenina.

Vocabulário a explicar

Entre flores — no meio de um jardim; *cortina ligeira* — cortina sem enfeites, sem bordados, facil de correr para os lados; *berço catita* — berço arranjado com graça; *mimoso* — delicado, pequenino; *lirio formoso* — é como uma bonita e delicada flor para a mamã; *no horizonte* — lá bem lon-

ge, no lugar mais distante que o olhar alcança; *bonina* — flor delicada da campina; *ridente* — alegre, parecendo um sorriso do sol.

Questionario

Que ha em torno da casa a que se refere a poesia? Quaes as flores que apreciaes? Por que apreciaes a rosa? Onde está o berçinho? Que é um berço? Quem repousava entre rendas? De quem é a pequenita? Quando apparece o sol? Que faz quando se levanta? E' elle necessario aos viventes? Por que? Que fez o raio doirado?

A classe deverá reproduzir nas lousas, em desenho, o quadro descripto pela poesia.

A professora aproveitará o ensejo de palear a respeito dos beneficios da luz e do calor solar; da conveniencia de sua entrada nos aposentos; da necessidade de ficarem, durante o dia, abertas as janellas. Fará notar a alegria de um dia de sol comparando-o com os dias encobertos e tristes.

2.º ANNO

I — LEITURA (para reprodução oral e escripta).

As mãos de Roberto

Um lourinho bonito, de oito annos, é o Roberto. Na escola está sempre attencioso ás explicações da professora que o estima

muitos, e é o primeiro a terminar os deveres da classe. Seus desenhos são bons e nenhum collega faz curvas tão graciosas no traçado das folhas ou das hastes. Mas já repararam as mãos do Roberto? Estão grossas de callos.

Parece um trabalhador que empunha a enxada para ganhar o pão da família. Entretanto elle é pequeno, não precisa trabalhar e tem até muitos brinquedos bonitos.

Mas ama as plantas; nunca zurziu uma arvore, não lhe tira um raminho nem espedaça as flores.

Todos os dias acorda cedo como os passarinhos e acompanha o vovô, que é seu amigo, em todos os trabalhos no jardim e no pomar.

Corta as flores velhas, rega as roseiras da mamã e, com um martello, firma as estacas que o vento abalou.

Sua cabecinha de anneis doirados move-se como um girasol entre outras flores; e nas faces sabem o que tem elle? Duas rosas vermelhas que o fazem muito lindo.

E' que Roberto não é preguiçoso e por isso vive alegre, tem saúde e tem amigos.

Vocabulario a explicar

Empunha a enxada — toma e dirige, no trabalho, a enxada; *ganhar o pão da familia* — obter, pelo trabalho, o dinheiro sufficiente para manter a familia, isto é, para dar-lhe alimento, roupa, calçado e a casa; *zurziu* — bateu, maltratou com pancadas de pau ou de ferro; *acorda como os passarinhos* — sem que alguém o vá despertar, mas sacudido pelo alvoroço que ha na criação quando apparece o sol; *move-se como um girasol* — busca a luz, procura a direcção dos raios do sol, como faz a flor.

Aproveite a professora o ensejo de falar sobre o respeito e cuidados para com as plantas; lembre os proveitos que tiramos do vegetal e as vantagens que resultam, sempre para o homem de sua existencia sobre a terra. Fale dos jardins, das hortas, pomares e mattas. Saliente a necessidade de exercicio nas primeiras horas do dia, depois do repouso de uma noite.

3.º ANNO

I — LEITURA E REPRODUÇÃO

O tronco velho

Era um tronco nodoso e ôco tombado de velhice á beira da corrente. Dos galhos ricos de folhagem que deram outrora boa sombra aos barcos que passavam, restava apenas a carcassa immensa roída pelo tempo, sombria e secca, nua e despresada. Sobre os barrancos asperos do rio ouvia unicamente

o cantar das aguas e talvez sentisse o misero as entranhas estalar de sede. No dorso chagado e negro só os cameleões gosavam na quentura do sol. Longe cantavam gaturamos e si alguma borboleta ali chegava transviada, fugia espavorida a esconder-se em moitas perfumadas. Mas quando o rio erguia as aguas turvas na explosão da enchente, então o triste tronco revivia. Submergindo na agua, bebia-lhe a frescura e, como reverdecia o tronco ufano, nesse tempo de alegria!

Cobria-se de musgos, de fetos, de lianas e de flores. Insectos zumbidores e bandos d'aves, em gorgeios, vinham pousar na trama verde refflorida. E assim o tronco velho vingava em dias breves a magua funda que soffria de anno em anno.

Vocabulario a explicar

Nodoso — cheio de nós; *ôco* — aberto, vasio no interior; *carcassa* — tronco nú, despidido das galas da folhagem; *sombria* — severa, sem o brilho da mocidade; *barrancos asperos* — estado rugoso, fendido da terra marginal do rio, resultante da acção das aguas na epoca das cheias; *misero* — infeliz, desditoso; *entranhas* — parte interna, vasos onde corre a vida, isto é, o sangue, a seiva; *dorso chagado* — casca aberta em feridas nos logares por onde transbordou a seiva, onde houve galhos que cahiram; *transviada* — fóra do bom caminho; *espavorida* — tomada de medo; *explosão da enchente* — força desordenada das aguas que augmentaram e se atiram sobre as margens; *revivia* — sentia voltar-lhe a vida; *submergindo* — afundando; *reverdecia* — voltavam-lhe folhas, ficava verde outra vez; *ufano* — satisfeito, com gloria; *musgos* — vegetação que apparece sobre outras plantas, só tem caule e folhas; *fetos* — samambaias; *lianas* — trepadeiras; *trama* — tecido; *magua* — dor, tristeza, desgosto.

4.º e 5.º ANNOS

Carta com o tratamento de — você.

Maria escreve a sua amiguinha dizendo-lhe a razão de lhe não ter escripto ha mais de um mês.

Summario — Um maninho adoecera gravemente. O medico recommendara mil cuidados. Progressos rapidos da molestia até o periodo agudo. Inquietações e sustos das pessôas da familia. Seus cuidados materiaes e moraes com o doentinho. Restabelecimento e proxima cura do enfermo. Dizer a certeza que tem de muito amar seus parentes, agora, que esteve quasi a perder um e conheceu a bondade e a dedicação dos outros.

I. M.

5.º ANNO

(Conclusão do penultimo numero)

I — LEITURA E RECITAÇÃO

Circulo vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vagalume
— «Quem me dera que fosse aquella loura estrella,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!»
Mas a estrella, encarando a lua com ciume;

— «Pudesse eu copiar-te o transparente lume,
Que da grega columna a gothica janella,
Contemplou, suspirosa a fronte amada e bella!»
Mas a lua fitando o sol com azedume;

— Misera! tivesse eu aquella enorme, aquella
Claridade immortal que toda a luz resume!
Mas o sol, inclinando a rutila capella;

— «Pesa-me esta brilhante aureola de nune...
Enfara-me esta azul e desmedida umbella...
Porque não nasci um simples vagalume?...»

Machado de Assis.

Biographia do autor — Homem de letras, poeta e romancista, natural da Capital Federal, Machado de Assis, destinado primitivamente á vida commercial, o que não estava de accordo com as suas aspirações, dedicou-se á arte typographica, começando pouco depois a versejar e a escrever para um jornal diario. Era um espirito apaixonado dos livros, arguto e original, poeta classico-romântico, de imaginação viva e variada.

Dentre as suas obras, citam-se: Memorias Posthumas de Braz Cubas, Chrisalidas, Phalenas, Quincas Borba, Ressurreição, Helena, Yáyá Garcia, e outras, além de muitos artigos de pulso esparcos pelos jornaes.

Faz parte da Academia Brasileira de Letras, de que foi fundador e primeiro presidente.

Explicações

bailando no ar — volteando, volitando ou girando no espaço; zig-zagueando.

gemia — lamentava-se, lastimava-se, queixava-se.

gemido — queixume mais ou menos prolongado, proveniente de uma dôr moral ou physica.

gemido — pôde significar os sons, os acordes maviosos dos instrumentos ou a vóz soluçante das aves e do vento; ex.: «ouviam-se os gemidos dos ventos, por entre o bambual». «Os doces gemidos da juryty.» «Os gemidos plangentes do violino.» «Os derradeiros gemidos do piano.»

gerner — dar gemidos, externar uma dôr, physica ou moral, figuradamente: soffrer sentir, padecer: «O coração *gema* de dôr pelas ingratições dos mãos»; ainda no sentido de zunir, sussurrar ou murmurar: «O oceano

gema nas praias»; abater-se, dobrar-se, vergar, inclinar-se: «*Gemendo* sob o peso dos fructos»; estalar, ranger, ex.: «As paredes em ruinas *gemem* nos alicerces batidas pelo vento forte».

Fazer *gerner* os prelos, é imprimir. *fitando a lua* — fixando, olhando a lua. *fitar a alguém* — é não lhe tirar os olhos de cima, olhal-a com insistencia.

Quando dizemos: «fite bem o seu pensamento nisto, e verá como logo comprehenderá o que deseja», *fitar* apparece na accepção de empregar com persistencia a attenção.

fito — vem de *fitar*.

Na expressão: «conseguiu seu *fito*»; a palavra *fito* significa, mover, desejo, ambição, alvo, intento.

com os olhos fitos no chão, quer dizer: firmes, immoveis, dirigidos para o chão.

olhar a fito — é olhar attentamente.

lume — fogo, clarão, fulgor.

Quando se diz que o jantar está ao *lume*, quer dizer, ao fogo, a aquecer. — A sala estava illuminada por grande numero de *lumes*, isto é, de velas, luzes, cirios. Na accepção de brilho, scintillação, fulgor ou claridade: «O *lume* das estrellas, dos astros, dos olhos, da intelligencia».

Significando doutrina, guia. «O *lume* da fé vem desde a mais remota antiguidade.»

Falar a lume — é falar por alto; ferir *lume* é fazer fogo, preparal-o e accendel-o.

«*Ter lume de alguma cousa*» — é ter noticias, conhecimento.

«*Trazer a lume alguma cousa*» — é esclarecel-a, publical-a, divulgá-la.

«O *luminar da sciencia*», diz-se daquelle que tem mais illustração, é mais erudito, possui mais brilho; é a luz, é o astro.

luminaria — lamparina, candeia ou archote acceso; a illuminação publica em dias de festividade; antigamente usavam-se lanternas de papel, de variadas cores, para esse fim.

luminosamente — quer dizer, de modo luminoso, com luz propria; *luminosidade* — é a qualidade a tudo aquillo que é luminoso;

corpo luminoso — é aquelle, que irradia a luz; *luminoso* significa — luzente, brilhante, claro, evidente.

grega columna — de estylo grego, formada de linhas rectas; consta de base, fuste e capitel.

gothica janella — janella de estylo gothico, caracterizada pela fórma ogival.

Dizendo — *da grega columna á gothica janella* — o poeta quiz significar — epochas, civilisações, terras differentes, em que o mesmo factó, o encanto do luar, occorre, se repete.

azedume — acrimonia, irritação, aborrecimento;

ao sabor acido de alguns preparados, dá-se o nome de *azedume*.

azedo — é tudo aquillo que produz acidez, que tem sabor acido.

rutila capella — corôa fulgurante; a irradiação luminosa do sol.

capella — é uma igreja pequena, que não é parochia; significa tambem — corôa, grinalda.

rutilo — scintillante.

auréola de nume — circulo de luz, corôa divina, esplendor solar.

auréola — significa diadema, resplendor.

nume — divindade, poder celeste, genio.

umbella — pequeno pallio em forma de guarda-sol, sob o qual vae o viatico. Figurado, na poesia: o ceu azul.

Interpretação do soneto

Um vagalume irrequieto, bailando no espaço, invejava a sorte de uma loura estrella, que na amplidão celestial, brilhava com desusado fulgor. Entretanto, a estrella, ciumenta, lastimava-se por não possuir a luminosa transparencia da lua, meiga companheira dos pensadores, dos poetas e desilludidos, impassivel testemunha dos juramentos e das promessas, trocadas á luz suavissima do luar. Mas a lua, fitando o rei dos astros, magestoso num circulo resplendente de claridade immortal, sentia-se mesquinha, ofuscada por tanta belleza e resplendor.

Entretanto o sol, o bello sol ardente, baixando a corôa luminosa, ébrio da immensidade, de tanto brilho e tanta luz, lamentava não haver nascido um modesto vagalume... — Quanta gente tambem que por ahi existe e que parece venturosa, não trocaria os titulos de nobreza, as glorias, as honras e o ouro, qual o sol radioso, por um sorriso de criança, por um carinho ou uma benção!

Vario e inconstante o destino, bem poucos os que com elle se julgam satisfeitos. Na ancia eterna de querer, e de sempre querer mais, o homem raras vezes experimenta uma felicidade completa: se rico, inveja ao pobre a bemaventurança de seus dias despreocupados; se pobre, cobiça a opulencia, o fausto em que vive o rico.

Entretanto, quantas vezes na cabana modesta do pobre, existe mais ventura do que no palacio sumptuoso do rico.

E assim, tudo na vida: a rosa altiva inveja o perfume subtilissimo da modesta violeta e a brancura do lyrio immaculado, como invejam os desgraçados as consciencias puras e as almas bem formadas.

II—DICTADO E SUBSTITUIÇÃO

A força de vontade

Ha no homem uma força, superior á força vital, cuja acção modifica prodigiosamente o corpo, levanta a energia extincta, activa a vida, vigora os musculos, resiste ás molestias; e methodicamente empregada, subjuga as paixões, modera os desejos, corrige os appetites, conserva a saude e prolonga a vida.

E' coisa sabida que homens tão fracos de corpo, como de espirito, tomam ás vezes, em occasiões de perigo, uma forte resolução, e tal vigor adquirem para executá-la, que pasma aos que os não julgavam capazes de tal esforço. Assim no campo de batalha rivalisam ás vezes os timidos com os mais denodados guerreiros.

Gonçalves de Magalhães.

III—EXERCICIO—CONVERSÃO DA VOZ

ACTIVA NA PASSIVA

A reflexão origina o arrependimento. O outomno recompensa o trabalho do lavrador. A ignorancia engendra a fé nas sciencias occultas. As alterações rompem a amizade. A philosophia e a ambição têm transtornado muitas cabeças. O christianismo venceu o paganismo. A verdade acompanha sempre a constancia. Os prazeres, assim como as magoas, pertubam a alma.

IV—CARTA

Um agricultor escreve a um irmão que cursa uma academia na cidade. Dá-lhe noticias detalhadas das colheitas abundantes que obteve, da alegria que experimentou por vêr o seu trabalho bem recompensado e da esperanza que o anima de realizar grandes economias para comprar um outro campo e explorá-lo.

Compara sua existencia á de seu irmão: cheia de incertezas, dependente da boa vontade e do auxilio de alguém para alcançar uma posição condigna com a carreira que abraçou; enquanto a sua vida é muito mais livre. O homem do campo vive mais, está mais ao abrigo das necessidades e dos perigos.

Convida o irmão a renunciar á carreira e a dirigir com elle os lavradores que tornam as terras de incultas em productivas.

Termina dizendo-lhe que assim dará uma grande prova de patriotismo, pois o Brasil precisa de braços fortes para produzir; e que, só será grande e independente, quando todos os brasileiros comprehenderem que a sua maior riqueza está no seio da terra, e depende do carinho do agricultor por esta.

ENSINO SCIENTIFICO

ARITHMETICA

4.º ANNO

Mez de Junho

— *Multiplos communs e menor multiplo commum. Applicação do menor multiplo commum á redução de fracções ao mesmo denominador.*

Apresentando-me a occupar esta secção, onde fulgurou o alto saber como a competencia pedagogica de distincta senhora e mestra, honra e lustre do magisterio primario, peço aos meus jovens collegas o favor da sua benevolencia para a estreante, que só tem a recommendal-a uma longa experiencia servida pelos melhores desejos de ser util.

E entrando em assumpto, direi que, pela mór parte, laboram os que se iniciam no ensino de crianças no erro de suppôr que não se lhes deve exigir nenhum raciocinio, afim de que sejam poupadas as suas forças intellectuaes que, fatigadas, pouco e mal produziriam. E' fora de duvida que se não deve pedir a ninguem senão o que pôde e deve dar, mas d'ahi á inercia absoluta, d'ahi ao ensino puramente mecanico, que não chega a produzir *conhecimentos*, que não permite *saber para prevêr*, vai larguissima distancia; e ao criterio do mestre incumbe marcar até que ponto deve conduzir os seus alumnos e a que gymnastica mental os pôde submeter.

Tenho em apoio de minha opinião um longo prazo de tirocinio do magisterio, e posso affirmar que colhi sempre vantajosos resultados do ensino raciocinado da arithmetica, não só para tornar facil e sympathico o respectivo apprendizado, como para desenvolver e robustecer de um modo geral as faculdades de indução e deducção.

Compreende-se pois que — tendo de tomar o programma a partir do mez de Junho, serei obrigada a imaginar que as lições anteriores obedeceram á mesma orientação, de modo a servirem de base a estas e ás que lhes fôrem succedendo.

— Começará o professor as lições de Junho, recordando as noções relativas a — multiplo e a factor ou divisor — que devem ter sido dadas por occasião do estudo da multiplicação e da divisão; e do que o alumno conhece sobre as relações existentes d'essas duas operações arithmeticas, ou para dizer melhor — do conhecimento do espirito d'essas duas operações, fará com que o proprio alumno descubra e formule que: — Um numero é multiplo de outro, quando nasce

da multiplicação d'esse outro por qualquer numero inteiro; ou — um numero é multiplo de outro, quando se pôde desdobrar em parcellas todas iguaes a esse outro; ou — quando contem esse outro algumas vezes exactamente; ou — quando, dividido por esse outro, dá lugar a um quociente inteiro; ou — quando da sua divisão por esse outro não ha resto.

Parecerá talvez ocioso obrigar a dizer a mesma cousa por tão variadas expressões; entretanto, isso obriga a recordar uma infinidade de noções que permitem caracterisar perfeitamente as citadas operações e dá lugar a um longo e proveitoso questionario.

Facilmente o alumno concluirá que: multiplo commum a dous ou mais numeros é o numero que puder resultar da multiplicação de qualquer d'esses outros por um numero inteiro; ou é o que se pôde indifferentemente desdobrar em parcellas iguaes a qualquer d'esses outros; etc. etc. etc.; verificando que a noção de multiplo commum já lhe era familiar desde o estudo da multiplicação dos numeros inteiros, quando chegou á conclusão de que — todo o producto é multiplo dos seus factores.

D'ahi á noção de *menor multiplo commum* a dous ou mais numeros vai apenas um passo, bastando fazer vêr ao alumno que — os multiplos em geral, como os multiplos communs a dous ou mais numeros, não têm limite superior, porquanto a serie dos numeros inteiros é illimitada, e é sempre possivel ir multiplicando o numero ou os numeros dados por numeros inteiros successivamente maiores; que, entretanto, é sempre possivel, e muitas vezes necessario, conhecer, determinar o menor dos multiplos communs a numeros dados, porquanto ha casos (que o alumno ha de vêr surgir a seu tempo) em que dous ou mais numeros podem ser substituidos por um de seus multiplos communs, e convem então que seja o menor, para facilidade dos calculos.

Ora, duas hypotheses se podem desde logo apresentar na determinação do menor multiplo commum a dous ou mais numeros: ou estes numeros são *primos entre si*, isto é — não se podem desdobrar em parcellas iguaes, salvo se essas parcellas fôrem iguaes á unidade, ou não o são e portanto podem desdobrar-se em parcellas iguaes. No 1.º caso, como o multiplo tem de conter os numeros dados, que são os seus factores, não haverá producto menor do que o d'esses proprios numeros capaz de contel-os todose a cada um; no 2.º, o factor que contiver um dos outros factores dispensa a consideração d'este ultimo, pois que já estará implicitamente con-

siderado no primeiro. Cumpre, pois, determinar previamente a natureza d'estes factores, e se fôrem porventura numeros multiplos, será necessario desdobral-os nos numeros primos que os constituem.

Não haverá difficuldade em entender este singelo arrazoado, porquanto elle envolve materia dada e recapitulada.

Concluirá o professor que a operação preliminar para determinação do m. m. c. a dous ou mais numeros é a decomposição d'esses numeros, caso sejam numeros multiplos. Feito isso, para achar o m. m. c. procurado, bastará formar o producto dos que fôrem communs, considerando apenas os de maior expoente, isto é, os que entrarem maior numero de vezes na formação dos numeros dados, e dos que não fôrem communs que devem ser considerados taes quaes.

Fará repetir pelos alumnos qual a estrutura do menor multiplo commum a dous ou mais numeros, d'onde concluirá a regra pratica para sua determinação, e por fim dará typo ao calculo, mostrando as vantagens da disposição correspondente.

Applicando estes conhecimentos á redução das fracções ao mesmo denominador, começará por ensinar o que se deve entender por essa expressão; fará vêr a necessidade d'essa operação preliminar no calculo das fracções ordinarias, e mostrará que não só ella é sempre possível, como tambem o denominador commum, salvo um caso unico e especialissimo, não pôde ser senão um multiplo commum aos denominadores das fracções dadas; mostrará mais a conveniência d'esse multiplo ser o menor, e como é facil conservar o valor da fracção, isto é, exprimir a mesma grandeza, a mesma porção da unidade, introduzindo-se em cada numerador o factor que tiver sido introduzido no denominador correspondente. Lembrará finalmente o principio em que se baseia a redução ao mesmo denominador e concluirá ou fará concluir a regra pratica.

Convem ainda prevenir o espirito dos alumnos contra a chamada *regra geral* e as *regras particulares* que se encontram no commum dos compendios: a regra é uma só, cumprindo observar que a differença estabelecida nos compendios resulta apenas de ser tomado para denominador commum ou — o multiplo commum que alli está evidente e que é o producto dos denominadores das fracções dadas — ou o menor multiplo commum a esses denominadores, que é ás vezes um d'esses mesmos denominadores.

4º ANNO

2ª parte do programma do mez de Junho:

—Relação entre as medidas de volume, peso e capacidade

A primeira observação que o professor do 4.º anno deve fazer aos seus alumnos, ao encetar esta segunda parte do programma do mez de Junho, é relativa á impossibilidade de fazel-os estudar as relações entre medidas que lhes são desconhecidas. De facto, só no 5.º anno menciona o programma de arithmetica, e na parte tambem correspondente ao mez de Junho, a noção de volume e o conhecimento das respectivas unidades, cumprindo observar ainda que a ordem das materias se acha alli invertida, pois que — partindo das medidas de volume, passa successivamente ao estudo do cubo e á noção de volume, quando a verdade é que — a noção geral de volume deve preceder o estudo do cubo, e só depois, como applicação d'esses conhecimentos, é que é possível tratar das medidas correspondentes.

Assim, e para satisfazer a direcção d'esta revista, que deseja as lições na ordem do programma official, serei obrigada a suppôr já estudados aquelles pontos, sem os quaes nenhuma idéa se poderia firmar no assumpto de que passo a occupar-me.

— Já tivemos occasião de verificar que em torno de nós só ha seres, corpos; que se nos dão a conhecer pelas suas differentes qualidades ou propriedades, ou de um modo mais conciso: no mundo só ha seres e phenomenos, visto como — phenomeno é qualquer meio de um corpo manifestar ou revelar as suas propriedades.

Vimos tambem que varias são as definições que se podem dar de — corpo — attendendo-se a esta ou aquella das suas qualidades caracteristicas, definições essas que, iguaes no fundo (nem podia ser de outro modo), só variam na fórma, e constituiriam verdadeira redundancia, se não fosse ás vezes preciso particularisar de preferencia um dos modos de ser uma das manifestações do corpo.

Foi assim que definimos:

— Corpo é qualquer porção limitada de materia.

— Corpo é tudo quanto tem peso.

— Corpo é tudo quanto occupa lugar no espaço.

— Corpo é tudo quanto affecta os nossos sentidos, estando entre elles o tacto.

— Corpo é a extensão a tres dimensões ou — é tudo quanto se estende em tres sentidos ou em tres direcções: comprimento, largura e altura, ou espessura.

Ora, sendo o volume justamente a porção do espaço occupada pelo corpo, conclue-se que — onde ha volume ha corpo; mas onde ha corpo ha peso; logo, peso e volume coexistem, estão estreitamente ligados ou, o que é o mesmo, ha entre peso e volume uma relação sempre possível de determinar.

Achar uma relação entre duas grandezas é o que se chama — medir uma grandeza por meio da outra; e, já o sabemos ha muito e é logico — uma d'essas grandezas é forçosamente conhecida, precisa, determinada é — a unidade.

Ora, é de observação vulgar que a um determinado volume correspondem pesos differentes, conforme a substancia, a especie de materia de que se trata. E' assim que qualquer de nós suspende facilmente o volume de um metro cubico de algodão em rama, sendo, entretanto, incapaz de suspender volume igual de ferro ou de granito. Para medir, pois, o peso por meio do volume ou o volume por meio do peso, foi preciso recorrer a uma substancia, a uma especie de corpo intermediario, cujo peso na unidade de volume — servisse de ponto de referencia, de typo, de padrão, de *unidade*, emfim, na avaliação das grandezas de que se trata. Esse corpo foi — a agua distillada, a agua chimicamente pura, na temperatura de quatro grãos centigrados acima de zero, isto é — em temperatura tal que faz subir de 0º a 4º a columna de mercurio no thermometro centigrado. E como ao peso na unidade de volume se chama *densidade*, diz-se que a agua naquellas condições é a *unidade de densidade*.

Toda a questão se reduz agora a achar a densidade de cada corpo, para o que basta comparar, sob o mesmo volume, o seu peso com o da agua nas condições estabelecidas.

Tendo sido escolhido para unidade de volume, na avaliação da densidade, o centimetro cubico, e sendo de um gramma o peso d'esse volume d'agua nas condições já mencionadas, teremos: densidade d'agua = 1; e toda a vez que a densidade de um corpo fôr maior do que 1, isso quer dizer que, sob o mesmo volume que a agua distillada na temperatura de 4 grãos centigrados acima de zero, esse corpo tem mais peso; se a sua densidade fôr menor do que 1, é claro que, sob o mesmo volume, esse corpo tem menos peso do que a agua.

Dizer, pois, que a densidade do mercurio é igual a 13, equivale a dizer que — sob o mesmo volume, o mercurio pesa 13 vezes mais do que a agua; logo, um centimetro cubico de mercurio pesa 13 grammas. Se a densidade do leite é igual a 1,5 é que, sob o mesmo volume, o peso do leite é 1 vez e meia ou 1,5 de vezes maior do que o da agua; logo 1 cm.³ de leite pesa 1,5^{gr}5.

Compreende-se facilmente que — obtido o peso na unidade de volume, isto é — determinada a densidade de um corpo, está determinado por uma simples multiplicação o peso d'esse corpo sob qualquer volume.

Seja, por exemplo, a determinar o peso de um bloco de marmore cujo volume é de 1, dm³400.

Sabendo-se que a densidade do marmore é 2,7, isto é, que um centimetro cubico de marmore pesa 2,7^{gr}7, raciocinariamos:

1cm³ pesa 2,7^{gr}7

1 dm³ 400 (volume 1400 vezes maior do que 1cm³) pesa 1400 vezes mais do que 2,7^{gr}7,

ou

$$2,77 \times 1400 = 3780 \text{ gr.}$$

ou

$$3, \text{kg.} 780$$

Outro exemplo:

Qual o peso de 3, dm³200 de alcool, sabendo-se que a respectiva densidade é 0,8?

— Dizer que a densidade do alcool é 0,8 equivale a dizer que seu peso é igual a 0,8 do peso de igual volume d'agua.

Ora,

3, dm³ 200 d'agua pesam 3200 grammas ou 3, kg200; logo 3, dm³200 de alcool pesam 0,8 de 3, kg200 ou 3, kg200 \times 0,8 = 2, kg560.

O peso é, pois, o producto do volume pela densidade.

Uma vez alcançado este resultado e sabendo nós que sendo dados — um producto de dous factores e um d'esses factores, pela divisão se determina o outro factor, conclue-se:

o volume é o quociente da divisão do peso pela densidade; a densidade é o quociente da divisão do peso pelo volume.

Densidade de alguns corpos mais usados:

Platina	22
Ouro.....	19,25
Mercurio	13,6
Chumbo	11,5
Prata.....	10,5
Bronze	8,9
Cobre.....	8,8
Aço	7,8
Ferro.....	7,78
Estanho	7,3
Marmore	2,7
Vidro.....	2,5
Enxofre.....	2
Leite.....	1,5
Gelo.....	0,92
Azeite	0,9
Alcool	0,8

Vejamos agora a relação entre capacidade e peso.

— A unidade de capacidade é o litro, que é a capacidade de um decimetro cubico.

Ora, a uma determinada capacidade, isto é, a uma certa porção d'esta ou d'aquella substancia capaz de encher um determinado vaso, corresponde sempre o mesmo volume,

visto que occupa sempre a *mesma porção do espaço*.

Dizer pois — um litro — de certa substancia é dizer um decimetro cubico d'essa substancia, e reciprocamente.

Assim, converter capacidade em peso, é converter em peso o volume correspondente.

Seja, por exemplo, determinar o peso de 3,2 de alcool.

3,2 de alcool correspondem exactamente a 3,2dm³200, visto como occupam uma porção do espaço correspondente a 3dm³200.

Sabemos que 3,2dm³200 d'agua pesam 3,2kg200; mas como a densidade do alcool é igual a 0,8, este volume em alcool pesará

$$3,2\text{kg}200 \times 0,8 = 2,56\text{kg}560.$$

D'ahi a regra pratica:

— Para se determinar o peso de um corpo, sendo conhecida a sua capacidade, basta transformar a capacidade em volume e multiplicar-o pela densidade.

O. C.

SEGUNDO ANNO

PROBLEMAS

I) Um negociante deu 940\$500 por 285 metros de panno e vendeu-o depois com um lucro de 199\$500. Por quanto vendeu o metro deste panno?

Solução

$$940\$500 + 199\$500 = 1:140\$000$$

$$1:140\$000 \div 285 = 4\$000$$

Raciocinio

O negociante recebeu pela venda de todo o panno a somma das duas importancias: a da compra e a do lucro, isto é,

$$940\$500 + 199\$500 = 1:140\$000$$

Si recebeu esta quantia pela venda de 285 metros, terá recebido pela venda de 1 metro uma quantia 285 vezes menor, ou:

$$1:140\$000 \div 285 = 4\$000$$

Resposta — O negociante vendeu o panno á razão de 4\$000 o metro.

II) Um negociante ganhou 69\$120, vendendo 384 kilos de assucar por 360\$960. Por quanto havia comprado o kilo de assucar?

Solução

$$360\$960 - 69\$120 = 291\$840$$

$$291\$840 \div 384 = \$760$$

Raciocinio

O preço de venda diminuido do lucro indica o preço de compra, assim:

$$360\$960 - 69\$120 = 291\$840$$

O preço de compra de todo o assucar dividido em tantas partes eguaes quantos são os kilos, representa o preço de 1 kilo de assucar; assim:

$$291\$840 \div 384 = \$760$$

Resposta — O negociante havia comprado o kilo de assucar por \$760.

III) Comprei 30 metros de morim a 2\$300 o metro para mandar fazer uma duzia de camisas. A costureira cobra pelo feitio de uma camisa 1\$600. Qual a despeza total?

Solução racionada

Quantia gasta na compra do morim:

$$2\$300 \times 30 = 69\$000$$

Quantia paga á costureira:

$$1\$600 \times 12 = 19\$200$$

Despeza total:

$$69\$000 + 19\$200 = 88\$200$$

Resposta

A minha despeza total com uma duzia de camisas é 88\$200.

IV) Uma senhora comprou sardinhas a \$900 a duzia. Quanto pagará pelo cento? Quantas sardinhas terá por 3\$000?

Raciocinio

Si 12 sardinhas custam \$900, 1 sardinha custará 12 vezes menos, ou:

$$\$900 \div 12 = \$075$$

Si 1 sardinha custa 75 rs., o cento, ou cem sardinhas, custará uma quantia cem vezes maior, isto é,

$$75 \text{ rs.} \times 100 = 7\$500$$

Por 3\$000 poderá esta senhora ter tantas sardinhas quantas vezes 3\$000 contém 75 rs.; assim:

$$3\$000 \div 75 \text{ rs.} = 40$$

1.^a Resposta — A senhora pagará 7\$500 pelo cento de sardinhas.

2.^a Resposta — A senhora terá 40 sardinhas por 3\$000.

V) Onze pessoas, reunidas em um hotel, gastaram no almoço 26\$400 e no jantar 38\$500; qual a contribuição de cada uma?

Solução racionada

Somma dos gastos no hotel:

$$26\$400 + 38\$500 = 64\$900$$

Gastos referentes a uma pessoa:

$$64\$900 \div 11 = 5\$900$$

Resposta — Cada pessoa contribuirá com 5\$900.

QUESTÕES PRATICAS

I

Qual a diferença entre a 5.^a parte e a 7.^a parte de 42\$?

$$R. 2\$400.$$

Solução

$$42\$ \div 5 = 8\$400 - 6\$ = 2\$400$$

II

Decompôr o numero 209580:

- a) em centenas e unidades;
 b) em milhares e dezenas;
 c) em centenas de milhares, centenas simples e unidades.
- R. — 209580 = 2095 centenas e 80 unidades = 209500 + 80.
 R. — 209580 = 209 milhares e 58 dezenas = 209000 + 580.
 R. — 209580 = 2 centenas de milhares, 90 centenas simples e 80 unidades = 200000 + 9500 + 80.

III

Achar o resultado de:

$$(406 + 29 + 58) \times 2 \div (757 - 699)$$

$$R - 17.$$

IV

Multiplicar a somma de 153 mais 1596 mais 297 mais 87 pela diferença entre a primeira e a ultima parcella e dividir o producto pela terça parte da penultima parcella. R.—1422.

Solução

$$(153 + 1596 + 297 + 87) \times (153 - 87) \div$$

$$\div (297 \div 3) = 2133 \times 66 \div 99 =$$

$$= 140778 \div 99 = 1422.$$

V

(Compor os numeros que constam de:

- a) 17 centenas e 9 unidades;
 b) 8 milhares e 4 dezenas;
 c) 82 dezenas de milhares e 15 dezenas simples;
 d) 5 centenas de milhares, 83 centenas simples e 17 unidades.
- R.—1700+9=1709.
 R.—8000+40=8040.
 R.—820000+150=820150.
 R.—500000+8300+17=508317.

TERCEIRO ANNO

I) Uma pessoa misturou 3,42 de alcool de \$900 o litro com 6,08 de alcool de 1\$200 o litro e deseja saber quanto vale o litro da mistura. Calcule-o.

Raciocinio

Multiplicando-se o preço do litro de alcool pelo respectivo numero de litros, saberemos o valor de cada porção de alcool, isto é,

$$\$900 \times 3,42 = 3\$078$$

$$1\$200 \times 6,08 = 7\$296$$

Sommando-se estes dois valores, acharemos o valor da mistura; assim:

$$3\$078 + 7\$296 = 10\$374$$

Sommando-se as duas porções de alcool, conheceremos o numero de litros da mistura; assim:

$$3,42 + 6,08 = 9,50$$

Dividindo-se o valor da mistura (10\$374) pelo numero de litros da mesma (9,50), teremos achado quanto vale o litro da mistura; assim:

$$10\$374 \div 9,50 = 1\$092 \text{ ou } 1\$100.$$

Resposta

O valor exacto do litro da mistura é 1\$092; o valor approximado é 1\$100.

II) Quinze potes de manteiga pesam juntos 240 kg., 750. Cada pote vasio pesa 1 kg. 3, Quanta manteiga em cada pote?

Solução racionada

- Peso dos 15 potes vasio:
- $$1 \text{ kg.}, 3 \times 15 = 19 \text{ kg.}, 5$$
- Peso de toda a manteiga:
- $$240 \text{ kg.}, 750 - 19 \text{ kg.}, 5 = 221 \text{ kg.}, 250$$
- Peso da manteiga em 1 pote:
- $$221 \text{ kg.}, 250 \div 15 = 14 \text{ kg.}, 750$$

Resposta

Em cada pote ha 14,750 kg., de manteiga.
 III) A altura de uma torre é de 61,18. Os degrãos têm 0,23 de altura e acham-se distribuidos em 19 lances eguaes. Qual o numero de degrãos em cada lance?

Raciocinio

Si 1 degrão tem 0,23 de altura e si a torre tem 61,18 de altura, quantas vezes esta altura contiver aquella, tantos serão os degrãos, isto é,

$$61,18 \div 0,23 = 266 \text{ degrãos}$$

Já que estes degrãos estão distribuidos em 12 lances eguaes, resta sómente dividir o numero de degrãos (266) em 19 partes eguaes, ou,

$$266 \div 19 = 14 \text{ degrãos}$$

Resposta

A escadaria que vae ter ao alto da torre tem 14 degrãos em cada lance.

IV) Um cozinheiro foi contractado para um anno, a trabalhar 28 dias por mez, á razão de 7\$200 por dia de serviço; e quando faltasse, seria descontado, não só do salario diario como ainda de 1/4 do mesmo.

No fim do anno este cozinheiro recebeu 2:320\$200. Pergunta-se quantos foram os dias que faltou ao trabalho.

Solução racionada

N. de dias de serviço em 1 anno.

$$28^d \times 12 = 336 \text{ dias}$$

Ordenado de um anno de trabalho:

$$7\$200 \times 336 = 2:419\$200$$

Quantia descontada:

$$2:419\$200 - 2:320\$200 = 99\$000$$

Desconto de 1 falta:

$$7\$200 + 7\$200 \div 4 = 7\$200 + 1\$800 = 9\$000$$

Numero de faltas:

$$99\$000 \div 9\$000 = 11$$

Resposta

O cozinheiro faltou ao trabalho 11 dias.

V) Um negociante compra uma fazenda a 8\$500 o metro e quer vendel-a com lucro de 20%. Quanto ha de pagar o freguez que lhe comprar 14m,80?

Raciocinio

Vejamos porque preço venderá o metro. Para isso temos que calcular 20% do preço de compra, que é o lucro; assim:

$$20\% \text{ de } 8\$500 = 8\$500 \times 20 \div 100 =$$

$$= 170\$000 \div 100 = 1\$700$$

Donde o preço de venda de um metro será egual ao preço de compra (8\$500) mais o lucro correspondente (1\$700), isto é,

$$8\$500 + 1\$700 = 10\$200$$

Ora, o freguez que compra 14,80, terá de pagar o preço de um metro repetido 14,80 vezes, ou:

$$10\$200 \times 14,80 = 150\$960.$$

Resposta

O freguez paga 150\$960.

QUESTÕES PRATICAS

I

Multiplicar por 1000 o quociente da divisão de (0,209 + 0,05041 + 0,0535) por (736,15-698,45).
 R— 8,3.

Solução

$$(0,209 + 0,05041 + 0,0535) \div (736,15 - 698,45) 1000 =$$

$$= (0,31291 \div 37,7) 1000 =$$

$$= 0,0083 \times 1000 = 8,3$$

II

Dividir por 100 os seguintes numeros decimais:

- a) 5,7 R. 0,057
b) 238,5 R. 2,385
c) 76,42 R. 0,7642

III

Achar o resultado de:

$$2,3 \times 8 + 0,112 \times 10 + 12 \times 3,5 - 2,48 \times 3,009. \quad R. 54,05768.$$

Solução

$$2,3 \times 8 + 0,112 \times 10 + 12 \times 3,5 - 2,48 \times 3,009 =$$

$$= 18,4 + 1,12 + 42 - 7,46232 =$$

$$= 61,52 - 7,46232 = 54,05768.$$

IV

Determinar o valor de:

$$(3,5 \div 10 + 7 \div 0,8) (2,4 - 1,09). \quad R. 11,921$$

V

Elevar o n. 11 á 5ª potencia. R. 161051.

QUARTO ANNO

PROBLEMAS

I) Uma senhora comprou 13 kg. 800 de lã a 7\$200 o kilogramma; levou 18 dias a fazer meias que vendeu a 5\$400 o par.

Quanto ganhou por dia, sabendo que 5 pares de meias gastam 1725 grammas?

Raciocinio

Vejamos quanta lã gasta um par de meias. Ora, si 5 pares gastam 1725 grammas, 1 par gastará 5 vezes menos, isto é,

$$1725 \text{ g.} \div 5 = 345 \text{ grammas}$$

Calculemos o numero de pares de meias que a senhora pôde fazer com a lã que comprou.

Ora, quantas vezes a lã de um par (345 g.) se contiver em toda a lã comprada (13 kg. 800), tantos serão os pares de meias, isto é,

$$13 \text{ kg. } 800 \div 345 \text{ g.} = 13800 \text{ g.} \div 345 \text{ g.} =$$

$$= 40 \text{ pares de meias.}$$

Determinemos a quantia gasta na compra da lã. Si 1 kilogramma de lã custou 7\$200, os 13 kg. 800 terão custado uma quantia 13,8 vezes maior, ou,

$$7\$200 \times 13,8 = 99\$360.$$

Determinemos a quantia recebida na venda das meias. Vendendo as meias a 5\$400 o par, a senhora recebeu esta quantia repetida tantas vezes quantos são os pares de meias que fez (40), ou,

$$5\$400 \times 40 = 216\$000.$$

Calculemos o lucro, o qual deve ser igual á differença entre o valor da receita e o da despesa, isto é,

$$216\$000 - 99\$360 = 116\$640$$

Procuraremos finalmente o lucro correspondente a um dia de trabalho. Si em 18 dias ganhou 116\$640, em 1 dia terá ganho uma quantia 18 vezes menor, ou,

$$116\$640 \div 18 = 6\$480$$

Resposta

A senhora ganhou por dia 6\$480.

II) Um negociante comprou uma peça de inho de 107,20 a 4\$700 o metro. Tendo já ven-

dido 3 córtes de 16,30 a 81\$500 cada um, quer saber por quanto ha de vender o metro da parte restante, afim de tirar o lucro de 15 % em toda a peça.

Solução racionada

Preço de compra da peça de linho:

$$4\$700 \times 107,20 = 503\$840.$$

Numero de metros já vendidos:

$$16,30 \times 3 = 48,90$$

Numero de metros restantes:

$$107,20 - 48,90 = 58,30$$

Quantia recebida na venda dos 3 córtes:

$$81\$500 \times 3 = 244\$500$$

Lucro de 15 % sobre o preço da compra:

$$503\$840 \times 15$$

$$(15 \% \text{ de } 503\$840 = \frac{75\$576}{100} = 75\$576)$$

Preço de venda de toda a peça:

$$503\$840 + 75\$576 = 579\$416$$

Quantia a receber pelos metros ainda não vendidos:

$$579\$416 - 244\$500 = 334\$916$$

Preço de venda do metro da parte restante:

$$334\$916 \div 58,30 = 5\$744 \text{ ou } 5\$740.$$

Resposta

O negociante ha de vender o resto da peça, á razão de 5\$740 o metro.

III) O proprietario de um campo rectangular ganhou 9 % sobre o preço de compra, vendendo-o por 1:255\$680. Este campo tem 72 metros de comprimento sobre 32m de largura. Calcular o preço de compra do hectometro quadrado.

Solução racionada

Area do campo:

$$1\text{m}^2 \times 32 = 2304 \text{ metros quadrados}$$

Conversão de metros quadrados em hectometros quadrados, cuja relação é de 1 para 10000:

$$2304\text{m}^2 = 0,2304 \text{ Hm}^2$$

Preço de compra do campo, cujo resultado se obtem multiplicando-se o preço de venda por 100 e dividindo-se o producto por (100+9), isto é

$$\frac{100\$ \times 1255,680}{109} = 1:152\$$$

109

Preço de compra do hectometro quadrado:

$$1:152\$000 \div 0,2304 = 5:000\$$$

Resposta — Este campo fôra comprado á razão de 5:000\$ hectometro quadrado.

QUESTÕES PRATICAS

I

Achar o maximo commum divisor dos numeros:

- a) 225, 165, 495 e 150 R. 15
b) 168, 252 e 189. R. 21
c) 780, 660, 1500 e 840. R. 60
d) 649, 792 e 432. R. 72
e) 7102 e 804. R. 134

II

Quass os numeros que têm para maior divisor commum 56 e para quocientes das divisões successivas 9 e 11?

R. 5600 e 616.

O maximo commum divisor de dois numeros é 27; os quocientes das divisões effectuadas para determinol-o são 10, 4 e 12. Quaes são esses numeros?

R. 13554 e 1323.

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166

R. Libero Badaró, 129

R. da Bahia, 1055

de Paulo de Azevedo & Cia., livreiros editores e importadores

Extracto do Catalogo:

HILARIO RIBEIRO	
Cartilha Nacional.	\$400
2º Livro de Leitura.	\$600
3º Livro de Leitura.	\$600
4º Livro de Leitura.	\$600
THOMAZ GALHARDO:	
Cartilha da Infancia.	\$500
2º Livro de Leitura.	1\$000
3º Livro de Leitura.	2\$000
EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO:	
1º Livro de Leitura.	1\$500
2º Livro de Leitura.	2\$000
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$000
5º Livro de Leitura.	3\$000
SERIE PUIGGARI-BARRETO:	
Cartilha Analytica.	1\$500
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	2\$000
ARNALDO BARRETO:	
Cartilha das Mães.	1\$000
Primeiras Leituras.	2\$000
Leituras Moraes.	1\$500
FRANCISCO VIANNA:	
Primeiros Passos na Leitura.	1\$200
Cartilha.	1\$500
Leitura Preparatoria.	2\$000
1º Livro de Leitura.	2\$500
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$500
JOÃO KOPKE:	
1º Livro de Leitura.	1\$500
2º Livro de Leitura.	2\$000
3º Livro de Leitura.	2\$000
4º Livro de Leitura.	3\$000
5º Livro de Leitura.	4\$000
Leituras Praticas.	1\$500
Fabulas (em verso).	1\$500
D. MARIA ROSA RIBEIRO:	
Leitura Intermediaria.	2\$000
Leitura para o 2º anno.	2\$500
Leitura para o 3º anno.	2\$500
Leitura para o 4º anno.	3\$000
D. RITA DE MACEDO BARRETO:	
Leituras Preparatorias.	2\$000
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$000
ABILIO CESAR BORGES:	
1º Livro de Leitura.	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.	1\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500

Syllabarios e Livros de Leitura

SABINO e COSTA E CUNHA:		
Expositor da Lingua Materna.	1\$000	
Segundo Livro.	1\$000	
FERREIRA DA ROSA:		
Methodo de aprender a ler.	\$500	
2º Livro de Leitura.	1\$500	
3º Livro de Leitura.	2\$000	
Excursões escolares.	1\$000	
DR. MARIO BULCAO:		
Vida Infantil, 1º Livro.	1\$500	
Vida Infantil, 2º Livro.	2\$000	
Vida Infantil, 3º Livro.	2\$000	
COLLECÇÃO F. T. D.		
Quadros Muraes, cada quadro.	1\$000	
Novos Principios de Leitura.	\$700	
Guia da Infancia, 1ª parte.	1\$000	
Guia da Infancia, 2ª parte.	1\$000	
Guia da Infancia, as 2 partes.	1\$800	
O 1º Livro de André, 1ª parte.	2\$000	
O 1º Livro de André, 2ª parte.	2\$000	
Compendio de Historia Sagrada.	2\$000	
Noções de Sciencias.	1\$500	
Anthologia (3º livro da coll.).	2\$500	
Anthologia (4º livro coll.).	4\$000	
JULIA LOPES DE ALMEIDA — Contos Infantis.		3\$000
R. PUIGGARI — Coisas Brasileiras.	2\$000	
D. ESTRADA — Historia Natural.	2\$500	
J. LOPES DE ALMEIDA — Historias da Nossa Terra.	3\$000	
J. J. ROCHA — Fabulas.	1\$000	
R. THEOPHILO — Sciencias Naturaes.	2\$000	
GABRIELA FRANÇA — Contos Brasileiros.		1\$000
E. DE AMICIS — Coração.	1\$500	
BILAC e NETTO — Contos Patrios.	3\$000	
» » — Patria Brasileira.	3\$000	
A. M. PINTO — Proverbios Populares.		2\$000
AFRANIO PEIXOTO — Minha Terra e Minha Gente.		2\$500
E. M. A. — Passa-tempo Infantil.		1\$500
CORNAZ — As creanças e os animaes.		1\$500
CORNAZ — Novos Amigos.		2\$000
C. E. DA COSTA — Contos Moraes.		1\$000
BILAC e BOMFIM — Livro de Leitura.		4\$000
BILAC e NETTO — Theatro Infantil.		2\$000
CORREIA e BARRETO — Era uma vez.		2\$000
BILAC e BOMFIM — Atravez do Brasil.		4\$000
F. LUZ — Leituras de Ilka e Alba.		2\$500
D. ESTRADA — Leituras militares.		2\$500
O. S. REIS — Previdencia.		3\$000
Remetemos nosso catalogo, gratis, para todo o Brazil		

SCIENCIAS PHYSICAS E NATURAES

2.º ANNO

Iniciando uma serie de breves lições relativas ao programma actual, não posso deixar de fazer uma pequena observação sobre a materia, bastante interessante para os professores em geral e muito agradável para quem escreve estas linhas.

O alludido programma abrange muita coisa, o que torna difficil a dosagem de materia para cada lição. Tentarei, por isso, reduzir o mais possível para que os professores dellas se possam servir, como simples orientação pedagogica dada á marcha de suas lições.

Assim, para que desde já estas lições prestem algum serviço começarei pelos mezes de Junho e Julho.

Considerando a materia anterior já explicada farei mais tarde a sua apreciação.

O estudo das sciencias physicas e naturaes exige do mestre algum cuidado, como seja o preparo previo da lição e a explicação a mais concreta possível.

Deve elle, tambem olhar a recreação do ensino, de modo a poder deixar expandirem-se a percepção, a sensação, a observação e a comparação simples e relativa. A percepção é a primeira phase da intelligencia, por isso, tudo que a possa affectar virá auxilial-o effizantemente. Além disso muito influe o gosto do mestre no ministrar seus conhecimentos, tornando-os sempre attrahentes e convidativos aos alumnos.

MEZ DE JUNHO

Esboço da vida dos animaes e das plantas. — Comparação com os mineraes.

O professor poderá munir-se de antemão de estampas ou quaesquer outros objectos em que possa mostrar animaes e vegetaes e assim iniciará a lição.

— Que tenho na mão, Paulo? — Uma figura. — Que representa? — Um boi ou um cavallo pastando. — Que come elle, José? — «Capim». — E elle tem necessidade de se alimentar, Joaquim? — Sim, para viver. O cão, o gato, a vacca e outros animaes tambem comem para viver, não é assim?

(Querendo, aqui o professor falará sobre os differentes modos de alimentação desses animaes inferiores comparando-os ao do homem, notando, porém, a superioridade deste). Em seguida, mostrando outra estampa, arguirá:

— Que vê, Marilia, nesta outra figura?

— Representa uma arvore e alguns arbustos.

— De que vive a arvore? E os arbustos, Helena? E a rozeira, o craveiro do seu jardim, Sylvia? E a pequena planta das ruas? Todas vivem e se alimentam da agua que chupam da terra onde estão suas raizes.

Nesse liquido vão dissolvidas as materias de que ellas precisam para viver; tanto que se as deixarmos sem regar ou se não chover, ellas seccarão e morrerrão, não é?

Mas o alimento do boi é o mesmo da planta, Genny? Não, é bem diverso, mas o certo é que ambos se alimentam e vivem. O boi come para viver. — A planta alimenta-se tambem para viver — Mas, o boi já era desse tamanho tão crescido, Joãozinho? Não, elle era pequeno e cresceu. E a arvore sempre foi assim grande? Não, ella tambem foi pequenina e cresceu até ficar mais alta que o boi, não é assim? Qual é a semelhança, Antonio, que você acha entre este boisinho e esta plantinha, que acabamos de ver? E' isso mesmo. Ambos vivem, alimentam-se e morrem. São portanto seres vivos, como nós.

Agora, se eu lhes mostrar esta pedra que achei na rua, poderão dizer-me do que ella se alimenta? Ella cresce — ella vive, emfim? Não, ella não nasceu, não cresce, não se alimenta, nem morre, porque não tem vida. Podemos cortal-a aos pedacinhos e será sempre pedra. O mesmo succederá com este pedaço de ferro, Antonio? Sim, será sempre ferro, não se alimenta, etc. (aqui o professor apresentará outros mineraes conhecidos e fará a comparação com os seres anteriormente vistos). O boi, o cavallo, a planta, são, pois, seres vivos ou animados, chamados animaes e vegetaes. Diga-me, porém, Maria, os animaes são completamenté iguaes ás plantas ou vegetaes? Não, elles têm uma differença muito sensível, apezar da semelhança que já vimos.

— Se chamar um cachorrinho meu conhecido, elle vem aonde eu estiver? Vem. Porque? Porque tem movimento voluntario, pois si elle entender de fugir, corre; não é, Nair? Agora, eu queria aqui aquella arvore tão linda do Jardim Botânico. Se eu a chamasse ella viria, Antonio? Não, porque ella não tem movimento voluntario. Embora attendesse ao meu chamado e quizesse vir, não poderia. Então podemos dizer que os animaes e vegetaes são seres vivos — mas um tem movimento voluntario, enquanto o outro não. A pedra é uma coisa muito differente delles, pois, é morta — logo — ella e os outros corpos que vimos — chamados mineraes, são seres mortos ou inanimados. Dahi a divisão

de todos os seres da natureza em animaes, vegetaes e mineraes.

MEZ DE JULHO

Nossos vestuarios: — lã, algodão, linho e seda

— «Como está bonita, Helena? De que é feito o seu vestido? — Mãe me disse que é de lã. — E porque o vestiu hoje? — Porque está fazendo frio, e é o vestido mais quente que eu tenho. — Então, a lã é o tecido mais quente que conhecemos? De que é feita, João, não sabe? E' isso mesmo, preparada do pello que se extrahê do carneiro e da ovelha (aqui convem o professor falar sobre o modo de tirar o pello, como é cardado e fiado para poder formar o tecido). Tere-mos sempre necessidade de usar a lã, esse tecido tão quente, José? Não. Uma vez o tempo esteja firme, e a temperatura que nos cerca nos dê o calor que precisamos para nosso corpo, podemos, digo, é preciso allivial-o dos tecidos quentes e pesados. Maria, outro dia você trouxe um vestido côr de rosa tão lindo, de que é elle? E' de lã?

— Não senhora. E' de musselina, ou antes, é de algodão.

E de onde tiramos o algodão, Helena? — De uma arvore chamada algodoeiro. — Mas que parte produz o fio? E' isso mesmo, Antonio, é d'aquella pennugem que esconde os caroços ou sementes, que se fazem os fios, por um processo especial, dando-lhes a cor e grossura desejada para formarem os bellos tecidos. Desde a roupa branca até as fazendas escuras podem ser feitas de algodão, que será fino, grosso, crú alvejado, branco ou tinto. O algodão será tão quente quanto a lã, Marina? Não, elle é mais fresco. Nos dias de calor não o supportamos bem, principalmente quando é grosso. Nair, de que, precisamos então. De um tecido mais leve ou mais fresco. Qual é, Helena, o tecido que usamos então? — E' o linho. Muito bem. E' muito mais fresco que o algodão e que a lã.

Donde será tirado o linho, Maria? E' tambem de uma plantinha chamada linho, que tratada pelo homem dá um fio, que pôde ser tão fino até formar a cambráia de linho, usada para as roupas mais delicadas.

Alguem já viu a planta do linho? Não, pois vou mostrar-lhes na estampa que aqui

vêm, porque o linho não existe com abundancia em nosso paiz. E' muito mais cultivado no estrangeiro, dahi o preço elevado que nos cobram pelo seu tecido. (Aqui o professor mostrando a estampa convenientemente, poderá occupar-se do modo pelo qual preparam o linho, a cortidura ou maceração, etc. — Ao mesmo tempo, poderá falar de outras plantas textis, citando as brasileiras chamadas aramina, a guaxima, o iucum, a sapucaia, a piassaba, o bacury, etc.)

— Agora, Marietta, com que vestido costuma ir ao theatro? — Umavez vou com o de filó e em outras com o de seda branco. — São pesados os dois? — Não, ambos são leves e vaporosos. — Com certeza o seu filó é tambem de seda? — Não, senhora, é de algodão. — E de onde nos vem a seda, Emilia? Será tambem de uma planta? Não, é tirada de um casulo, de uma lagarta, que uma borboleta ou animalzinho, depõe nas folhas da amoreira; (Aqui poderá o professor falar da cultura do bicho da seda, fazendo sentir que já ha muita seda nacional e o quanto é facil a cultura do *bombyx* da amoreira. Existem quadros que representam essa cultura e que facilitarão a explicação do professor). Proseguindo: Vejamos, Antonio, que necessidade temos de vestir, uma vez lã, outra algodão e, como vimos, até o linho, a seda? — E' só para cobrirmos o corpo dos olhos dos outros, ou é por luxo, por vaidade? Não, Joãozinho, o vestuario é preciso, porque se fizer muito frio e não nos abrigarmos, ficaremos doentes. Ha logares onde pessoas morrem de frio.

No nosso paiz abençoado, apenas, em alguns estados o frio é mais forte, mas nunca igual ao frio da Europa, ou daquelles logares onde os povos se abrigam com pelles de animaes. O calor do nosso corpo nem sempre está em combinação com o tempo, isto é, com a temperatura que nos cerca. Dahi a necessidade que temos de cobrir o corpo, ora com a lã, ora com o algodão, ora com o linho e a seda.

Então, recordando, Marina, a nossa lição, que podemos dizer sobre o vestuario? Pôde ser de lã — tirado do animal — do algodão e linho — tirado das plantas — e de seda, formado da casa ou casulo de um animal, etc.

Dahi tiramos que dois reinos da natureza fornecem os tecidos para nosso vestuario — o animal e o vegetal.

Zelia Bonifacio

LIÇÕES DE COUSAS

2.º ANNO

As nuvens, a chuva

Tarde serena e limpida de fim de primavera. A' varanda de uma casa de campo situada na Tijuca, achavam-se sentados Paulo, Luiz, Laura e D. Bella, preceptora dos pequenitos.

De repente, interrompendo a lição que ouviam interessados dos labios da mestra, Paulo, o mais velhinho, inquiriu-a:

— Que são as nuvens e como podem assim apparentar tão bellas e variadas côres?

Vêde a que se afasta por detraz da montanha, como se mostra de um roseo avermelhado! — Era o arrebol.

A professora satisfeita por vel-o assim observador dos elementos, que já despertavam curiosidade nos outros irmãos, passou a palestrar sobre o assumpto, que era o mesmo das lições do dia:

— Trouxe-os para este ponto, meus caros meninos, muito a proposito.

Daqui gozareis do panorama encantador tão propicio ao nosso thema.

As nuvens, esses flocos que imitam tão bem as pastas de algodão ou os brancos lençóis de espuma sobre o mar, são apenas o vapor d'agua que já conheceis!

Os meninos admirados, mais interesse mostraram ainda e ella, em tom claro e pausado, assim falou:

— Quando acordaes, no inverno principalmente, não observaes, ao abrires a boca, uma ligeira fumaça que se evola?

Todos responderam affirmativamente.

— Assim, nas plantas, nos mares, nos lagos, nos fogões, nas machinas dos vapores e dos trens, em todos os organismos vegetaes e animaes, o mesmo acontece.

E' o vapor d'agua. Essa immensa quantidade de vapor d'agua, calculada em um litro, para um dia, em cada metro quadrado da superficie da terra, sóbe para a atmosphera e ahí se condensa formando as nuvens.

Quanto mais se eleva na atmosphera, mais fria se torna a temperaturã e, pelo afastamento do sol, mais escuras se mostram as altas regiões.

— Donde então a belleza daquella nuvem que vemos além, perguntou Laura, um tanto pasmada?

— Do sol, puramente do sol, que envia á nuvem os seus mais lindos raios, tornando-a assim brilhante e encantadora!

Conheceis o cambiante do arco-iris? E' a refração do sol na agua. Esse cambiante da nuvem, vermelha aqui, além um tanto dourada, de um roseo discreto e pallido acolá, é o raio do sol no nevoeiro!

As crianças encantadas ante tanta maravilha da criação, supplicaram-lhe que dissesse algo sobre a chuva.

A educadora continuou: — O que vimos, só acontece nas nevoas transparentes e leves que se deixam atravessar pelo sol; as mais espessas, opacas portanto, não se deixam ultrapassar pela luz do sol, conservando a côr escura, acinzentada ou, vulgarmente, côr de chumbo. São as nuvens de chuva.

Muito delgadas as particulas que formam as nuvens, quasi invisiveis, descem no ar e encontram outras camadas mais aquecidas, attrictam-se e passam novamente ao estado de vapor. Si formam gottas muito pesadas, nessa união, em vez de subirem como vapor d'agua, caem e depressa chegam ao solo, em forma de chuva.

Nas epocas de immenso frio, as gottas se solidificam na atmosphera e desabam em saraivadas ou pequeninas pedras.

Ha, porém, as *chuvas de pedra*, que são diferentes dessas e produzidas pela electricidade, que se desenvolve nas grandes tempestades.

Luiz redargiu então: — Quaes são os resultados da chuva?

— Muitos e beneficos: refresca a temperatura, si estamos no verão, fertiliza os campos, penetra no sólo e renova o lençol d'agua; engrossa os regatos, os riberros, e volta em grande parte, em forma de vapor, para a atmosphera.

— Mas a chuva devia durar sempre — disse o pequeno — já que produz tantos beneficos.

— Não, respondeu o irmão, porque em demasia, como tudo em abundancia, traria tantos prejuizos, quanto bem nos produz sendo commedida.

HYGIENE

A gymnastica respiratoria constitue um exercicio de incontestavel vantagem na escola primaria onde, em geral, se vêm creanças de physico doentio, debilitadas, organicamente mal desenvolvidas, tudo isso determinado por causas diversas, algumas difficeis de serem combatidas na escola, outras, porém, passíveis de modificação por meio de exercicios convenientes.

A respiração ampla, de modo a dilatar convenientemente os pulmões, capaz de introduzir no sangue a quantidade de oxygeno que elle requer, é um exercicio que a creança não sabe fazer. Ha alguns annos passados esse facto não merecia a attenção dos mestres, preocupados exclusivamente com o desenvolvimento intellectual dos alumnos. Hoje, porém, que a hygiene escolar véla pela saude da creança, impedindo que a sobre-carga de estudos asphyxie o organismo na época de crescimento, todos os conselhos que visam o aperfeiçoamento das funcções de nutrição ou a energia muscular, encontram no professor um dedicado auxiliar, sempre prompto a pôr em execução as regras estabelecidas para aquelles fins.

Os phenomenos de inspiração e expiração não representam apenas o mechanismo da respiração. O modo de respirar é factor importante para o equilibrio da saude. A respiração curta, que não permite uma absorpção regular de ar oxygenado, é defeituosa e incapaz de satisfazer a transfor-

mação do sangue venoso em sangue arterial.

Para que a creança se habitue a respirar bem, devem ser feitos diariamente nas escolas exercicios de gymnastica respiratoria executados como ensina o tratado de Hygiene dos Drs. Afranio Peixoto e Graça Couto, conforme a ordem que se segue:

1º — Começa-se, os braços cahidos, a bocca fechada, inspirando lentamente, enquanto se vae levantando os braços estendidos até á posição horisontal e depois até acima da cabeça: leva-se assim, o mais possivel e depois, rapidamente, abaixam-se os braços, fazendo uma expiração forçada. Faz-se este exercicio muitas vezes, e durante algumas semanas. Passa-se depois ao immediato.

2º — Estendam-se os braços para a frente, de modo a ficarem juntas as mãos pelos dorsos; depois, aspirando lentamente, vae-se com os braços descrevendo um circulo num movimento lento que os reuna nas costas, juntas as palmas das mãos. Depois expiração rapida e movimento para a frente: recomença-se.

3º — Elevação e rotação do hombro para traz, aspirando lentamente pelo nariz; abaixamento de hombro e rotação para a frente expirando lentamente, os dous lados alternados.

4º — Inclinação do tronco para traz, as mãos nos quadris, aspirando lentamente; depois movimento para a frente rapido, com expiração.

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

CIRCULA EM TODO O BRASIL

ASSIGNATURAS:

Por um anno	7\$000	Por seis mezes.	4\$000
Anno de 1916 - 17, 1917 - 18, ou 1918 - 19			
Em avulsos	7\$000	Encadernado	10\$000

Acceitam-se annuncios compatíveis com o caracter desta revista, podendo os interessados procurar o gerente nos dias uteis, das 3 ás 5 horas da tarde, á

RUA 7 DE SETEMBRO 97 - 2º andar

TELEPHONE 562 CENTRAL

CREME INFANTIL

EM PÓ DEXTRINIZADO

Toda criança, mesmo alimentada ao seio, precisa, depois do sexto mez até dois annos, tomar uma boa farinha como auxiliar da alimentação, devido á necessidade que tem o organismo de saes de phosphoro, ferro, etc.

A farinha ideal é o "Creme Infantil" em pó dextrinizado, cuja composição é simples, não contendo substancias estranhas.

A sua digestão já está quasi feita. E', além de tudo, o unico producto alimentar e scientifico que está ao alcance dos pobres.

CUSTO

Pacote - 1\$200 -:- No interior - 1\$300

Este alimento é tambem o ideal para as pessoas que soffrem do estomago e dos intestinos.

À VENDA NOS GRANDES ARMAZENS e PHARMACIAS

PREPARADO POR

Dr. Raul Leite & Cia

Escriptorio: 73, Rua Gonçalves Dias, 73

Endereço Telegr. "Infantil - Rio" - Tel. 3820 Norte

Heitor Ribeiro & C.

PAPELARIA

Artigos para Escriptorio
e Desenho

Papel e Livros em branco

TYPOGRAPHIA

Lithographia — Pautação

e
Encadernação

RUA DA QUITANDA, 88, 90 E 92

Officinas: Rua do Rosario, 87

Teleph. Norte 1664 — Caixa do Correio, 357

End. Telegraphico RICEDO

RIO DE JANEIRO

OS PROFESSORES GOZARÃO DE ABATIMENTO

Moveis

e

Tapeçaria

LEANDRO MARTINS & C.

93. Rua do Ouvidor, 95

Pilulas Fortificantes

de

CARLOS CRUZ

Remedio indicado para combater a anemia, fraqueza e côres pallidas.

Agentes Geraos: **CARLOS CRUZ & C.**

Rua S. Bento, 3

Telephone Norte 6762

AO TROVADOR

ANTIGA CASA DOL

Casa especial em artigos para crianças
Enxovaes de casamento, recém-nascidos
e roupas brancas

Pereira, Garcia & Cia

129, RUA DO OUVIDOR, 129

ANTIGO 99

End. Telegr. "CASADOL-RIO" — Teleph. 271 Norte
RIO DE JANEIRO

Papelaria Typographia

Lithographia

Encadernação e Pautação

Villas-Bôas & C.^a

Secção especial de artigos
para desenho, pintura, engenharia,
escolas, artes decorativas.

IMPORTADORES E EXPORTADORES
Deposito de papeis de todas as qualidades

Rua 7 de Setembro, 219 a 225

Fabrica e Officinas - RUA SILVA JARDIM, 33 e 35

— Rio de Janeiro —

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — BELLO HORIZONTE
 Rua do Ouvidor, 166 — R. Libero Badaró. 129 — R. da Bahia, 1055
 de Paulo de Azevedo & Cia., livreiros editores e importadores

Extracto do Catalogo :

Syllabarios e Livros de Leitura

HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.	\$400
2º Livro de Leitura.	\$600
3º Livro de Leitura.	\$600
4º Livro de Leitura.	\$600

THOMAZ GALHARDO:

Cartilha da Infancia.	\$500
2º Livro de Leitura.	1\$000
3º Livro de Leitura.	2\$000

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO:

1º Livro de Leitura.	1\$500
2º Livro de Leitura.	2\$000
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$000
5º Livro de Leitura.	3\$000

SERIE PUIGGARI-BARRETO:

Cartilha Analytica.	1\$500
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	2\$000

ARNALDO BARRETO:

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras.	2\$000
Leituras Moraes.	1\$500

FRANCISCO VIANNA:

Primeiros Passos na Leitura.	1\$200
Cartilha	1\$500
Leitura Preparatoria	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$500

JOÃO KOPKE:

1º Livro de Leitura.	1\$500
2º Livro de Leitura.	2\$000
3º Livro de Leitura.	2\$000
4º Livro de Leitura.	3\$000
5º Livro de Leitura.	4\$000
Leituras Praticas.	1\$500
Fabulas (em verso).	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO:

Leitura Intermediaria.	2\$000
Leitura para o 2º anno.	2\$500
Leitura para o 3º anno.	2\$500
Leitura para o 4º anno.	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO:

Leituras Preparatorias.	2\$000
1º Livro de Leitura.	2\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500
4º Livro de Leitura.	3\$000

ABILIO CESAR BORGES:

1º Livro de Leitura.	\$600
Novo 1º Livro de Leitura.	1\$000
2º Livro de Leitura.	2\$500
3º Livro de Leitura.	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA:

Expositor da Lingua Materna.	1\$000
Segundo Livro.	1\$000

FERREIRA DA ROSA:

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura.	1\$500
3º Livro de Leitura.	2\$000
Excursões escolares.	1\$000

DR. MARIO BULCAO:

Vida Infantil, 1º Livro.	1\$500
Vida Infantil, 2º Livro.	2\$000
Vida Infantil, 3º Livro.	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro.	1\$000
Novos Principios de Leitura.	\$700
Guia da Infancia, 1ª parte.	1\$000
Guia da Infancia, 2ª parte.	1\$000
Guia da Infancia, as 2 partes.	1\$800
O 1º Livro de André, 1ª parte.	2\$000
O 1º Livro de André, 2ª parte.	2\$000
Compendio de Historia Sagrada.	2\$000
Noções de Sciencias.	1\$500
Anthologia (3º livro da coll.).	2\$500
Anthologia (4º livro coll.).	4\$000

JULIA LOPES DE ALMEIDA — Contos Infantis.

Contos Infantis.	3\$000
R. PUIGGARI — Coisas Brasileiras	2\$000
D. ESTRADA — Historia Natural.	2\$500
J. LOPES DE ALMEIDA — Historias da Nossa Terra	3\$000
J. J. ROCHA — Fabulas.	1\$000
R. THEOPHILO — Sciencias Naturaes	2\$000

GABRIELA FRANÇA — Contos Brasileiros.

Contos Brasileiros.	1\$000
E. DE AMICIS — Coração.	1\$500
BILAC e NETTO — Contos Patrios.	3\$000
» » » — Patria Brasileira	3\$000
A. M. PINTO — Proverbios Populares.	2\$000

AFRANIO PEIXOTO — Minha Terra e Minha Gente.

Minha Terra e Minha Gente.	2\$500
E. M. A. — Passa-tempo Infantil.	1\$500
CORNAZ — As creanças e os animaes.	1\$500

CORNAZ — Novos Amigos.

Novos Amigos.	2\$000
C. E. DA COSTA — Contos Moraes	1\$000

BILAC e BOMFIM — Livro de Leitura.

Livro de Leitura.	4\$000
BILAC e NETTO — Theatro Infantil	2\$000
CORREIA e BARRETO — Era uma vez.	2\$000
BILAC e BOMFIM — Atravez do Brasil.	4\$000

F. LUZ — Leituras de Ilka e Alba.

Leituras de Ilka e Alba.	2\$500
D. ESTRADA — Leituras militares	2\$500
O. S. REIS — Previdencia	3\$000

Remettemos nosso catalogo, gratis, para todo o Brazil